



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

**“Aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar”
Ambiente Nutridor e Diversidade Sexual: Vivências de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais
na Universidade Federal do Pará**

Vinícius Cutrim Ferreira

Belém – Pará
2025



**“Aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar”
Ambiente Nutridor e Diversidade Sexual: Vivências de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais
na Universidade Federal do Pará**

Vinícius Cutrim Ferreira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Aline Beckmann Menezes

Belém – Pará
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

F383a Ferreira, Vinícius Cutrim
“Aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar”. Ambiente nutridor e diversidade sexual: vivências de pessoas lésbicas, gays e bissexuais na Universidade Federal do Pará / Vinícius Cutrim Ferreira. — 2025.

135 f. il.

Orientadora: Aline Beckmann de Castro Menezes
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2025.

1. Psicologia: análise do comportamento. 2. Movimento LGBT. 3. Minorias sexuais - UFPA. 4. Ambiente nutridor (vivências). 5. Educação Superior – UFPA. I. Título.

CDD - 23. ed. — 150.7709811

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva – CRB-2/780

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Vinícius Cutrim Ferreira, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil.

Contato: Vinicius Cutrim Ferreira.

Mail: vnscn@gmail.com



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias Nº. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Defesa de Mestrado

**““Aqui foi o Primeiro Espaço onde eu Pude Respirar”:
ambiente nutridor e diversidade sexual – vivências de
pessoas lésbicas, gays e bissexuais na Universidade
Federal do Pará.”**

Aluno: Vinícius Cutrim Ferreira.

Data da Defesa: 27 de junho de 2025.

Resultado: Aprovado.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br ALINE BECKMANN DE CASTRO MENEZES
Data: 05/08/2025 14:55:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Aline Beckmann de Castro Menezes (orientadora – UFPA).

Documento assinado digitalmente
gov.br LEANDRO HERKERT FAZZANO
Data: 04/08/2025 20:13:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^o Dr^o Leandro Herkert Fazzano (membro 1 – UFMT).

Documento assinado digitalmente
gov.br MILENE MARIA XAVIER VELOSO
Data: 05/08/2025 12:12:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Milene Maria Xavier Veloso (membro 2 – UFPA).

**Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para
Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA**

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor*: Vinicius Cutrim Ferreira

Vínculo com a UFPA: () Servidor; (X) Discente Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Sub Unidade: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tipo do documento: () Tese; (X) Dissertação; () Livro; () Capítulo de Livro; () Artigo de Periódico;
() Trabalho de Evento; () Outro. Especifique: _____

Título do Trabalho: “Aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar” - Ambiente Nutridor e Diversidade Sexual: Vivências de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais na Universidade Federal do Pará

Data da Defesa: 27/06/2025

Área do Conhecimento: Psicologia

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

- a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

(X) Sim

() Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

(X) Não

O documento está sujeito ao registro de patente?


() Sim

(X) Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém(PA), 24/08/2025

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Autor

Documento assinado digitalmente
 VINICIUS CUTRIM FERREIRA
Data: 24/08/2025 12:58:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico esta dissertação à minha mãe e à minha avó, minhas raízes mais profundas e minhas primeiras asas. À minha mãe, que trabalhou longas e duras noites para que eu pudesse sonhar com manhãs tranquilas e leves. À minha avó, que me ensinou que o afeto é uma forma importante de sustento. Foi com a força de vocês que atravessei fronteiras, internas e geográficas. Este trabalho floresce porque vocês, antes de mim, prepararam o solo.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente à minha mãe, minha avó e meu irmão. Forças motrizes para que eu possa alcançar qualquer sonho e objetivo. Sem vocês, nada faz sentido. Obrigado por todo suporte, apoio e paciência de sempre. Vocês acreditam mais em mim do que eu mesmo.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Aline Beckmann, por ter sido não apenas meu referencial nessa etapa da vida acadêmica, mas por ter sido casa e acolhimento em um momento tão intenso. Você me recebeu de braços abertos na universidade, no seu laboratório, na sua casa e no seu coração. Minha jornada foi regada de amor, sorrisos e abraços, e tudo isso devo a você.

Agradeço à quem nunca saiu do meu lado: Anna Luiza Lindoso, Rannyelle Nunes, Luyla Landim, Giovanna de Melo. A amizade de vocês traz sentido a minha vida. Confio em vocês como guias e portos seguros para qualquer situação. Não importa onde eu esteja no mundo, sempre estaremos com os corações conectados e, de olhos fechados, sempre as vejo na primeira fileira da minha vida, torcendo por mim, sorrindo meus sorrisos e chorando meus choros. Vocês são família.

Às que entraram no meu coração e logo conquistaram espaço: Anne Castro, Ana Maria Prates, Danielle Xavier e Sibeli Holanda. Vocês fizeram com que eu encontrasse um lar em Belém do Pará. Estar com vocês é sinônimo de alegria, apoio e determinação. Me inspiro em vocês, me orgulho de vocês e sou feliz por nossos encontros. Sei que onde eu tiver, seja em São Luís, em Teresina ou em Belém, sempre estarei colado com vocês. Nenhuma distância separa a conexão que estabelecemos. Vibro e sinto a vibração da nossa amizade, todos os dias.

Agradeço ao meu grande amor, Gabriel Nascimento. Meu fiel companheiro de pesquisa, de academia e da vida. Escrevo essa mensagem exatamente no dia que completamos um ano juntos. Você trouxe luz, afeto e companheirismo aos meus dias, obrigado por todo apoio e por aguentar minhas inseguranças, sempre trazendo doses de ataque de confiança e suporte. Compartilhar a vida contigo traz sentido a existência nesse plano terrestre. Te amo no presente, futuro e nos infinitos que cabem em um só olhar.

Agradeço à Universidade Federal do Pará, tanto pela recepção quanto pela potencialização da minha figura pessoal, profissional e acadêmica. Realizar minha pesquisa em um espaço pessoal de vivência fez com que eu pudesse me conectar com a academia de várias formas.

Ao meu programa de pós-graduação e à CAPES pelos incentivos para tornarem o mestrado uma realidade possível.

E, especialmente, aos participantes da minha pesquisa que se colocaram disponíveis várias vezes para que a construção desse trabalho fosse possível. Em coletivo, somos mais fortes.

“A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”
Paulo Freire, Pedagogia da esperança (1992)

Ferreira, V. C. (2025). “Aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar” - Ambiente Nutridor e Diversidade Sexual: Vivências de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais na Universidade Federal do Pará. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. 135 p.

RESUMO

A permanência de estudantes Lésbicas, Gays e Bissexuais no ensino superior é atravessada por estigmas e omissões institucionais, que comprometem a qualidade da vivência acadêmica. Mesmo com avanços no acesso, condições equitativas de desenvolvimento subjetivo e social ainda não são garantidas a corpos que fogem a norma. Ao mesmo tempo, a universidade pode representar um espaço fértil de autoconhecimento, pertencimento e encontro com outros que compartilham vivências. Este estudo teve como objetivo avaliar a Universidade Federal do Pará enquanto um ambiente nutridor para pessoas lésbicas, gays e bissexuais, à luz do conceito de Ambiente Nutridor, que compreende quatro dimensões: minimização de condições tóxicas, promoção de práticas pró-sociais, limitação de influências adversas e incentivo à busca por valores e flexibilidade psicológica. Adotou-se uma abordagem qualitativa, com delineamento exploratório e estudo de caso, por meio de entrevistas semiestruturadas com 16 estudantes de graduação de cursos diversos. A análise de conteúdo orientou a categorização dos relatos em três eixos: questões gerais, diversidade sexual e interseccionalidades. Os resultados revelam tanto fragilidades institucionais, como sobrecarga, silêncio curricular e insuficiência de apoio, quanto potencialidades, como espaços de acolhimento entre pares e experiências de fortalecimento identitário. Conclui-se que universidades podem promover justiça e pertencimento, desde que se comprometam com mudanças estruturais e sensíveis às realidades dissidentes.

Palavras-chave: Minorias Sexuais e de Gênero. Educação Superior. Ambiente Nutridor. Análise do Comportamento.

Ferreira, V. C. (2025). "Here was the first space where I could breathe" - Nurturing Environment and Sexual Diversity: Experiences of Lesbians, Gays and Bisexuals at the Federal University of Pará. Master's dissertation. Postgraduate Program in Behavioral Theory and Research. Federal University of Pará. 135 pages.

ABSTRACT

The permanence of lesbian, gay, and bisexual students in higher education is affected by institutional stigmas and omissions, which compromise the quality of their academic experience. Despite advances in access, equitable conditions for subjective and social development are still not guaranteed to dissident bodies. At the same time, the university can represent a fertile space for self-knowledge, belonging, and encounters with others who share experiences. This study aimed to evaluate the Federal University of Pará as a nurturing environment for lesbian, gay, and bisexual people, in light of the concept of a Nurturing Environment, which comprises four dimensions: minimizing toxic conditions, promoting pro-social practices, limiting adverse influences, and encouraging the pursuit of values and psychological flexibility. A qualitative approach was adopted, with an exploratory design and case study, through semi-structured interviews with 16 undergraduate students. Content analysis guided the categorization of the reports into three axes: general issues, sexual diversity, and intersectionalities. The results reveal both institutional weaknesses, such as overload, curricular silence and insufficient support, and potential, such as spaces for peer support and experiences of identity strengthening. It is concluded that universities can promote justice and belonging, as long as they commit to structural changes and are sensitive to dissenting realities.

Keywords: Sexual and Gender Minorities. Higher Education. Social Environment. Behavior Analysis.

Sumário

Apresentação.....	12
Diversidade sexual no ensino superior	18
Psicologia e compromisso social	20
O conceito de Ambiente Nutridor e sua aplicação ao contexto universitário.....	22
Método	29
Delineamento.....	29
Ambiente	32
Participantes.....	32
Materiais e Equipamentos.....	33
Procedimento	34
Análise de dados	34
Cuidados éticos.....	36
Resultados e discussão.....	37
Seção I - Minimização de condições sociais e biologicamente tóxicas	41
Seção II – Promoção e reforçamento de comportamentos pró-sociais	54
Seção III – Monitoramento e estabelecimento de limites sobre influências e oportunidades para o desenvolvimento de comportamentos problemáticos	67
Seção IV - Promoção da busca consciente, flexível e pragmática dos valores sociais e da flexibilidade psicológica	80
Considerações finais	89
Referências	97
Anexos.....	107
Anexo 1 – Aspectos do ambiente nutridor (Biglan, 2015) e adaptação desses aspectos para a realidade do Ensino Superior (Castro, 2025).....	108
Apêndices.....	109
Apêndice 1 – cartaz de divulgação da pesquisa.....	110
Apêndice 2 – roteiro de entrevista semiestruturado	111
Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	115
Apêndice 4 – Tabelas de categorização das dimensões	119

Apresentação

O presente trabalho intitulado “*‘Aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar’ Ambiente Nutridor e Diversidade Sexual: Vivências de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais na Universidade Federal do Pará*” está vinculado ao Laboratório de Soluções Educacionais (LSE), e integra, em nível de mestrado acadêmico, o Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O interesse do mestrando pelo tema surgiu a partir de inquietações vivenciadas ao longo da educação básica e no ensino superior no estado do Maranhão, por ser um homem cisgênero gay. No cotidiano escolar, violências implícitas e explícitas eram rotineiras, naturalizadas, e colocavam indivíduos à margem do coletivo, provocando um constante sentimento de solidão, de erro e a sensação de que algo em si era desviante. A ausência do apoio institucional e de professores ao longo desse processo repleto de agressões e micro agressões fortaleceu o repertório comportamental de um coletivo formado por perpetradores de violência direcionada a grupos minoritários, fator que comprometeu fortemente a qualidade de vida e saúde mental do mestrando. Já adentrando ao ensino superior, alguns pontos mudaram de perspectiva e a pluralidade ficou mais evidente. Sendo a universidade o primeiro espaço institucional onde encontrou pares, esse local físico e abstrato tomou proporções diferentes e uma inquietação surgiu: O que de tão diferente acontece na passagem da educação básica para o ensino superior?

O presente trabalho traz inovação por se propor a compreender vivências de pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGB's) no ensino superior a partir de um conceito pouco estudado na Análise do Comportamento - principalmente no Brasil - denominado “Ambiente Nutridor”. Esse conceito, dentro de uma perspectiva analítico

comportamental, incentiva o desenvolvimento de estratégias coletivas que proporcionem uma melhor qualidade de vida e pode ser benéfico quando aplicado a populações vulnerabilizadas, como veremos adiante. Além disso, deve contribuir com a realidade acadêmica a partir do momento que evidencia cientificamente cenários passíveis de mudança, potencializando a saúde mental e qualidade de vida dos universitários.

Assim, esta dissertação está organizada em a) Introdução: contextualizando um panorama geral sobre os principais temas abordados como o cenário sobre o ensino superior no Brasil, concepções gerais sobre diversidade sexual e sobre o conceito de ambiente nutridor e seus desdobramentos; b) Método: espaço para explanação de como foi organizado e conduzido o processo de construção da pesquisa; c) Resultados e discussão: aqui iremos discutir sobre os principais achados do estudo e como ele dialoga com a literatura atual sobre o assunto, sendo dividido de acordo com as dimensões propostas pelo conceito de ambiente nutridor; e d) Considerações finais: onde serão apontadas as principais limitações desta pesquisa e quais são as direções futuras.

A história da educação no Brasil é marcada por processos de exclusão e reprodução de desigualdades. Desde o período colonial, a educação formal esteve a serviço dos grupos dominantes, restringindo-se às elites e funcionando como instrumento de manutenção de privilégios. As instituições educacionais foram, por muito tempo, espaços de reprodução da cultura eurocêntrica e dos valores hegemônicos impostos por uma elite branca, masculina e cristã. A escola brasileira, desde sua origem, operou como espaço de silenciamento de saberes populares, indígenas e africanos, desconsiderando as múltiplas epistemologias que compõem o país (Freire, 1987).

Paulo Freire (1996) foi um dos principais autores a denunciar esse caráter conservador da educação, compreendendo-a como um campo político em disputa. Para Freire, a educação não é neutra, isto é, ela pode servir à libertação ou à domesticação dos sujeitos. Quando guiada por uma lógica hegemônica, que transmite conteúdo sem diálogo, ela contribui para a manutenção das estruturas de dominação. Por outro lado, uma educação crítica e emancipatória parte do reconhecimento da historicidade dos sujeitos, valoriza suas experiências e promove a transformação da realidade. Ao longo da história, essas contradições foram se expressando em diferentes níveis de ensino. A universalização tardia da educação básica no Brasil, os altos índices de evasão escolar, o racismo estrutural e a marginalização de comunidades periféricas e rurais demonstram como o direito à educação, apesar de garantido constitucionalmente, ainda é atravessado por marcadores de desigualdade. No que tange à diversidade sexual e de gênero, o apagamento curricular e a ausência de políticas estruturadas de combate à LGBTfobia¹

¹ Termo que designa o preconceito, discriminação ou violência direcionados a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou outras dissidências de gênero e sexualidade.

revelam um modelo de escola que naturaliza a cis-hetero-normatividade e acaba por silenciar identidades dissidentes (Ventimiglia & Menezes, 2020).

A educação superior, embora historicamente restrita às elites, passou por significativas mudanças nas últimas décadas, especialmente com a ampliação do acesso promovida pelas políticas de cotas e de ações afirmativas. Contudo, como afirmam Prado e Altmann (2023), o acesso não tem sido acompanhado de garantias plenas de permanência. As universidades brasileiras, ainda que mais diversas, continuam marcadas por práticas pedagógicas excludentes, currículos hegemônicos e violências institucionais que comprometem o bem-estar de estudantes pertencentes a grupos historicamente marginalizados.

Nos últimos anos, uma série de pesquisas têm evidenciado o adoecimento psíquico de estudantes universitários, chamando atenção para a precarização das condições de permanência no ensino superior, o impacto das pressões acadêmicas e a ausência de suporte institucional adequado. Os dados do último relatório da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES, 2019) revelam que mais de 80% dos discentes nas universidades federais enfrentam dificuldades financeiras severas, sendo estas diretamente associadas a quadros de ansiedade, estresse e depressão. Estudos como os de Sahão e Kienen (2021) reforçam que, mesmo em contextos que garantem o acesso formal à universidade, a permanência se torna um ato de resistência cotidiana, atravessado por condições de vulnerabilidade que comprometem a saúde mental e a qualidade do percurso acadêmico. Em sua revisão sistemática, as autoras identificam fatores dificultadores e facilitadores da adaptação universitária, destacando que níveis elevados de exigência e dificuldades nas relações

interpessoais estão entre os principais desafios, enquanto redes de apoio e integração acadêmica surgem como elementos protetivos.

Na busca pela afirmação de direitos básicos e pela visibilidade social, os movimentos relacionados à diversidade sexual e de gênero recorreram à necessidade de nomear diferentes vivências dissidentes. Ao longo da história, observa-se uma constante transformação da sigla utilizada, que inicialmente surge como “GLS” (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), posteriormente se altera para “GLBT” (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgênero) e, em seguida, sofre uma inversão de letras em resposta às críticas sobre a invisibilidade das lésbicas, consolidando-se como “LGBT+”. A partir desse momento, novas letras foram sendo incorporadas, representando experiências específicas, até alcançar a forma atual “LGBTQIAPN+” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual e Pessoas Não Binárias), acompanhada do símbolo “+” como abertura à pluralidade de identidades e performances que não se restringem às letras já incluídas (São Paulo, 2018).

É importante destacar que, embora a sigla una diferentes vivências sob um mesmo guarda-chuva político, existe uma distinção vivencial-social entre diversidade sexual, que se refere principalmente às diferentes orientações sexuais (como lésbicas, gays e bissexuais, entre outras), e diversidade de gênero, que diz respeito a identidades que rompem com os padrões binários e cisnormativos de gênero (como pessoas trans, travestis e não binárias). Reconhecer essa diferença é necessário, pois trata-se de vivências sociais distintas, marcadas por desafios, estigmas e formas de reconhecimento próprias. Identificar essas nuances não significa fragmentar o movimento, mas garantir que cada trajetória seja validada e legitimada em sua singularidade, evitando que experiências específicas sejam apagadas em nome de uma suposta unidade.

Nesse sentido, a realidade de estudantes Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGB) no ensino superior ganha contornos complexos. Isto é, a vivência universitária desses sujeitos não pode ser compreendida apenas sob a ótica dos desafios comuns à vida acadêmica. Ela é atravessada por estigmas, violências simbólicas, inseguranças identitárias e, muitas vezes, por uma ausência de políticas institucionais que garantam acolhimento e reconhecimento. A universidade, nesse contexto, pode funcionar tanto como um território de reexistência e florescimento identitário quanto como um espaço reprodutor das violências já vividas em outros contextos sociais, especialmente o familiar.

Diante dessa complexidade, é essencial considerar discussões teóricas e evidências empíricas que sustentam a compreensão das experiências de estudantes LGB no ensino superior. A Teoria do Estresse de Minorias (Meyer, 2003) aponta os impactos dos estressores sociais específicos vivenciados por minorias sexuais – como a homonegatividade internalizada, o medo da rejeição e a ocultação da identidade – na saúde mental desses sujeitos. Em diálogo com esse modelo, a perspectiva interseccional (Holanda, 2022; George et al., 2014) contribui para identificar como classe, raça, gênero e sexualidade se articulam na produção de desigualdades e na forma como diferentes sujeitos experienciam a universidade. Estudos nacionais recentes como os de Araújo et al. (2021), Silva et al. (2015), Ferreira e Silva (2023), Fernandes et al. (2017), Toti et al. (2018), Salvador e Sordi (2024) e Mendes e Rocha (2023) contribuem para uma compreensão ampla sobre as condições de saúde mental, sono, lazer, nutrição, uso de substâncias e apoio institucional no contexto universitário brasileiro e reforçam que o contexto universitário pode gerar sofrimento psicológico, e que o suporte institucional e a promoção de repertórios saudáveis são fundamentais para a permanência e o sucesso

acadêmico. No mais, pesquisas internacionais como Wilchek-Aviad e Oren (2023) e Schulz et al. (2023) apontam os riscos de consumo problemático de álcool e outras substâncias entre pessoas LGB, em especial quando associadas a estereótipos e experiências de assédio.

Contribuições empíricas do presente percurso de pesquisa também fundamentam essa análise. Em estudo quantitativo com 551 estudantes da UFPA, observou-se que pessoas LGB apresentam níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e estresse quando comparadas a estudantes heterossexuais, com agravamento dos indicadores à medida que aumenta o tempo de permanência na universidade (Cutrim et al., 2025a). Esses dados reforçam que o ensino superior brasileiro, ainda que ampliado em termos de acesso, mantém barreiras simbólicas e estruturais que impactam desproporcionalmente corpos dissidentes. De forma complementar, análises teórico-críticas desenvolvidas no campo da Psicologia Escolar apontam que a atuação das universidades frente à diversidade sexual ainda é marcada por omissões institucionais, políticas frágeis e responsabilização individualizada dos sujeitos, o que torna a permanência estudantil um verdadeiro ato de resistência (Cutrim et al., 2025b).

Diversidade sexual no ensino superior

A presença de pessoas LGB no ensino superior brasileiro é, por si só, um marcador de transformações sociais importantes. No entanto, estar nesses espaços não garante, automaticamente, condições equitativas de permanência ou de desenvolvimento subjetivo pleno. Para estudantes Lésbicas, Gays e Bissexuais, a vivência universitária é frequentemente atravessada por estigmas, inseguranças identitárias, violências simbólicas e omissões institucionais. Como afirmam Santos (2017) e Vieira et al. (2019), os desafios enfrentados por essa população extrapolam os já árdios caminhos da vida acadêmica,

revelando um cotidiano marcado por rejeição, isolamento e dificuldade de reconhecimento institucional.

O silenciamento institucional sobre temas ligados à diversidade sexual contribui para a manutenção de um clima de invisibilidade e naturaliza a ausência de políticas afirmativas. Como analisado por Cutrim et al. (2025b), a atuação da universidade frente à população LGB tem sido, em grande medida, marcada por iniciativas isoladas e não por um compromisso estrutural. Quando políticas existem, muitas vezes são descontinuadas, fragmentadas ou pouco conhecidas pelos próprios estudantes, o que dificulta seu acesso e enfraquece sua potência.

Nesse cenário, a permanência se configura como um ato político. Estar na universidade, resistir aos atravessamentos simbólicos e materiais, reivindicar espaço e reconhecimento – tudo isso exige dos estudantes LGB um esforço adicional que muitas vezes passa despercebido pelas instituições. Como aponta a Teoria do Estresse de Minorias (Meyer, 2003), a vivência constante de situações de preconceito, aliada à expectativa de rejeição e à necessidade de ocultação da identidade, impacta diretamente a saúde mental de pessoas não heterossexuais. Esses estressores específicos somam-se aos desafios acadêmicos comuns e intensificam o sofrimento, como evidenciado por dados nacionais e internacionais. Parente et al. (2015), por exemplo, identificaram elevada prevalência de violência psicológica e verbal e consumo de álcool entre pessoas LGBT, com associação significativa entre o uso de substâncias e o sofrimento psíquico. De modo semelhante, Wilchek-Aviad e Oren (2023) demonstraram que a homofobia internalizada e a discriminação se associam ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas, sendo o assédio sexual um mediador importante entre estressores de minoria e uso de substâncias. No mais, Schulz et al. (2023) evidenciaram que mulheres bissexuais submetidas a

estigmas relacionados a sexualização dos corpos apresentam maiores níveis de uso de álcool para lidar com o sofrimento.

Psicologia e compromisso social

A Psicologia, enquanto ciência e profissão, não pode se eximir do compromisso ético e político com a transformação das realidades marcadas pela exclusão. Ao refletir sobre as vivências de pessoas LGB no ensino superior, torna-se imprescindível revisitar os fundamentos da atuação psicológica e suas interfaces com a educação. Desde o Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2005) até as Referências Técnicas para atuação em políticas públicas voltadas à população LGBTQIA+ (CFP, 2023), há uma diretriz clara que vai ao encontro do reconhecimento das múltiplas opressões que atravessam os sujeitos e da atuação na promoção da equidade, do acolhimento e dos direitos humanos.

No campo da Análise do Comportamento, essa atuação se direciona a partir do reconhecimento do papel das contingências culturais na manutenção e na modificação de práticas sociais. A perspectiva analítico-comportamental entende o comportamento como produto da interação entre o organismo e o ambiente, sendo moldado e mantido por suas consequências (Catania, 1999). Quando aplicada ao contexto educacional, essa abordagem permite compreender que o fracasso escolar, a exclusão e as práticas discriminatórias não são fruto de déficits individuais, mas sim de contingências ambientais que reforçam e mantêm esses padrões de forma sistemática (Flores, 2017).

Na educação, isso implica o compromisso com a construção de contextos que favoreçam o desenvolvimento de repertórios éticos, cooperativos e inclusivos. Em vez de responsabilizar o estudante por sua 'falta de adaptação', a Análise do Comportamento propõe a modificação ativa e participativa das contingências que atravessam sua

trajetória. Dessa forma, práticas pedagógicas, relações interpessoais e políticas institucionais passam a ser objetos legítimos de intervenção, possibilitando o planejamento de ambientes que promovam justiça, pertencimento e bem-estar.

Autores como Menezes e Borba (2023) reforçam que práticas violentas, como a LGBTfobia, não devem ser enfrentadas unicamente no plano individual ou clínico. Pelo contrário, exigem intervenções coletivas que atravessem a cultura institucional. Isso significa reconhecer que tais violências estão enraizadas em práticas sociais historicamente construídas, sustentadas por normas, valores e políticas que naturalizam a exclusão. Intervir de forma coletiva significa reestruturar os ambientes universitários em sua totalidade, desde os currículos e discursos oficiais até os mecanismos de denúncia, a formação docente e as formas de convivência. A mudança institucional demanda, portanto, uma revisão crítica dos modos como o conhecimento é produzido, quem o produz e quem é o beneficiado por ele, além de exigir a criação de contingências que reforcem comportamentos de acolhimento, respeito e justiça social.

A psicologia escolar crítica, nesse contexto, propõe uma atuação comprometida com os processos educacionais como fenômenos historicamente situados, marcados por contradições, disputas e desigualdades (Marinho-Araújo & Almeida, 2014). Em oposição a uma prática que individualiza o sofrimento e despolitiza os conflitos escolares, essa vertente compreende a escola – e, por extensão, a universidade – como um espaço atravessado por relações de poder e por processos de exclusão simbólica e material. Ao invés de restringir-se à resolução de queixas individuais, o psicólogo escolar crítico volta seu olhar para os modos como a instituição educacional opera na produção do fracasso, da marginalização e do silenciamento de determinados sujeitos (Marinho-Araújo, 2014). No ensino superior, isso significa reconhecer que as dificuldades enfrentadas por

estudantes LGB, por exemplo, não são apenas expressões de conflitos internos ou de desajustes pessoais, mas resultam de políticas curriculares omissas, práticas pedagógicas insensíveis à diversidade e estruturas institucionais que naturalizam a exclusão.

A atuação na psicologia escolar crítica (Marinho-Araújo, 2010) se articula com a análise de documentos institucionais, com a formação de professores, com o mapeamento das contingências que mantêm práticas excludentes e com o fortalecimento de repertórios que possibilitem a convivência ética e a valorização das diferenças (Marinho-Araújo, 2016; Calixto et al., 2019). Em outras palavras, a psicologia escolar crítica não se propõe a adaptar sujeitos às normas institucionais vigentes, mas a tensionar tais normas e a colaborar na construção de uma cultura universitária mais justa, plural e comprometida com os direitos humanos.

O conceito de Ambiente Nutridor e sua aplicação ao contexto universitário

Nesse cenário, repensar o cotidiano universitário a partir de perspectivas que favoreçam a transformação das práticas institucionais se configura como um compromisso ético, alinhado à defesa dos direitos humanos. É nesse horizonte que o conceito de Ambiente Nutridor, proposto por Biglan (2015), se apresenta como uma ferramenta analítica para a compreensão de que forma os contextos sociais podem sustentar ou fragilizar processos de desenvolvimento, pertencimento e equidade social.

O conceito de Ambiente Nutridor, formulado por Anthony Biglan (2015), surge no campo da análise do comportamento como uma proposta coletiva e pragmática para a construção de contextos que promovam o bem-estar humano. Biglan defende que ambientes saudáveis compartilham quatro características fundamentais: (1) minimizam condições sociais e biologicamente tóxicas; (2) promovem e reforçam práticas pró-

sociais; (3) limitam e monitoram influências contextuais problemáticas; e (4) incentivam a busca consciente, flexível e pragmática por valores pessoais e sociais. Cada uma dessas dimensões pode ser operacionalizada por meio da análise das contingências ambientais, permitindo intervenções planejadas e mensuráveis nos diversos contextos sociais — inclusive nas instituições educacionais.

De acordo com a proposição de Biglan (2015), a primeira dimensão do Ambiente Nutridor refere-se à Minimização de Condições Sociais e Biologicamente Tóxicas, isto é, à redução de fatores que impactam negativamente a saúde e o desenvolvimento dos indivíduos na sociedade. Essa dimensão pode compreender elementos ambientais e sociais, como violência, discriminação e insegurança econômica, ou aspectos biológicos e comportamentais, como privação do sono, hábitos alimentares inadequados, falta de lazer e acesso limitado a cuidados com a saúde mental. Para o contexto da universidade, a identificação e manejo dessas variáveis são fundamentais para a garantia e potencialização de um ambiente mais saudável e favorável ao desenvolvimento e aprendizagem de todo alunado, visto que os desdobramentos dessas variáveis atravessam a experiência universitária em si, para além dos marcadores sociais, que podem intensificá-los.

A segunda dimensão do conceito de Ambiente Nutridor, conforme desenvolvido por Biglan (2015), propõe que o desenvolvimento de sociedades mais saudáveis depende da criação intencional de contextos que promovam e reforcem comportamentos pró-sociais – isto é, ações pautadas na cooperação, no respeito mútuo, na empatia e na responsabilidade coletiva. Essa dimensão pressupõe que comportamentos desse tipo não emergem espontaneamente, mas precisam ser modelados, encorajados e valorizados pelos ambientes sociais, especialmente aqueles ligados à educação e à formação cidadã.

A terceira dimensão do conceito de Ambiente Nutridor, conforme defendida por Biglan (2015), propõe que o desenvolvimento de comportamentos saudáveis não depende apenas da promoção ativa de interações positivas, mas também da limitação sistemática da exposição a influências adversas. Para isso, é necessário que ambientes institucionais — como a universidade — atuem no monitoramento contínuo das contingências que afetam seus membros e estabeleçam limites sociais claros, éticos e consistentes frente ao desenvolvimento de contingências sociais prejudiciais. Biglan enfatiza que ambientes verdadeiramente nutridores não se resumem a apenas evitar punições excessivas, mas se estruturam para prevenir o sofrimento por meio da limitação de fatores de risco, da antecipação de danos e da promoção de repertórios comportamentais alternativos que sejam mais saudáveis. De acordo com as palavras do autor, “assim como devemos limitar a exposição a produtos químicos tóxicos para proteger a saúde, também devemos limitar a exposição das pessoas, especialmente dos jovens, à coerção e outras condições sociais adversas.” (Biglan, 2015, p. 132 [tradução livre])²

A quarta e última dimensão do conceito de Ambiente Nutridor proposto por Biglan (2015) refere-se à promoção da busca consciente, flexível e pragmática dos valores sociais e da flexibilidade psicológica. Trata-se de reconhecer que contexto verdadeiramente nutridores não apenas protegem contra danos ou reforçam comportamentos pró-sociais, mas também potencializam o florescimento humano diante das adversidades. Neste sentido, a universidade pode se tornar um espaço potente de desenvolvimento subjetivo, reconstrução de narrativas e engajamento ético.

² Trecho original: “Just as we must limit exposure to toxic chemicals to protect health, we must also limit the exposure of people, especially young people, to coercion and other adverse social conditions.”

É importante destacar que as quatro dimensões do Ambiente Nutridor não devem ser compreendidas como categorias isoladas ou mutuamente excludentes. Ao contrário, elas operam de maneira simultânea e interdependente, sobrepondo-se em diferentes aspectos da vida acadêmica. Essa dinâmica reflete a própria complexidade da universidade enquanto cenário social, em que condições de permanência, relações interpessoais, limites institucionais e processos de construção identitária se entrelaçam continuamente, influenciando tanto a experiência individual dos estudantes quanto o clima coletivo da instituição.

Neste recorte do campo educacional, Biglan (2015) argumenta que ambientes de aprendizagem verdadeiramente eficazes devem ser estruturados de modo a maximizar oportunidades de engajamento positivo, reduzir o estresse e a exposição a estímulos nocivos, e aumentar o acesso a reforçadores sociais significativos. Isso inclui a presença de professores que reconheçam e respondam a comportamentos pró-sociais, sistemas de apoio que ajudem os alunos a lidarem com adversidades, e políticas educacionais que combatam sistematicamente práticas de exclusão. Além disso, Biglan defende que um ambiente educacional nutridor precisa ser sensível às realidades socioculturais dos alunos, promovendo senso de pertencimento, autonomia e valores compartilhados. Ao incorporar práticas baseadas em evidências científicas, o ambiente educacional pode se tornar um espaço não apenas de transmissão de conhecimento, mas de construção ativa de cidadania, saúde mental e equidade social.

A proposta de Biglan oferece uma lente poderosa para compreender e transformar os espaços universitários. Em um contexto marcado por desigualdades, adoecimento e exclusão, utilizar a perspectiva defendida pelo conceito de Ambiente Nutridor permite não apenas descrever os desafios enfrentados por estudantes LGB, mas também

identificar pontos de intervenção possíveis, mensuráveis e sustentáveis. Ao invés de promover respostas pontuais ou emergenciais, essa ótica propõe uma reformulação profunda das práticas institucionais, com base em evidências, análise funcional e responsabilização coletiva.

Importa ressaltar que, ao ser aplicado ao campo educacional, esse conceito amplia as possibilidades de compreender como desigualdades sociais, como a discriminação por orientação sexual, gênero, raça ou condição socioeconômica, são mantidas e reproduzidas nas escolas e universidades por meio de contingências ambientais. O Ambiente Nutridor, nesse sentido, não se limita à promoção de bem-estar individual, mas envolve a construção intencional de contextos que reconheçam e enfrentem ativamente as vulnerabilidades sociais que atravessam os sujeitos, juntos.

Assumir essa perspectiva implica reconhecer a universidade como agente de modelagem cultural e promotora de valores públicos. Isso significa dizer que seu compromisso vai além da formação técnica, precisa envolver uma responsabilidade cívica de contribuir para uma sociedade mais justa e saudável. Assim, a estruturação de ambientes universitários nutridores se transforma também em uma questão ética e política, convocando gestores, docentes, técnicos e discentes a compartilharem o compromisso com a inclusão, o respeito à diversidade e a superação das desigualdades históricas.

Importante destacar que, ao trazer esse conceito para o campo da educação, especialmente no ensino superior, reconhece-se a potência da universidade como ambiente de modelagem cultural. Ou seja, a universidade não apenas reflete a sociedade, mas também contribui ativamente para a produção e manutenção de práticas culturais.

Como analisado por Cutrim et al. (2025b), as instituições de ensino superior integram a engrenagem da sociedade e, por isso, não são neutras diante das disputas políticas, éticas e culturais que atravessam esse tecido. Elas podem atuar como reprodutoras de normativas excludentes ou como catalisadoras de processos de transformação.

Do ponto de vista da Análise do Comportamento, é possível compreender a universidade tanto como instituição quanto como contexto social. Enquanto instituição, ela pode ser descrita como uma agência de controle, conceito proposto por Skinner (1953/2003) para designar organizações sociais que estabelecem regras, normas e práticas que regulam a conduta dos indivíduos. Nesse sentido, a universidade define políticas, cria setores específicos, estabelece normas de convivência e implementa programas de apoio que afetam diretamente o modo como os sujeitos se relacionam, estudam e participam da vida acadêmica.

Por outro lado, estar na universidade também significa estar inserido em um contexto social que molda e seleciona repertórios. As relações interpessoais que se formam entre colegas, docentes e técnicos, bem como a pertença a grupos e coletivos, produzem efeitos sobre a experiência estudantil e, ao mesmo tempo, retroalimentam a própria instituição. Trata-se, portanto, de um espaço ambíguo: de um lado, a universidade exerce controle por meio de normas e políticas; de outro, é constantemente pressionada e transformada pelas práticas coletivas que emergem em seu interior. Assim, a agência de controle e o contexto vivido não são dimensões separadas, mas processos entrelaçados, em que o institucional influencia as relações sociais e, ao mesmo tempo, estas relações pressionam e remodelam o próprio funcionamento da universidade.

Quando silenciam temas como diversidade sexual e de gênero, omitem violências simbólicas ou não garantem a permanência digna de seus estudantes, esses espaços estão contribuindo para a manutenção da hegemonia. Por outro lado, ao implementarem políticas inclusivas, ao reverem criticamente seus currículos e práticas pedagógicas, e ao reconhecerem identidades dissidentes como legítimas e dignas de pertencimento, podem exercer um papel ativo na desconstrução de paradigmas históricos de exclusão, que transbordam os muros da universidade. Assumir esse contexto como campo de disputa é também assumir que sua estrutura pode (e deve) ser tensionada, reconfigurada e cultivada para funcionar como um ambiente qualitativamente melhor, produtor de cidadania, justiça e equidade.

Nesse sentido, em uma perspectiva propositiva, o objetivo geral deste estudo consiste em avaliar a Universidade Federal do Pará enquanto um ambiente nutridor para pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais. Os objetivos específicos consistem em: a) descrever o cenário universitário a partir do conceito de ambiente nutridor; b) descrever a realidade de universitários Lésbicas, Gays e Bissexuais (LGBs) de uma instituição de ensino superior da região Norte do Brasil a partir das quatro dimensões propostas por Biglan (2015); c) discutir as diferentes realidades vivenciadas pelos diferentes grupos participantes da pesquisa; e d) identificar fatores de proteção presentes nas experiências dos estudantes LGB que favoreçam seu bem-estar, senso de pertencimento e permanência acadêmica.

Método

A tentativa de compreender fenômenos complexos e multicausais tem convidado cada vez mais pesquisadores a utilizar métodos qualitativos de investigação (Machado, 2023), para que existam então maiores possibilidades de acessar o público-alvo do estudo, principalmente aqueles que estão designados em projetos exploratórios e descritivos, como este.

Corroborando com isso, Gil (2008, p. 27) diz que pesquisas qualitativas “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. E, nesse sentido, torna-se possível então acessar especificidades que são despercebidas em números quantitativos, como aponta Minayo (2014) quando comenta sobre essa natureza de pesquisa, em vista que dados meramente quantitativos em contextos sociais acabam deixando marginalizados certos atravessamentos.

Assim, visando alcançar os objetivos aqui propostos, o processo de coleta e análise de dados seguirá por uma abordagem qualitativa, sendo esta reconhecida por enfatizar a relação entre os seres humanos com o ambiente e seus respectivos produtos consequentes (Flick, 2009). Além disso, Flick (2009) ressalta a importância da pesquisa qualitativa pela “particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida” (p. 20), isto é, dado cenário de intensas e constantes mudanças associadas ao capitalismo e globalização, a rápida transformação social solicita dos pesquisadores um olhar atento e perpétuo para que variáveis ao bem estar individual e coletivo não passem despercebidas.

Delineamento

Em vista dos objetivos gerais, caracteriza-se este estudo como uma pesquisa exploratória pelo interesse em “proporcionar maior familiaridade com o problema, com

vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2023, p.27). Já o delineamento é o de Estudo de Caso, sendo o “mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde o limite entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos” (Gil, 2023, p.35).

Portanto, as decisões metodológicas de investigação refletem os caminhos que cruzam as contribuições do conceito norteador e o panorama atual do público-alvo, potencializando transformações. Sendo assim, ser um estudo exploratório pode promover maior solidez de análise e de proposições futuras. Apesar de delineamentos de estudos de caso possuírem um menor potencial de generalização, essa metodologia de pesquisa aponta vantagens relacionadas à possibilidade de uma análise mais complexa e pormenorizada do cenário em foco. No mais, pode-se inferir que a estrutura universitária e a realidade cultural do público-alvo do estudo são passíveis de generalização, ao menos na realidade brasileira.

Neste trabalho, compreende-se a Universidade Federal do Pará (UFPA) como a unidade de investigação, e não a soma isolada de seus estudantes. Isso significa que os relatos individuais coletados devem ser lidos como expressões do caso institucional, iluminando modos de funcionamento, práticas culturais e contingências que caracterizam o ambiente universitário em análise. A escolha pelo estudo de caso, portanto, está diretamente vinculada ao objetivo de compreender como a UFPA, em seu contexto singular, sustenta ou fragiliza condições de permanência de estudantes LGB. Assim, o foco metodológico não recai apenas sobre trajetórias pessoais, mas sobre o entrelaçamento entre vivências individuais e estrutura institucional. Ao assumir a UFPA como objeto, a pesquisa busca a possibilidade de uma análise densa, situada e crítica,

capaz de revelar processos que, embora ancorados em um contexto específico, dialogam com problemáticas presentes em outras instituições de ensino superior brasileiras.

Caracterização da instituição

A Universidade Federal do Pará (UFPA), criada em 1957, é a maior instituição pública de ensino superior da região Norte e uma das mais expressivas da Amazônia, reunindo uma ampla comunidade acadêmica composta por dezenas de milhares de estudantes, professores e técnicos administrativos. Com sede em Belém e campi em diversos municípios do estado, a universidade atua de forma capilarizada, garantindo acesso ao ensino superior em regiões historicamente marcadas por desigualdades educacionais. Sua relevância ultrapassa a formação acadêmica, uma vez que a UFPA é também um polo estratégico de pesquisa e extensão, reconhecido nacional e internacionalmente por sua produção científica em áreas centrais para a realidade amazônica, como genética, geociências e neurociências.

Essa dimensão institucional se fortaleceu ainda mais com a criação da Superintendência de Políticas Afirmativas e Diversidade (DIVERSE), instituída pela Resolução nº 889, de janeiro de 2025, em substituição à antiga Assessoria da Diversidade e Inclusão Social (ADIS). A DIVERSE nasce como uma instância voltada à ampliação e consolidação das ações de equidade, assumindo como responsabilidade o fortalecimento de políticas afirmativas que visem combater desigualdades e promover a dignidade da pessoa humana no espaço universitário. Trata-se de um passo crucial, pois sinaliza o compromisso da universidade em se posicionar como agente ativo na transformação cultural e social, respondendo às demandas históricas de grupos minorizados e ampliando o alcance de iniciativas já desenvolvidas.

Esse compromisso institucional também se manifesta na produção e disponibilização de materiais educativos que servem como ferramentas de sensibilização e enfrentamento às violências. Entre eles, destacam-se a cartilha sobre prevenção e enfrentamento à violência e à discriminação, de acesso público e gratuito no site da superintendência, e um vídeo psicoeducativo que amplia a difusão desse conteúdo de forma acessível. Esses materiais não apenas cumprem um papel informativo, mas também reafirmam a universidade como espaço que se propõe a ser de acolhimento e de promoção de valores democráticos, evidenciando a articulação entre sua dimensão acadêmica, sua responsabilidade social e seu compromisso com a diversidade.

Ambiente

A coleta de dados aconteceu na modalidade virtual (por formulários digitais e vídeo chamadas para as entrevistas) e na modalidade presencial, sendo realizada na Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Guamá, na cidade de Belém do Pará. A escolha da modalidade foi a critério de cada participante. Para as entrevistas individualizadas presenciais, houve um agendamento prévio do espaço de realização das entrevistas pela solicitação a instâncias institucionais que estão relacionadas ao Programa de Pós-graduação, tal como o Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, para que o participante tivesse conforto e privacidade, garantindo o sigilo das informações fornecidas.

Participantes

Para que o alcance do objetivo da pesquisa fosse possível, teve-se como critérios de inclusão: a) homens cisgêneros gays, b) homens cisgêneros bissexuais, c) mulheres cisgêneros lésbicas, d) mulheres cisgêneros bissexuais, e e) todos maiores de 18 anos. Como critérios de exclusão, adotou-se que participantes não assumidos socialmente como

homo ou bissexuais foram excluídos da pesquisa, visto que isso mudaria as dinâmicas das vivências experienciadas. A delimitação da pesquisa em diversidade sexual (relacionada à orientação sexual) precisou ser feita, visto que envolver outras identidades de gênero também significaria abranger experiências outras que fogem à proposta dessa pesquisa. Por configurar-se como vivências distintas às de diversidade sexual, a diversidade de gênero merece o desenvolvimento de pesquisas específicas em projetos futuros, para que as especificidades estejam devidamente retratadas.

Em respeito à saturação de dados (Ferri et al., 2024), a coleta foi encerrada a partir do momento em que as informações começaram a se repetir entre as entrevistas. Esse critério metodológico, além de indicar suficiência na quantidade de entrevistas, também visa reduzir a centralidade de características individuais, permitindo que a análise se concentre na interlocução dos discursos enquanto expressão coletiva das experiências. Participaram desta pesquisa 16 estudantes de graduação. Para atrair participantes, foram espalhados cartazes (Apêndice 1) pela universidade informando sobre a pesquisa, juntamente com o contato do pesquisador, além da busca ativa realizada pelo mesmo em redes sociais e por meio de contato com grupos de pesquisa e de estudos.

Materiais e Equipamentos

Foi utilizado um roteiro semiestruturado construído a partir do conceito de Ambiente Nutridor defendido por Biglan (2015) e a esquematização do conceito, proposta por Castro (2025), que pode ser encontrada no Anexo 1. Além disso, para as entrevistas, foi utilizado um gravador de áudio para registro e papel e caneta para observações pontuais por escrito, principalmente aquelas relacionadas ao comportamento não verbal dos participantes. Nessa etapa também consta como instrumento o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido [TCLE] (Apêndice 3), que foi assinado por todos os participantes, sendo condicionante para viabilização da coleta de dados.

Procedimento

A duração das entrevistas foi entre 40 e 60 minutos. Inicialmente, o estudante foi contextualizado sobre a pesquisa, em seguida foi lido o TCLE. Após a confirmação em participar, a entrevista foi guiada pelo roteiro semiestruturado (Apêndice 2) e, por fim, foi sondado com todos os participantes como foi participar da pesquisa e como eles se sentiram falando do assunto, no intuito de verificar fragilidades emocionais e dar suporte, caso necessário. Na sala ficou presente apenas o pesquisador responsável e um participante de cada vez, e foi providenciado água para garantir o conforto de todos os envolvidos.

O armazenamento dos dados está em uma planilha do Google e está mantido em sigilo com código de acesso, sem identificação de nomes reais aos participantes envolvidos. A estes foram dados apenas a enumeração da ordem de entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas pelo pesquisador responsável utilizando o app Meet Pulp e sendo posteriormente revisadas a partir da rescuta do material. Além disso, foi realizada a categorização inicial e análise parcial dos dados, sendo as categorias apresentadas aos participantes da pesquisa para validação dos achados. Na devolutiva aos participantes, sete estavam presentes e houve a concordância unânime das categorias e direcionamentos da pesquisa.

Análise de dados

Após a coleta dos dados por meio das entrevistas, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2004, 2010, 2011) que tem como objetivo analisar as informações obtidas, por meio de uma investigação que permita construir e apresentar

representações em torno do objeto de estudo. Essa técnica tem um processo rigoroso dividido em 3 fases: a) Pré-análise, b) Exploração do material, categorização ou codificação e c) Tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Para que seja fortalecida a validade dos dados, os achados da pesquisa resultaram em uma coerência interna e sistemática ao longo das fases, enfatizando o rigor na organização das informações para que as ambiguidades fossem reduzidas (Sousa & Santos, 2020).

A Pré-análise, enquanto primeira etapa, é o meio pelo qual o pesquisador começa a organizar o material para que seja utilizado na pesquisa. Esse momento é dividido em quatro etapas: 1) leitura flutuante; 2) escolha dos documentos; 3) reformulação de objetivos e 4) hipóteses e a formulação de indicadores (Bardin, 2004). Em seguida, na exploração de materiais, o objetivo é começar a categorização do estudo, isto é, descrever de forma analítica o que se tem achado, sob orientação das hipóteses e de referenciais teóricos (Mozzato & Grzybovski, 2011). A categorização acontece com base nos principais assuntos que aparecem recorrentemente ao longo das entrevistas. Nesse estudo, após transcrição dos dados, foi possível perceber a presença de conteúdos comuns a todo alunado, sem necessariamente esse recorte da diversidade sexual; a presença de conteúdos específicos relacionados a vivência de dissidentes sexuais no contexto universitário; e, para além disso, a presença de marcadores sociais outros que influenciam de alguma forma as experiências institucionais. Assim, foram estabelecidas então três categorias de análise, sendo elas: 1) Questões Gerais de Análise; 2) Diversidade Sexual; e 3) Interseccionalidades. Por fim, no tratamento dos resultados, buscou-se a intencionalidade dos relatos coletados, o que abre portas para os processos de reflexão e posicionamento crítico do pesquisador (Bardin, 2004, 2010).

Cuidados éticos

A pesquisa seguiu a Resolução 466/2012 e foi aprovada com o parecer número CAAE: 80226024.0.0000.5172 no CEP do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará (NMT/UFPA). Esta pesquisa respeitou os princípios éticos de voluntariedade, autonomia, justiça e equidade.

Resultados e discussão

A coleta de dados durou um mês e foi encerrada após a participação de 16 estudantes, respeitando o critério de exaustão. A partir do perfil sociodemográfico dos participantes, temos: oito homens, sendo quatro gays (que serão identificados pelas letras HG e os números de 1 a 4) e quatro bissexuais (que serão identificados pelas letras HB e os números de 1 a 4); oito mulheres, sendo três lésbicas e cinco bissexuais (que serão identificadas pelas letras ML e os números de 1 a 3 e MB e os números de 1 a 5, respectivamente). A idade variou desde os 18 anos até 30 anos. Sobre cor e raça, temos um aluno autodeclarado indígena, três autodeclarados pardos, três autodeclarados pretos e nove autodeclarados brancos. Dentre os estudantes, nove entraram na universidade através da ampla concorrência e sete através de cotas. O tempo de permanência na universidade até o momento da coleta variava entre um ano e quatro anos e meio. No mais, nenhum participante possuía qualquer deficiência, sendo que apenas um participante declarou ser pessoa com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

O último censo publicado pela Universidade Federal do Pará foi no ano de 2019. Dentre os dados apresentados, consta que 78,4% dos estudantes se declararam pretos, pardos ou indígenas e 18% declaram-se brancos. Sobre gênero, 44,5% dos estudantes se percebem no gênero feminino e 41,7% se percebem no gênero masculino. Além disso, 72% do universo estudantil da UFPA cursou ensino médio em escolas públicas e 24,3% em escolas privadas (Superintendência de Assistência Estudantil, 2019). Contrastando com os dados dessa pesquisa, a variável da autodeclaração de cor e do percurso no ensino médio chamam atenção, visto que houve uma maior participação de pessoas brancas do que não brancas. No mais, por mais que estudar no ensino público não implique

necessariamente que o aluno entre através das cotas, existe também uma disparidade entre a participação de alunos da ampla concorrência e cotistas. Em relação à autopercepção de gênero, a participação equilibrada dos dois gêneros está em consonância com o panorama publicado pela universidade.

No entanto, surgem duas questões a partir desses dados: será que existem marcadores sociais que influenciam a adesão de pessoas não brancas em pesquisas? Ou, diante do fortalecimento dos movimentos sociais e de um olhar mais atento às vulnerabilidades na comunidade científica, esses indivíduos acabam percebendo sua participação em pesquisas como uma exposição excessiva, sentindo-se, por vezes, tratados como meros ‘objetos de estudo’? Na esteira desse cenário, Holanda (2022) discute como a língua e as estruturas estatais estão historicamente sendo utilizadas como instrumento de opressão, silenciamento e exclusão de pessoas negras no Brasil. A partir da referência à música *Boa Esperança*, de Emicida, o autor problematiza a contradição presente na academia, onde pessoas negras são frequentemente tratadas como objeto de estudo, mas raramente têm espaço para serem sujeitos produtores de conhecimento. Essa crítica evidencia a exclusão histórica da população negra dos espaços acadêmicos, nos quais a presença negra é vista como invasora, mesmo quando o tema é a própria vivência negra.

Uma revisão sistemática realizada por George et al. (2014) teve como objetivo avaliar a experiência ou barreiras percebidas e facilitadores na condução de pesquisas em saúde com pessoas não brancas nos Estados Unidos da América (EUA) e nos chama a atenção ao apontar a necessidade de refinar os processos metodológicos, a contextualização de estratégias para recrutamento de participantes e a utilização de práticas culturais que sejam sensíveis e congruentes com essa população, na iminência de

potencializar as barreiras que distanciam a ciência dessas comunidades e, assim, dificultar o mapeamento de um panorama realista em saúde. Ao se utilizar sempre um modelo padrão (que é historicamente hegemônico e eurocêntrico), o desenvolvimento de pesquisas está implicado na reprodução de estigmas e violências direcionadas a populações vulnerabilizadas, aumentando a resistência na participação.

O conceito de Ambiente Nutridor (Biglan, 2015) pode contribuir no fortalecimento de uma postura fundamental frente ao desenvolvimento de pesquisas socialmente comprometidas e culturalmente sensíveis, direcionando-se à criação de contextos que promovem segurança, inclusão e engajamento genuíno dos participantes. Para além de uma descrição científica da realidade, conceitos como este contribuem para uma transformação social importante. Como posto anteriormente, o AN divide-se em quatro dimensões que buscam interpretar um contexto em foco. A partir disso, no intuito de abraçar os desdobramentos propostos, as seções seguintes que compõem essa pesquisa se dividem de acordo com a proposição do conceito norteador, sendo elas: Seção I - Minimização de condições sociais e biologicamente tóxicas; Seção II - Promoção e reforçamento do comportamento pró-social; Seção III - Monitoramento e estabelecimento de limites sobre influências e oportunidades para o desenvolvimento de comportamentos problemáticos; e Seção IV - Promoção da busca consciente, flexível e pragmática dos valores sociais e da flexibilidade psicológica. A seguir, apresenta-se uma tabela com a síntese geral dos achados da pesquisa. Para um maior aprofundamento, foram construídas tabelas contendo o processo de categorização de cada dimensão (Apêndice 4).

Tabela 1

Resumo sobre a categorização das entrevistas de acordo com as dimensões defendidas pelo conceito de Ambiente Nutridor.

Dimensão	Nº de citações	Exemplo	Participante
Dimensão I	66	"Percebo muita ansiedade... começou a virar uma questão... é muita coisa, muita demanda, e aí eu não consigo aguentar. eu sinto que essas coisas me deixam muito ansiosas. talvez o suporte de medicamentos seria uma boa."	MB1
Dimensão II	55	"Os professores que são da comunidade falam abertamente sobre isso também. E os que não são também promovem debates sobre isso e parecem ser bem compreensíveis. Em relação aos professores, eu nunca me lembro de nenhum problema envolvendo LGBTfobia"	ML3
Dimensão III	64	"Hoje eu acho que é um ambiente mais acolhedor do que o resto da sociedade. Eu acho que tu acabas ficando mais à vontade para ser uma pessoa LGBT na universidade do que em outros lugares."	HB2
Dimensão IV	89	"Aqui na UFPA é incrível no sentido de... de se ver uma outra pessoa, porque a gente sabe que não está sozinho. Aqui na UFPA é muito bom isso, porque a gente vê de tudo aqui."	HG2

Seção I - Minimização de condições sociais e biologicamente tóxicas

As investigações conduzidas a partir dessa dimensão desvelam um cenário mais geral do que específico para a comunidade acadêmica. Isto é, as variáveis aqui percebidas se relacionam com aspectos mais gerais da vivência universitária, visto que a universidade é um contexto novo repleto de desafios ímpares. Isso não quer dizer que deixa de existir desdobramentos singulares na vivência de pessoas LGBs, já que o que atravessa esses alunos não é proporcionalmente igual a outros estressores cotidianos. Meyer (2003) traz essa diferenciação sobre estressores cotidianos e específicos, sendo os primeiros aqueles que tiram o organismo de um suposto estado de equilíbrio e que é comum a grande parte da sociedade. Já o segundo se relaciona com variáveis que se relacionam intrinsecamente com sua condição específica de minoria (homofobia, racismo, capacitismo). A seguir apresenta-se uma tabela com um resumo sobre os achados dessa dimensão.

Tabela 2

Resumo sobre a categorização das entrevistas de acordo com a dimensão “Minimização de condições sociais e biologicamente tóxicas”.

Categoria da Fala	Nº	Exemplo	Participante
Questões gerais¹	60	"A qualidade do sono, são muitas preocupações dentro da universidade... É a preocupação com o curso, entrega de trabalhos, e aí tem o nosso envolvimento para além da sala de aula com a universidade, que acaba carregando outras demandas, como grupos de pesquisa, extensão, o próprio movimento estudantil também. Então, essas relações acabam afetando diretamente a questão da qualidade do nosso sono."	HG3

Diversidade sexual²	4	<p>"Quando eu entrei na UFPA foi o momento que eu tinha acabado de me assumir para a minha família. Então ainda estava, estava muito difícil. Então eu saí de casa, aí eu vim para a UFPA e Como eu obtive essa resposta muito negativa dentro da minha família, basicamente da minha mãe até naquele momento, eu vim já com um receio muito grande de não vou ser essa pessoa na universidade."</p>	ML2
Interseccionalidades³	3	<p>"Um é não ter aquele preparo para as habilidades, por exemplo, de escrita ou de manuseio tecnológico que a gente precisa ter para fazer trabalho e coisas de quem veio de ensino público não vai ter esse conhecimento, porque a informação é precária em todas as escolas, não tem esse incentivo."</p>	HG2

Legenda: ¹ **Questões gerais** – Variáveis que influenciam direta e indiretamente a experiência universitária de todo alunado; ² **Diversidade sexual** – Variáveis específicas que influenciam direta e indiretamente a experiência de pessoas não-heterossexuais na universidade; ³ **Interseccionalidades** – Variáveis socioculturais de múltiplas naturezas entrelaçadas que qualificam a experiência universitária dos alunos.

É fundamental retomar aqui a teoria do estresse de minorias (Meyer, 2003), que busca compreender as variáveis específicas que impactam as vivências de corpos dissidentes na sociedade. Esse resgate teórico é essencial para sustentar uma perspectiva interseccional na análise das experiências universitárias discutidas nesta seção. Nesse contexto, as categorias centrais do modelo influenciam direta e indiretamente a trajetória desses estudantes, adicionando camadas de estresse além daquelas já presentes no cotidiano acadêmico. Em outras palavras, a literatura da área já evidencia que o ambiente universitário, por si só, pode ser adoecedor (Sahão & Kienen, 2021); no entanto, para aqueles que não se encaixam nas normas hegemônicas, esse impacto pode ser ainda mais profundo e intenso (Cutrim et al., 2025).

Biglan (2015) destaca que condições biologicamente tóxicas, como privação de sono e altos níveis de ansiedade, influenciam negativamente o processo de ensino e aprendizagem. Tais fatores são recorrentes no ensino superior, especialmente quando os estudantes precisam conciliar atividades acadêmicas, extracurriculares e trabalho, como podemos ver nos relatos de HG1 “*mas depois que começou aquela rotina de estudo massivo, estágio, atividades extracurriculares, meio que meu sono foi se desregulando conforme o tempo*” e ML2 “*Às vezes eu passava uma madrugada inteira tentando fazer alguma coisa para não acumular, só que acabava acumulando. Então, foi um período assim muito sofrido, pra falar a verdade. Tudo virou de cabeça pra baixo... alimentação, sono. Acho que a própria ida para a universidade era muito sofrida também*”. Nesse sentido, uma pesquisa publicada por Araújo et al. (2021), com objetivo de identificar quais fatores dos determinantes sociais da saúde estão associados à má qualidade do sono e à sonolência diurna excessiva de universitários, corrobora com essas falas ao mostrar que estes fenômenos decorreram não apenas de fatores biológicos, mas, em sua maioria, de fatores sociocomportamentais, como os repertórios que estão relacionados a cobranças e desafios da universidade.

Por mais que a prática de atividades físicas desempenhe um papel fundamental na regulação do estresse e na promoção do bem-estar (Silva et al., 2015), sendo um fator protetivo contra transtornos emocionais como depressão e ansiedade (Ferreira & Silva, 2023), a rotina universitária frequentemente dificulta sua manutenção. Muitos participantes relataram dificuldades em manter uma constância na prática devido à sobrecarga acadêmica e às múltiplas obrigações. Como exemplifica MB3, “*Hoje eu não consigo manter uma constância na prática da atividade física, justamente por outras obrigações*”. Esses dados indicam que a universidade, ao não oferecer suporte estruturado

para a adoção de hábitos saudáveis, pode contribuir para um estilo de vida mais sedentário e prejudicial ao bem-estar estudantil.

A qualidade alimentar também se destaca como variável que impacta diretamente o bem-estar e a produtividade dos estudantes. Muitos permanecem o dia inteiro na universidade, e o Restaurante Universitário (RU), apesar de ser reconhecido como uma política importante, apresenta dificuldades de acesso, principalmente devido às longas filas em horários de pico, como coloca HB2: *"Acho o RU uma boa opção para economizar, mas às vezes a fila é tão grande que acabo desistindo e procurando outro lugar para comer"*. Como apontam esse e outros relatos, essa limitação acaba interferindo na adesão a hábitos alimentares saudáveis, tornando a alimentação mais um fator de estresse no cotidiano acadêmico. Assim, políticas de permanência que envolvem a alimentação precisam ser continuamente avaliadas e aprimoradas para garantir efetivo suporte aos estudantes. Para alunos em situação de vulnerabilidade social, a acessibilidade financeira a uma alimentação equilibrada pode representar tanto um fator de proteção quanto um fator de risco para sua permanência no ensino superior. Por estar inserido dentro da universidade e ter um valor acessível, o RU é, muitas vezes, a única opção de alimentação dos estudantes para que seja viável a conciliação com as atividades acadêmicas.

Contudo, na última atualização, o campus Guamá conta com pelo menos 25 mil estudantes (UFPA, 2024). Para além disso, o relatório institucional (UFPA, 2017) traz dados de 2017 e situa que, naquele recorte temporal, o restaurante universitário servia uma média de 2.200 refeições por dia e, para discentes especificamente, totalizava 37.768 refeições por mês. Assim, nos deparamos com o principal ponto de crítica relatado pelos participantes: a longa fila de espera. Como podemos ver no relato de HG3 *"eu acho que a*

universidade consegue garantir, assim, uma alimentação boa através do restaurante universitário. Precisa melhorar? Precisa melhorar um pouco". Assim, por mais que seja fundamental, o RU deve continuar sendo alvo de investimentos e estratégias que viabilizem melhor o seu acesso, visto que afeta diretamente a qualidade alimentar dos estudantes.

Como política de assistência estudantil, os restaurantes universitários são fundamentais para a permanência dos alunos no contexto universitário. Pesquisas como as de Silva e Oliveira (2023) e Mendes e Rocha (2023) ressaltam o RU como um serviço essencial para todo o alunado, em especial aqueles em vulnerabilidade socioeconômica, mas também mostram a similaridade das críticas dos estudantes ao longo do território nacional, que se direciona à insatisfação com a superlotação em horários de pico. Com isso, demarca-se então a importância de se pensar em uma melhor execução de uma política institucional que consegue ser acessada por todos e é fundamental ao longo do percurso acadêmico.

Além das questões biológicas, a frequência de lazer e a participação em atividades recreativas são variáveis essenciais na minimização do estresse acadêmico e na construção de suporte social, elementos centrais para o enfrentamento dos desafios do ensino superior. Frente às entrevistas, podemos perceber que os alunos têm conseguido direcionar pouco tempo para descanso e lazer, algo preocupante. HB2 diz *"tenho final de semana para ficar livre, só que às vezes eu acabo fazendo trabalho, então eu acabo perdendo esse tempo de lazer"* e ML3 traz que *"Então, durante a semana não existe lazer, né? Porque, como eu te falei, né? Eu chego da UFPA e aí já tenho que fazer as minhas tarefas domésticas e depois começo a trabalhar"*. Relacionando com a literatura, Toti et al. (2018) em uma pesquisa com 157 estudantes que objetivou analisar a

associação entre a prática de atividade física no lazer e os sintomas de ansiedade e depressão em jovens universitários, mostram que a prática de atividades físicas em momentos de lazer, por exemplo, está associada a uma menor probabilidade de comprometimentos em nível de saúde mental, como ansiedade e depressão. Por sua vez, Biglan (2015, p. 101) defende o impacto do lazer no desenvolvimento individual:

A maioria das comunidades [...] não oferece oportunidades suficientes para que os jovens possam se recrear em ambientes seguros que incentivem comportamentos sociais positivos. [...] Oferecer mais oportunidades para que os jovens desempenhem um papel maior na vida cívica e na governança é outra maneira de promover o desenvolvimento pró-social e prevenir problemas [tradução livre]³.

Isto é, enfatiza-se então que a falta de espaços, oportunidades e tempo direcionado ao lazer pode acarretar impactos negativos no desenvolvimento dos estudantes, visto que o lazer e atividades recreativas promovem interações sociais positivas e acabam por reduzir comportamentos de risco. Contudo, ambientes altamente competitivos e demandas acadêmicas excessivas estão correlacionados negativamente com ansiedade, estresse e depressão, como percebido no estudo de Ariño e Bardagi (2018). Realizado com 640 graduandos brasileiros, esse estudo teve como objetivo principal analisar as relações entre ansiedade, depressão e stress com a qualidade das vivências acadêmicas e a autoeficácia. Os dados encontrados pelos autores abrem margem para a construção de um panorama geral e, somado à realidade encontrada na coleta de dados atual, nos deparamos com uma linha de raciocínio: a elevada carga de demandas acadêmicas compromete a

³ Trecho na língua original: "Most American communities don't have enough opportunities for youth to recreate in safe settings that support positive social behavior. [...] Offering numerous opportunities for young people to play a greater role in civic life and governance is another way that we can enhance prosocial development and prevent problems."

saúde mental dos estudantes de forma geral, podendo ser intensificado de acordo com outras variáveis estressoras específicas.

Entre os relatos, destacam-se também situações em que a conciliação entre estudo e trabalho é uma exigência para garantir a subsistência mínima e a permanência no curso. ML3 exemplifica essa realidade ao dizer: *“Tenho a bolsa de iniciação científica que eu faço de manhã, e aí eu tenho o trabalho de noite para poder ter uma renda que a gente [ela e a companheira] consiga pagar todas as contas e ter, tipo, um pouco para guardar, um pouco para aproveitar também, né?”*. A jornada exaustiva revela um cotidiano pouco favorável ao descanso e ao lazer, elementos fundamentais para a saúde mental. Ainda que o motivo da coabitação com a companheira não tenha sido explicitamente abordado, é possível compreender que, no caso de estudantes LGB, decisões dessa natureza são frequentemente atravessadas por múltiplas variáveis — entre elas, a busca por segurança afetiva e a necessidade de distanciamento de contextos familiares hostis. Assim, o esforço para manter a independência financeira, como no relato de ML3, pode ser lido não apenas como uma escolha, mas como uma resposta a condições sociais adversas que influenciam a permanência de estudantes LGB no ensino superior.

A homofobia intrafamiliar, conforme discutido por Perucchi et al. (2014), não é um episódio isolado de intolerância, mas um mecanismo contínuo de exclusão sustentado pela lógica de normalização social. A família, que teoricamente deveria ser espaço de proteção e reconhecimento, acaba funcionando como dispositivo de regulação, pressionando os corpos e desejos a se moldarem à heteronormatividade. Quando isso falha, ou melhor, quando a dissidência aparece, o vínculo afetivo muitas vezes é rompido. Nesse cenário, a saída precoce de casa por parte de jovens LGBs não apenas é uma escolha livre, mas uma resposta a um ambiente hostil, podendo estar marcado por

violências. Esse processo de expulsão, ou até mesmo uma autoexpulsão, evidencia como o espaço doméstico se torna inviável para quem foge da norma sexual vigente. A vivência da sexualidade não-heterossexual deixa de ser uma dimensão íntima e passa a ser vigiada, punida e silenciada dentro do próprio núcleo familiar. O estudo de Perucchi et al. (2014) mostra que essa ruptura é atravessada por sentimento de culpa e inadequação, muitas vezes naturalizados pelos próprios jovens, que sequer nomeiam como violência o que viveram.

Outro fator investigado nesta pesquisa refere-se ao uso de álcool e outras drogas. Biglan (2015) enfatiza que ambientes marcados por altos níveis de estresse e coerção favorecem o aumento do consumo de substâncias como forma de regulação emocional e enfrentamento de dificuldades. De acordo com os dados coletados, percebe-se que a maior parte dos alunos utilizam substâncias (álcool, cigarro e maconha) como parte do processo de socialização entre pares, ilustrado por uma fala de MB1: *“Não bebia antes, comecei a beber depois que entrei na UFPA. A bebida entra só como socialização mesmo, em algum momento eu comecei a beber saindo. Eu procuro não beber quando eu tô cansada ou algo assim, acho isso importante”*. Contudo, houve relatos em que a utilização de substâncias está relacionada a regulação emocional frente a sobrecarga acadêmica e de vida, como colocado por ML2: *“Era chegar em casa e tava muito cansada ‘ah, eu quero uma bebida porque eu não aguento mais’, e aí tomar, sei lá, duas garrafinhas de cerveja e pronto. Mas aí, chegava no final de semana a mesma coisa”*.

É importante ressaltar que em pesquisas qualitativas um participante pode representar dezenas de outros estudantes não entrevistados. Nesse sentido, por mais que dentre os relatos sejam poucos os que apresentam a utilização de álcool e outras substâncias como forma de regulação emocional, essa é uma realidade possível e que

merece reflexão. A utilização de drogas como forma de regulação emocional nos faz levantar a hipótese da existência de um pobre repertório de enfrentamento e manejo do estresse acadêmico, mesmo que a vivência desse estresse seja frequente e conhecida por todos os atores institucionais. Desta forma, é importante aproximar a instituição como agente de transformação à medida que intervém na potencialização do desenvolvimento desse repertório de enfrentamento nos alunos. Voltando às defesas postas por Biglan (2015), as intervenções preventivas e coletivas podem promover um maior bem-estar entre os estudantes e qualificar esse percurso acadêmico.

A partir de uma revisão sistemática de literatura, com o objetivo de analisar a produção científica nacional acerca do uso de substâncias psicoativas por universitários brasileiros, Fernandes et al. (2017) relacionam o consumo de substâncias na universidade com busca por prazer, identificação por pares e enfrentamento de problemas de natureza pessoal. Como podemos ver, no contexto universitário o abuso de álcool e outras substâncias pode estar associado à pressão social e à busca por alívio do estresse, representando um possível risco à saúde física e mental dos estudantes. Nesse sentido, embora a maioria dos alunos pareça lidar com a utilização de substâncias de maneira controlada e sem grandes prejuízos aparentes, é fundamental que esse comportamento seja constantemente monitorado e investigado através das instâncias institucionais. Isso se deve à sua natureza volátil e à suscetibilidade a mudanças ao longo do percurso acadêmico desses estudantes, uma vez que fatores como aumento da carga de estresse, dificuldades emocionais, influência social e mudanças na rotina podem modificar significativamente a função que o uso dessas substâncias desempenha.

Dessa forma, o que inicialmente pode ser um consumo recreativo, esporádico e social pode evoluir para um mecanismo de enfrentamento ou regulação emocional

prejudicial, impactando negativamente a saúde mental, o desempenho acadêmico e, conseqüentemente, o bem-estar geral dos alunos. Além disso, existem variáveis específicas vivenciadas por pessoas LGBs que se relacionam com o maior consumo de álcool e outras substâncias. Em um estudo recente, Wilchek-Aviad e Oren (2023) investigaram a relação entre estresse de minoria e uso de substâncias psicoativas entre adultos LGBs, considerando o papel mediador do assédio sexual. Com base em uma amostra de 147 participantes, os autores aplicaram um modelo de mediação psicológica para analisar como diferentes dimensões do estresse de minoria influenciam o consumo de drogas como cigarro, álcool, cannabis e outras substâncias. Os resultados revelaram que a discriminação está associada ao tabagismo; a homofobia internalizada ao consumo excessivo de álcool; e o assédio sexual ao uso de cannabis e drogas mais pesadas. No mais, o estudo afirma que o assédio sexual atua como uma forma de mediação importante entre estressores específicos e o uso dessas substâncias, fortalecendo a ideia de que múltiplas formas de violência simbólica e interpessoal contribuem para estratégias de enfrentamento baseadas no uso de drogas.

Schulz et al. (2023), por sua vez, exploraram especificamente como diferentes formas de binegatividade⁴ em mulheres bissexuais, se associam a comportamentos de consumo de álcool. O estudo analisou três dimensões da binegatividade (instabilidade da orientação sexual, hostilidade interpessoal e irresponsabilidade sexual) para prever níveis de consumo de álcool, motivações para beber como forma de enfrentamento e gravidade no uso. A dimensão “irresponsabilidade sexual”, que se direciona ao estereótipo “hipersexual” das pessoas bissexuais, foi a variável que se manteve significativamente associada a todas as formas de uso problemático de álcool analisadas. Assim, as autoras

⁴ Formação de self que se relaciona com os estereótipos e estigmas criados socialmente na figura de pessoas bissexuais.

identificaram que mulheres que experienciam esse tipo de estigma apresenta maiores níveis de consumo semanal; lidar com o sofrimento como motivação para beber; e um maior comprometimento da qualidade de vida em decorrência ao uso do álcool. Esses dados evidenciam que estereótipos relacionados à sexualização de pessoas bissexuais funcionam como estressores específicos que impulsionam o consumo de substâncias como forma de autorregulação emocional. Portanto, é fundamental que a instituição mantenha atenção contínua aos repertórios comportamentais dos estudantes, uma vez que o consumo de álcool pode refletir dificuldades no enfrentamento e manejo de estressores cotidianos relacionados ao contexto universitário. No entanto, essa análise não deve se restringir a fatores gerais, ao contrário, precisamos também considerar os estressores específicos ligados à vivência de identidades sexuais dissidentes, que frequentemente ampliam a vulnerabilidade ao uso problemático de substâncias.

Como comentado anteriormente, existem marcadores sociais que tornam a experiência universitária singular para aqueles que fogem a determinados padrões normativos. Nesse sentido, têm-se que a vivência universitária para pessoas LGB não se limita apenas aos desafios acadêmicos comuns a todos, mas é atravessada por camadas adicionais de estresse ligadas à discriminação, ao medo de rejeição e à necessidade de vigilância constante sobre a própria identidade. Quando ML2 relata que *“essa não aceitação dentro de casa, eu também me sentia muito retraída dentro da universidade em ser quem eu era. Então era um sofrimento muito grande porque eu sentia que eu estava em dois ambientes e que ninguém iria me aceitar”*, evidencia-se como o contexto universitário pode assumir um maior grau de aversividade além daquele já esperado usualmente, caso o estudante esteja imbricado em variáveis sociais outras.

O relato de ML2 pode ser compreendido como um exemplo de generalização de estímulos. A experiência de rejeição no ambiente familiar, historicamente marcada por contingências aversivas, amplia-se para outros contextos sociais, como a universidade, ainda que não haja ali necessariamente episódios explícitos de violência. Nessa dinâmica, o próprio espaço acadêmico passa a adquirir função aversiva por similaridade com estímulos presentes no contexto familiar, aumentando a probabilidade de respostas de retraimento e sofrimento. Além disso, quando situações de discriminação ou exclusão efetivamente ocorrem no meio universitário, o impacto tende a ser potencializado, uma vez que tais eventos encontram um terreno já sensibilizado por esse histórico de experiências aversivas.

É importante destacar que os estressores enfrentados por pessoas LGB no contexto universitário não são equivalentes, em intensidade ou natureza, àqueles vivenciados por estudantes heterossexuais. Embora todo o corpo discente possa enfrentar desafios como pressão por desempenho, carga horária intensa ou incertezas quanto ao percurso acadêmico, estudantes LGB lidam com camadas adicionais de vulnerabilidade — como a constante gestão da própria identidade, o medo de represálias e a exclusão em ambientes que deveriam ser de acolhimento e desenvolvimento, como posto por MB3 “*E no que esteja a minha sexualidade, eu acho que eu me cobro muito. Talvez até de performar. Porque, enfim, eu tenho uma família mais velha. E aí, todos os dias eu me sinto atacada. Então, só de permanecer, sabe? Todo dia eu tenho que me reafirmar. E às vezes eu... É cansativo, mas... Eu me cobro*”. Assim, não se trata apenas de uma sobreposição de desafios, mas de variáveis qualitativamente distintas, que configuram um cenário de estresse específico. Essa mesma população que aponta posteriormente nesse trabalho, em outros momentos, os efeitos da discriminação, da invisibilidade ou da

rejeição familiar, é a que aqui aparece impactada também na dimensão acadêmica, revelando como os marcadores sociais atravessam múltiplas esferas da experiência universitária.

Diante dos achados discutidos até aqui, é possível perceber que, embora algumas variáveis estressoras afetem o conjunto do corpo discente — como a sobrecarga de atividades, a dificuldade em manter hábitos saudáveis ou a pressão por desempenho —, elas não se apresentam de forma homogênea entre os estudantes. Os atravessamentos relacionados à orientação sexual, classe e raça se relacionam com essas experiências, gerando desdobramentos que transbordam a lógica de um “problema comum”. Isto é, o que para alguns se traduz em um desafio pontual, para outros se configura como um percurso marcado por inseguranças constantes e pela necessidade de resistir diariamente à norma.

É nesse ponto que a interseccionalidade se mostra indispensável para compreender a vivência universitária. Estudantes LGB, por exemplo, não enfrentam apenas a rotina acadêmica exigente, eles a enfrentam, muitas vezes, lidando com o silêncio sobre quem são, contornando olhares de julgamento ou lidando com feridas abertas pela rejeição familiar e de outros grupos nucleares. Esses atravessamentos, como já comentado, não se dissolvem nas demandas do cotidiano universitário ou deixam de existir pelo novo contexto exposto, pelo contrário, eles se somam às demais pressões, potencializando o sofrimento e dificultando a permanência com qualidade nesse espaço. A partir disso, compreende-se que pensar a minimização de condições sociais e biologicamente tóxicas, como propõe Biglan (2015), exige a identificação de fatores de risco generalizados, mas vai para além disso. É necessário reconhecer que essas condições são vividas de maneira singular por determinados grupos e que, por isso, as

estratégias de cuidado e suporte precisam ser construídas levando em consideração esses marcadores sociais. A universidade, que poderia operar como espaço de segurança, reconhecimento e emancipação, ainda carrega dispositivos que reforçam exclusões históricas. É com esse olhar ampliado e comprometido que nos direcionamos à segunda dimensão do Ambiente Nutridor: a promoção e o reforçamento de comportamentos pró-sociais.

Seção II – Promoção e reforçamento de comportamentos pró-sociais

Na categorização dessa dimensão, questões relacionadas à diversidade sexual apareceram com uma maior frequência quando comparado com a dimensão anterior, como podemos ver na tabela abaixo.

Tabela 3

Resumo sobre a categorização das entrevistas de acordo com a dimensão “Promoção e reforçamento do comportamento pró-social”.

Categoria da Fala	Nº	Exemplo	Participante
Questões gerais¹	17	"Atualmente eu sinto muito satisfeita com as pessoas que eu conheci aqui. Tem aquela história de amigos da faculdade são para a vida toda, e realmente eu sinto que alguns serão."	MB3

Diversidade sexual²	31	<p>"Eu acho que não ter visibilidade... eu sinto uma invisibilidade muito grande, apesar de levar numa boa as brincadeiras, sempre tem aquela ideia de que a gente é confuso... parece que é uma questão de escolha... homem ou mulher. e eu sinto que é muito disso, e de que é muito fácil se expor tendo um relacionamento heteronormativo, que aí ninguém vai ficar te questionando, porque já vão supor que você é hetero ou algo assim."</p>	MB1
Interseccionalidades³	7	<p>"Eu performo feminilidade, né? Então os caras acham que eugosto de homem e tal, e aí é bem desconfortável."</p>	ML1

Legenda: ¹ **Questões gerais** – Variáveis que influenciam direta e indiretamente a experiência universitária de todo alunado; ² **Diversidade sexual** – Variáveis específicas que influenciam direta e indiretamente a experiência de pessoas não-heterossexuais na universidade; ³ **Interseccionalidades** – Variáveis socioculturais de outra natureza que qualificam a experiência universitária dos alunos.

No espaço universitário, os comportamentos almeçados nessa dimensão ganham especial relevância quando pensamos na diversidade que compõe o corpo discente. Para estudantes LGB, cuja trajetória é frequentemente atravessada por rejeições familiares, violências simbólicas e inseguranças sobre a própria identidade, o ambiente acadêmico pode representar tanto um espaço de emancipação e autoconhecimento quanto de novos enfrentamentos. Nesta pesquisa, foram categorizados 55 trechos das entrevistas relacionados à segunda dimensão do Ambiente Nutridor, que apontam para experiências entre acolhimento e invisibilidade, acolhida pontual e ausência de política e intervenção institucional, a partir das três categorias de análise já citadas.

Um dos aspectos mais recorrentes nas falas diz respeito ao papel do professor como agente potencial de acolhimento. Como pontua ML3: *“Os professores que são da comunidade falam abertamente sobre isso também. E os que não são também promovem debates sobre isso e parecem ser bem compreensíveis. Em relação aos professores, eu nunca me lembro de nenhum problema envolvendo LGBTfobia.”* Essa fala sinaliza um espaço que, embora não esteja isento de tensões, pode oferecer algum nível de segurança relacional. A partir de uma ótica comportamental, a fala de ML3 evidencia que a postura dos professores funciona como estímulo discriminativo que sinaliza não apenas a ausência de punições ou práticas LGBTfóbicas, mas também a possibilidade de acesso a reforçadores sociais relevantes, como respeito, acolhimento e abertura ao diálogo. Quando docentes, sejam pertencentes ou não à comunidade, promovem debates e se posicionam de forma afirmativa, eles estabelecem condições que aumentam a probabilidade de os estudantes se engajarem em comportamentos de expressão identitária com maior segurança. Dessa forma, o ambiente acadêmico deixa de ser definido apenas pela neutralidade da não punição e passa a se constituir como um espaço potencialmente reforçador, favorecendo interações que validam e sustentam as vivências de diversidade.

Contudo, não se trata de um cenário homogêneo, como evidencia ML1 ao relatar: *“Professores que se recusam a falar o nome social dos alunos, sabe? Tipo, muitos problemas em relação a isso... e são protegidos, né? Obviamente”*. A postura dos docentes frente às demandas da comunidade trans, como o respeito ao nome social, revela-se um marcador essencial na validação (ou na negação) da identidade de todos os corpos dissidentes. Quando professores transgredem esse direito básico, não apenas perpetuam violências simbólicas, como também contribuem para a manutenção de um ambiente hostil. Por outro lado, quando docentes — sejam eles pessoas LGB ou

cisgêneros engajados com a equidade — acolhem essas demandas, sinalizam que a universidade pode ser um espaço onde existir não representa uma ameaça à integridade subjetiva e física. A literatura reforça que a presença de vínculos afetivos com os docentes pode ser um fator de proteção importante na adaptação acadêmica e no enfrentamento das violências simbólicas e estruturais vivenciadas no ambiente universitário. Professores que estabelecem relações respeitadas e dialógicas contribuem para a construção de um espaço mais seguro e de pertencimento para estudantes dissidentes, o que impacta positivamente sua trajetória tanto acadêmica quanto subjetiva (Santos et al., 2015).

A postura de docentes que se direcionam a um movimento plural e inclusivo acaba, muitas vezes, dependendo de forças individuais, pouco influenciado ou incentivado por questões institucionais, como coloca MB3 *“Eu acho que se não for, sei lá, uma aula preparada ou isso, por exemplo, em uma disciplina a gente teve pessoas que atendem, pessoas da comunidade falando sobre como é o atendimento”* e ML2 *“Na nossa grade não tem nada relacionado. Se teve algum professor que trouxe a temática para dentro da sala de aula, eu não lembro. Mas, de uma forma geral, dificilmente teve algum assunto relacionado. Dificilmente mesmo.”* Assim, em outras palavras, a inclusão e o acolhimento relacionado à diversidade aparecem como expressões do engajamento pessoal de determinados docentes, e não como parte de um projeto pedagógico coletivo da universidade. Segundo Biglan (2015), ambientes verdadeiramente nutridores são aqueles que organizam de forma sistemática os reforçadores sociais para garantir que comportamentos pró-sociais sejam incentivados de maneira consistente, replicável e constante.

A ausência de discussões sistemáticas sobre diversidade sexual e de gênero no currículo universitário não é um dado isolado, mas parte de uma estrutura maior de silenciamento. Silva (2020) aponta que, mesmo com avanços legislativos e educacionais, essas temáticas seguem marginalizadas na formação docente, restringindo-se a eventos esporádicos ou a iniciativas individuais. Essa omissão curricular contribui para a manutenção de ambientes educacionais heteronormativos, onde a diversidade é percebida como exceção, e não como parte integrante da formação ética e política dos estudantes. Como destacam os autores do estudo sobre políticas públicas de inclusão no ensino superior, a universidade não pode apenas “acompanhar” de fora as transformações sociais, mas deve ser protagonista na promoção de igualdade de condições e de valorização da diferença. Isso implica compromissos institucionais formais com práticas inclusivas, estruturadas por diretrizes pedagógicas, políticas de permanência e formação docente voltada à diversidade (Terra et al., 2019). Corroborando com isso, Santos e Freitas (2020) destacam que a universidade deve ser compreendida não apenas como espaço de produção de conhecimento, mas como um espaço social comprometido com a promoção da pluralidade e do respeito às diferenças. Essa perspectiva atribui à instituição de ensino superior a responsabilidade de garantir políticas efetivas de acesso, permanência e valorização das singularidades dos sujeitos que a compõem, reforçando o papel da universidade como pilar dos direitos humanos e da democracia.

Quando o acolhimento ou discussão dentro da formação profissional depende exclusivamente da disposição de professores específicos, isso se torna instável e frágil. Isto é, essa ausência de intencionalidade institucional traz a naturalização da sorte como um fator de acesso ao reconhecimento de corpos dissidentes, fazendo com que a experiência de pertencimento dos estudantes LGB continue sendo uma exceção, e não

uma norma institucionalizada. Além disso, estudos apontam que há uma carência significativa na formação pedagógica dos docentes universitários, especialmente daqueles formados em bacharelados, o que reforça a dependência de iniciativas individuais em detrimento de uma política institucional estruturada para o acolhimento da diversidade (Salvador & Sordi, 2024). A ausência de programas sistemáticos de formação docente contínua impede que a diversidade sexual e de gênero seja compreendida como parte indissociável do compromisso educativo das instituições. Para que se fortaleça um ambiente realmente nutridor, é imprescindível que as IES assumam a responsabilidade de promover formações que articulem os aspectos técnicos e éticos da docência, reconhecendo o professor como agente de transformação social (Ferenc & Saraiva, 2010). Em estudo recente sobre a atuação dos Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) em Institutos Federais, Guimarães e Nardi (2024) evidenciam como essas estruturas vêm cumprindo um papel essencial na proposição de currículos mais democráticos e no enfrentamento da LGBTfobia institucional. Os autores defendem que a promoção da diversidade não pode ficar a cargo apenas de grupos militantes ou ações isoladas, mas deve ser uma política institucionalizada, compartilhada por todos os segmentos da universidade e sustentada por diretrizes pedagógicas e administrativas.

Nesse mesmo cenário podemos perceber uma concepção dos estudantes onde a ausência de episódios de LGBTfobia explícitos por si só já é visto como um fator positivo, algo que nos aponta uma fragilidade importante: a compreensão do acolhimento ainda está baseada na ausência da violência, e não na presença ativa de políticas inclusivas e de práticas afirmativas. Isso nos revela uma ambivalência: por um lado, a potência das interações individuais pode ser compreendida como promotora de comportamentos pró-sociais, mas, por outro, evidencia a lacuna entre a teoria e a

realidade da prática institucional. Biglan (2015) enfatiza que a promoção do comportamento pró-social requer uma intencionalidade estrutural e estruturante, com reforçadores positivos distribuídos por todo o esqueleto social. No entanto, no cenário analisado, ainda é possível observar uma escassez de contingências que fortaleçam comportamentos específicos de acolhimento, apoio mútuo, validação das identidades e promoção da equidade. A ausência desses reforçadores enfraquece a probabilidade de emissão e manutenção de tais repertórios entre os diferentes membros da comunidade universitária. A percepção de que a universidade é mais acolhedora do que outros contextos sociais também apareceu com frequência, como em HB2: *“Hoje eu acho que é um ambiente mais acolhedor do que o resto da sociedade”*. Ainda que essa avaliação seja positiva, ela traz consigo uma crítica implícita, pois traz que a sociedade como um todo é percebida como hostil à diversidade sexual, e a universidade se destaca por ser mais acolhedora, mas, isso não significa que esteja desprovida de desafios e violências.

Em termos de potencialidades, há uma dimensão simbólica importante para corpos dissidentes na ideia de que a universidade pode funcionar como “território de reexistência”, um espaço onde se pode reconstruir a si mesmo fora de um controle familiar e da sociedade, mesmo considerando o fato de que o contexto universitário faz parte dessa engrenagem. MB1 diz: *“Eu acho que apesar desse sentimento de invisibilidade, eu me sinto bem, me sinto tranquila. porque eu acho que eu me cerco de bastante gente que é da mesma comunidade. Tenho muitos amigos LGBTs, a maior parte eu acho. tenho outras amigas bissexuais, e lésbicas também.”* Esse tipo de relato reforça o poder da universidade enquanto espaço de expansão subjetiva, indicando que, mesmo diante de limitações institucionais, a convivência com a diferença e com o reconhecimento pode funcionar como força motriz da transformação social em prol de

contextos mais plurais, diversos e saudáveis, tal como propõe Biglan (2015) ao discutir o impacto de ambientes que reforçam positivamente o engajamento social. Sob a ótica da Análise do Comportamento, a fala de MB1 ilustra o papel das redes de apoio entre pares como fonte de reforçamento social positivo. Apesar da sensação de invisibilidade em nível institucional, a presença de amigos que compartilham experiências semelhantes atua como contingência que aumenta a probabilidade de sentimentos de segurança e tranquilidade. O grupo, nesse caso, funciona como um contexto reforçador que valida a identidade e reduz a aversividade do ambiente acadêmico mais amplo. Assim, ainda que a universidade não ofereça plenamente condições de visibilidade, as relações interpessoais entre membros da comunidade possibilitam contrabalançar experiências negativas, sustentando repertórios de pertencimento e bem-estar.

Contudo, essas transformações são atravessadas por contradições. Se por um lado os estudantes relatam experiências de pertencimento e acolhimento, por outro denunciam o caráter pontual e frágil desses espaços. MB2 comenta: *“As pessoas têm uma absoluta certeza sobre a tua situação na tua vida e elas sabem. Mesmo que eu diga tudo, elas sabem. E eu achava desagradável as pessoas verem, com certeza, sobre a minha orientação sexual, porque nem eu tenho certeza sobre a minha própria.”* Já ML1 acrescenta: *“E, nossa, tem muito caso de assédio, de violência psicológica também. Eu conheço um colega meu que o orientador dele faz isso, assedia ele e tal, e ele tem várias denúncias, tem uma carta de mais de cem páginas de denúncias.”* Esses relatos nos levantam uma hipótese sobre a promoção do comportamento pró-social, onde nos deparamos com uma universidade que poderia se responsabilizar mais a partir de uma perspectiva coletiva no desenvolvimento e aplicação de intervenções. Dessa forma, a vivência de experiências acolhedoras tem uma maior probabilidade de depender da

atuação pontual de determinados sujeitos, tornando-se um privilégio circunstancial, e não um direito assegurado. Conforme apontam Terra et al. (2019), a expansão do ensino superior nas últimas décadas esteve acompanhada de importantes ações afirmativas, como cotas, bolsas de permanência estudantil, que visaram ampliar o acesso de grupos historicamente marginalizados. No entanto, os autores alertam que, para além do acesso, é preciso fortalecer políticas que sustentem a permanência e o reconhecimento simbólico desses sujeitos dentro da universidade.

Um aspecto relevante que emerge da análise desta dimensão é o papel dos grupos sociais de apoio, formados espontaneamente por estudantes LGBs. Esses grupos são evidência da importância da existência dessas comunidades e são motivados pela luta por visibilidade e por direitos. Esses grupos são, frequentemente, construídos a partir de experiências compartilhadas de exclusão e reconhecimento mútuo, funcionando como espaços onde as identidades dissidentes encontram validação, suporte emocional e acolhimento, como podemos ver com a fala de MB5 *“Acho que tem uma boa parcela de pessoas LGBT. Fico até feliz porque eu consigo conversar e tal. Consegui me sentir um pouco mais confortável. Na sala tem bastante gente. Foi até a partir disso que eu consegui me assumir. Eu me assumi quando entrei aqui.”*. MB3 acrescenta: *“atualmente eu sinto muito satisfeita com as pessoas que eu conheci aqui. Tem aquela história de amigos da faculdade são para a vida toda, e realmente eu sinto que alguns serão. [...] Eu me sinto muito mais entendida e acolhida por pessoas da comunidade. Principalmente com mulheres que se envolvem com mulheres.”*; e, ainda, ML2 relata que *“hoje em dia eu tenho um grupo que digo com muita tranquilidade que são pessoas que eu tenho certeza de que vão estar comigo para além da UFPA quando acabar.”*

Esse fenômeno revela o protagonismo estudantil e a importância dos vínculos entre pares como fonte de acolhimento e suporte subjetivo, especialmente para estudantes que vivenciam rejeições familiares ou rompimentos afetivos (Santos et al., 2015). Contudo, essas redes, embora potentes, não podem substituir o compromisso institucional com práticas estruturadas de cuidado. A manutenção desses espaços de acolhimento entre estudantes deve ser reconhecida e articulada a políticas que garantam previsibilidade e sustentabilidade, de modo que o pertencimento não dependa unicamente da atuação espontânea dos próprios dissidentes.

Trazendo as considerações que Biglan (2015) postula sobre ambientes nutritivos, uma reflexão que surge se relaciona à restrição do reforçamento a nichos específicos, ou seja, corre-se o risco de que as experiências de acolhimento e valorização sejam exclusivas a determinados grupos que já compartilham entre si traços identitários comuns. Em outras palavras, o que deveria ser uma prática inclusiva e generalizada passa a ser vivenciado de maneira isolada e compartimentalizada. A formação de coletivos, grupos de escuta e espaços de socialização baseados na diversidade sexual é, sem dúvida, um importante fator de proteção e empoderamento desses corpos. No entanto, o fato de esses grupos existirem à parte do contexto institucional formal evidencia que a universidade não assume plenamente a responsabilidade pela promoção do comportamento pró-social em relação a diversidade como um valor central de sua política educacional. Esse cenário levanta uma questão fundamental: até que ponto a criação de grupos identitários é saudável e protetiva, e a partir de que ponto ela pode se tornar uma barreira para a construção de relações mais amplas, que incluam e responsabilizem também aqueles que ocupam posições hegemônicas na universidade?

Longe de serem prejudiciais, os grupos identitários cumprem um papel essencial na promoção de pertencimento, suporte mútuo e resistência coletiva frente às violências cotidianas que atravessam a vivência universitária de corpos dissidentes. Contudo, é preciso cuidado para que a existência e a manutenção desses espaços não sirvam como alibi para a desresponsabilização institucional. Quando a universidade se apoia nas iniciativas autônomas desses coletivos para responder às demandas de acolhimento e equidade, corre-se o risco de reforçar uma lógica onde o cuidado é terceirizado aos próprios sujeitos vulnerabilizados, e não estruturado como um compromisso coletivo e transversal. Isto é, o fortalecimento dos grupos precisa vir acompanhado de políticas institucionais que ampliem e sustentem essas ações, garantindo que a promoção de um ambiente verdadeiramente nutridor não dependa apenas da força e da organização dos próprios estudantes.

O risco de que tais grupos se convertam em “bolhas identitárias” é real, especialmente quando o acolhimento institucional é escasso. Esse panorama social pode ser percebido nas falas de ML3: *“Atualmente eu ando mais com quem é da comunidade LGBT do que com quem não é.”*; e de HG2: *“Quando eu saio daqui eu não tenho nenhum contato com ninguém. Porque eu não estou dentro das panelinhas, sabe? Para se dizer. Então, eles têm seus ciclos fechados e eu não estou dentro desses ciclos”*. Ao serem forçados a se organizar de maneira autônoma, estudantes LGBs constroem espaços importantes de resiliência, mas acabam também adentrar em uma lógica de segregação e isolamento. Biglan (2015) alerta para a necessidade de que comportamentos pró-sociais sejam promovidos de forma consistente e transversalizada, alcançando toda a comunidade e não apenas aqueles que já compartilham experiências comuns de marginalização. Nesse sentido, quando a diversidade é tratada como um tema que diz

respeito apenas às minorias que a vivenciam diretamente, a responsabilidade pela promoção de um ambiente inclusivo é deslocada dos atores que ocupam posições de poder e privilégio. Esse risco é discutido por Guimarães e Nardi (2024), que alertam para a tendência das instituições em terceirizar o cuidado com a diversidade aos coletivos e núcleos identitários, sem que haja um comprometimento efetivo da universidade como um todo. Essa postura institucional acaba reforçando a desigualdade de responsabilidades e limita o alcance das ações afirmativas, que acabam por se tornar isoladas, desarticuladas e dependentes de esforços voluntários. Para os autores, a promoção de um ambiente acolhedor requer corresponsabilização institucional e a construção de políticas sustentáveis e permanentes.

Assim, essa dinâmica social sugere que, embora os grupos de apoio sejam essenciais para o bem-estar de estudantes LGBs, eles não devem ser vistos como solução suficiente para o problema da exclusão. Ao contrário, quando esses grupos funcionam de forma isolada, a universidade pode acabar reforçando, mesmo que indiretamente, a ideia de que o combate à discriminação é uma responsabilidade apenas daqueles que sofrem com ela. Nesse sentido, pode-se hipotetizar que essa estrutura exime pessoas hegemonicamente posicionadas de se engajarem ativamente na promoção de comportamentos pró-sociais, contribuindo para a manutenção de desigualdades e exclusões. Por fim, vale destacar que Biglan (2015) defende que ambientes nutridores são aqueles que não apenas acolhem a diversidade, mas que também promovem uma cultura coletiva de cuidado, empatia e respeito mútuo. Isso implica a necessidade de que todos os membros da comunidade universitária – e não apenas aqueles que pertencem a grupos marginalizados – sejam envolvidos na promoção de práticas inclusivas e acolhedoras. Quando o acolhimento acontece apenas em grupos específicos, a instituição perde a

oportunidade de disseminar comportamentos pró-sociais de maneira ampla e efetiva, o que dificulta a construção de um ambiente genuinamente nutridor.

É importante destacar que Biglan (2015) insiste na consistência dos reforçadores como critério para que ambientes sejam nutridores. Isto é, não basta que existam ações positivas pontuais, elas precisam ser previsíveis, replicáveis e estruturalmente garantidas. Aplicado ao contexto universitário, isso poderia envolver a criação de programas de formação continuada para docentes e técnicos sobre diversidade e inclusão; a incorporação de práticas de escuta ativa e validação nos serviços de apoio estudantil e nas faculdades dos cursos de graduação; o reconhecimento público de iniciativas que promovam acolhimento e equidade; e a institucionalização de canais de denúncia específicos com garantia de retorno e responsabilização. Essas ações, quando integradas a uma cultura orientada à promoção do bem-estar coletivo, ampliam a probabilidade de que comportamentos de apoio, respeito e validação se tornem contingências reforçadoras reais e duradouras para toda a comunidade acadêmica. Como apontam Santos e Freitas (2020), as políticas de inclusão não devem se restringir ao ingresso de estudantes pertencentes a grupos minorizados, mas precisam garantir a permanência qualificada e o sucesso acadêmico, o que envolve ações planejadas nos campos do ensino, pesquisa e extensão. A ausência de estrutura para acompanhar esses estudantes aprofunda desigualdades históricas e compromete a promessa de democratização do ensino superior.

Os dados analisados demonstram que o ambiente universitário tem apresentado algumas características compatíveis com a segunda dimensão do Ambiente Nutridor, contudo, devido às lacunas percebidas, nota-se ainda um longo caminho a ser percorrido no intuito de fortalecê-lo de forma sistêmica e estrutural. Existem práticas, vínculos e interações que reforçam comportamentos pró-sociais e validam a experiência de sujeitos

LGB. No entanto, essas práticas ainda ocorrem de forma desigual, não sistemática e, muitas vezes, à margem das estruturas institucionais, sem o devido reconhecimento ou suporte por parte da universidade. A promoção de um ambiente verdadeiramente nutridor exige coerência institucional, investimento político e estruturação de políticas afirmativas permanentes. Assim, a universidade pode ser, ao mesmo tempo, um espaço de acolhimento e de exclusão, de escuta e de silêncio. É nesse campo de tensões ambíguas que se encontram as vivências relatadas pelos participantes desta pesquisa.

Seção III – Monitoramento e estabelecimento de limites sobre influências e oportunidades para o desenvolvimento de comportamentos problemáticos

Embora alguns dos relatos que compõem esta seção já tenham sido apresentados nas dimensões anteriores, é importante destacar que eles retornam aqui a partir de uma nova chave de leitura. Isso ocorre porque a proposta do conceito de Ambiente Nutridor, conforme delineado por Biglan (2015), convida à análise de um mesmo fenômeno sob diferentes ângulos, permitindo que se evidenciem nuances e implicações específicas conforme a dimensão em foco. Assim, o que em um momento foi discutido como condição social tóxica ou como expressão do comportamento pró-social, ressurge agora à luz da terceira dimensão. Essa retomada não significa repetição, mas aprofundamento: ao reposicionar os relatos dentro de uma nova análise, torna-se possível compreender com mais precisão os mecanismos de controle que incidem sobre as experiências de estudantes LGB no contexto universitário.

Nesta dimensão, os dados obtidos permitiram a identificação de diferentes aspectos da vivência universitária como influências potencialmente prejudiciais à saúde emocional, social e acadêmica de estudantes LGB. Para além das categorias desenvolvidas na análise dos dados, aqui foram identificadas quatro grandes vertentes de

discussão: ambiente físico, relação professor-aluno, sobrecarga acadêmica e relações interpessoais. Cada um desses elementos, à sua maneira, pode favorecer o desenvolvimento de comportamentos de esquiva, isolamento, sofrimento psíquico ou evasão, sobretudo quando não são monitorados ou enfrentados de forma institucional.

É importante destacar que a análise desenvolvida nesta seção parte de aspectos que, à primeira vista, dizem respeito à experiência universitária de forma mais ampla, envolvendo condições estruturais e institucionais que impactam todo o corpo discente. No entanto, ao longo do texto, esses elementos são progressivamente ressignificados à luz da diversidade sexual e das interseccionalidades, revelando como os mesmos fatores assumem contornos distintos quando atravessados por marcadores de gênero e orientação sexual. Assim, a seção propõe uma leitura em camadas: parte-se de condições gerais do ambiente universitário para, em seguida, evidenciar como elas afetam de maneira singular estudantes LGB, destacando os riscos específicos aos quais estão expostos e os repertórios de enfrentamento que mobilizam. A seguir, uma tabela mostra um apanhado geral da dimensão trabalhada.

Tabela 4

Resumo sobre a categorização das entrevistas de acordo com a dimensão

“Monitoramento e estabelecimento de limites sobre influências e oportunidades para o desenvolvimento de comportamentos problemáticos”.

Categoria da Fala	Nº	Exemplo	Participante
Questões gerais¹	26	"Não, acho que pelo fato de a UFPA ser muito aberta, assim, eu digo segurança física. Tem aquele medo de que... é um dos motivos que eu prefiro não jantar aqui, porque a UFPA de noite é bem noturno, né? É muito difícil ficar aqui, geralmente por medo mesmo."	HG2

Diversidade sexual²	26	"Quando a galera percebeu que ele não era hétero e tudo mais, eles começaram a propositalmente excluir ele de parte do trabalho, e quando chegou no dia da apresentação eles estavam tipo assim... meio que por fora de tudo, tipo na tentativa de humilhar ele [...]."	HB4
Interseccionalidades³	13	"Era mais tipo, é tipo, assédio sexual, importunação sexual, mais das vezes. É... Racismo eu ouvi e transfobia. Dentro do meu curso, ainda peguei, no segundo ano do meu curso, infelizmente a gente teve um professor que ele era racista [...]."	HB1

Legenda: ¹ **Questões gerais** – Variáveis que influenciam direta e indiretamente a experiência universitária de todo alunado; ² **Diversidade sexual** – Variáveis específicas que influenciam direta e indiretamente a experiência de pessoas não-heterossexuais na universidade; ³ **Interseccionalidades** – Variáveis socioculturais de outra natureza que qualificam a experiência universitária dos alunos.

O primeiro eixo que emerge das entrevistas diz respeito ao ambiente físico do campus, especialmente no que tange à sua localização, estrutura e condições de acesso. Embora esses aspectos impactem o alunado de forma geral, para estudantes LGB em situação de vulnerabilidade — como aqueles que foram expulsos de casa ou vivem longe por não contarem com apoio familiar — o deslocamento longo e cansativo pode representar não apenas uma dificuldade logística, mas uma extensão das desigualdades que marcam suas trajetórias educacionais. Além do cansaço físico, o trajeto exaustivo frequentemente agrava a sensação de esgotamento, reduz a qualidade do sono e aumenta o estresse diário. Para estudantes em situação de vulnerabilidade, essa condição pode intensificar sentimentos de sobrecarga e desamparo, como podemos ver no relato de

MB2: “*Acho que o fato da faculdade se localizar muito longe, e tem poucas regiões de ônibus que venham pra cá, dificulta muito a permanência saudável aqui. Porque além de ter o teu desgaste de assistir aula, fazer seus negócios, a gente tem um desgaste absurdo com o deslocamento*”. Embora o espaço universitário seja comumente pensado como um local de conhecimento e troca, ele também é um território que afeta diretamente a percepção de pertencimento, segurança e mobilidade — especialmente para aqueles que enfrentam barreiras sociais adicionais relacionadas à orientação sexual ou identidade de gênero.

A essa dimensão estrutural somam-se críticas à política de assistência alimentar, especialmente em relação ao Restaurante Universitário, cuja função de apoio é comprometida por falhas logísticas que geram estresse e desmotivação, como já apresentado na Seção I. MB2 coloca que “*A fila do restaurante universitário é uma coisa que deve cair na cabeça de muita gente. Porque é um cenário estressante. É muito quente. O calor estressa. Você está cansado. Você está estressado. O cansaço estressa. Você acabou de receber muita informação mental, se você estuda de manhã. Se você estuda de noite, você provavelmente vai chegar atrasado na sala. Então essas políticas de ferramentas para permanência e apoio universitário, não oferecem tanto quanto a demanda precisa*”. Embora o RU seja reconhecido como uma política de assistência fundamental, os obstáculos para sua efetiva utilização geram frustração e desgaste, transformando um recurso de permanência em mais um fator estressor

Ainda no que diz respeito à estrutura e funcionamento do espaço universitário, os relatos também apontam para preocupações com a segurança física no campus, revelando tensões que afetam diretamente a sensação de bem-estar e pertencimento. Relatos sobre episódios de furtos e perseguições em espaços abertos, pouco iluminados e com pouca

circulação de pessoas evidenciam que o ambiente universitário poderia garantir uma maior segurança para todos os corpos. Como pontua HG3: *“A questão da segurança, claro que já... Nesse ano mesmo, já ouvi relatos. De questão de assalto, de furto”*. Para além de uma percepção generalizada de insegurança, é possível identificar que certos marcadores sociais — como o gênero — intensificam os riscos percebidos. Estudantes do gênero feminino relataram sentir-se mais expostas à violência, o que as leva a adotar estratégias de autoproteção, como evitar circular sozinhas, por exemplo. ML1 afirma: *“Para nós mulheres, às vezes, eu tenho medo de ser, tipo, um homem ficar seguindo”*, enquanto HB2 reconhece: *“Eu vejo como um local muito seguro pra mim, né? Porque eu também sou homem, então... Eu não sou uma mulher, né? Porque muitas mulheres não se sentem seguras, e eu super entendo”*. Esse cenário mostra que a insegurança percebida não é homogênea, isto é, os riscos de exposição à violência são vivenciados de forma desigual. Do ponto de vista comportamental, a fala de HB2 revela como a percepção de segurança é modulada por contingências distintas associadas a diferentes marcadores sociais. O fato de ser homem atua como variável que reduz a probabilidade de contato com estímulos aversivos - como assédio ou violência de gênero - enquanto mulheres estão mais frequentemente expostas a tais contingências. Assim, a experiência de segurança não é generalizável de maneira uniforme, mas depende do histórico individual e da posição social do sujeito dentro do contexto. Esse relato evidencia que o mesmo ambiente pode funcionar como menos aversivo para uns e mais aversivo para outros, a depender das condições sob as quais cada grupo está inserido.

Biglan (2015) argumenta que instituições comprometidas com o bem-estar de seus membros devem antecipar riscos, e não apenas reagir a eles. Isso se refere ao investimento em infraestrutura preventiva, escuta ativa e protocolos acessíveis que

limitem a exposição à violência antes que ela se manifeste de forma explícita. Ambientes nutridores não apenas oferecem apoio após o dano, mas atuam estrategicamente para impedir que ele ocorra.

Para além das dimensões estruturais, os dados evidenciam que as relações humanas também configuram fontes significativas de sofrimento ou suporte — especialmente a relação entre docentes e discentes, marcada por assimetrias de poder e, em muitos casos, por violências simbólicas. Os dados revelam uma série de práticas e discursos que fragilizam a experiência acadêmica, incluindo comentários preconceituosos, legitimação de estigmas, naturalização da hierarquia e episódios de assédio sexual e violência interpessoal. Nesse sentido, MB4 coloca “*Muitos professores, dentro da sala de aula mesmo, são violentos e não acontece nada com eles*” e ML2 “*A gente está dentro de um espaço em que denúncias e casos de assédio sexual não só entre alunos, mas de professores com alunos são bem recorrentes, assim como em qualquer outro espaço fora da universidade, isso também é real*”. Esses comportamentos aparecem tanto em aulas presenciais quanto em interações informais, sendo muitas vezes tratados como “opinião pessoal” ou “liberdade didática”. O que os participantes apontam, de forma recorrente nas entrevistas, é a existência de uma assimetria relacional que se sustenta pela autoridade do docente, assim, a hierarquia, nesse caso, funciona não como espaço de orientação, mas como instrumento de controle.

Um aspecto sensível que emerge dos relatos dos participantes diz respeito à forma como a universidade lida com as denúncias de assédio, especialmente aquelas envolvendo docentes, como percebido na fala de ML2 “*Quando a gente entra, a gente se depara, na verdade, com vários preconceitos, várias agressões, assédios. E isso deixa a gente um pouco temeroso. Principalmente, por exemplo, em momentos de lazer, como o*

*Vadião*⁵ da vida, ou qualquer outro local. Em que já ocorreu que uma colega, por exemplo, sofreu assédio sexual de um professor.” e HG4 “Eu acho que ainda na UFPA acontece muito assédio, assédio moral dos professores com os alunos”. Embora existam mecanismos institucionais para apuração e responsabilização, a percepção de muitos estudantes é de que tais processos ocorrem de maneira velada, sem que haja uma comunicação clara sobre os desdobramentos das denúncias. Isso não significa, necessariamente, que a instituição se omite ou se recusa a agir diante dos casos, mas sim que há uma falha na forma como os encaminhamentos são comunicados à comunidade acadêmica.

Como mostram Silva et al. (2024), a omissão institucional frente ao assédio sexual é um fator recorrente no ensino superior, inclusive em instituições públicas. Mesmo quando há responsabilização do agressor, a ausência de transparência e acolhimento revitimizam as estudantes e reforça o silenciamento histórico das violências de gênero nas universidades. A ausência de uma cultura institucional de transparência mina a percepção de justiça entre os estudantes, o que enfraquece os efeitos protetivos de eventuais responsabilizações. Biglan (2015) ressalta que o monitoramento eficaz de influências sociais prejudiciais exige retroalimentação contínua entre a comunidade e a gestão institucional, com normas sociais claras, publicizadas e consistentemente aplicadas. Estudos recentes mostram que o assédio sexual no ensino superior se manifesta não apenas por meio de atos explícitos, mas também por olhares sugestivos, comentários sexistas e convites insistentes, frequentemente encobertos pela dinâmica de poder entre docentes e discentes. Essas experiências geram impactos severos à saúde mental das vítimas, como ansiedade, depressão, distúrbios alimentares e abandono de curso,

⁵ Espaço localizado no campus da UFPA que abriga diversas atividades de convivência, como feiras, festas estudantis, eventos culturais e encontros promovidos por atléticas e coletivos.

evidenciando a urgência de políticas institucionais de enfrentamento que ultrapassem o protocolo formal e avancem para práticas de cuidado e responsabilização coletiva (Silva et al., 2024).

Paralelamente às relações interpessoais mediadas por autoridade, a própria estrutura curricular e o ritmo de exigência institucional também se apresentam como elementos de risco, sendo a sobrecarga acadêmica um fator amplamente reconhecido como adoecedor, configurando-se como um potencial contexto para o desenvolvimento de comportamentos problemáticos no ambiente acadêmico. Pressões por alto desempenho, envolvimento em múltiplas atividades extracurriculares e a manutenção de uma rotina produtiva intensa são frequentemente naturalizadas e até valorizadas institucionalmente como marcas de excelência e engajamento. No entanto, os relatos dos participantes revelam que tais exigências têm gerado sofrimento significativo, afetando a saúde mental e a qualidade de vida dos estudantes. ML2 descreve esse cenário ao afirmar: *“Às vezes eu passava uma madrugada inteira tentando fazer alguma coisa para não acumular, só que acabava acumulando. Então, foi um período assim muito sofrido, pra falar a verdade. Tudo virou de cabeça pra baixo... alimentação, sono. Acho que a própria ida para a universidade era muito sofrida também.”* Em outra fala relacionada, HG3 destaca as consequências extremas desse contexto: *“Muitas pessoas sofrem dentro da universidade e chegam a cometer suicídio, ou tentam cometer suicídio dentro da própria universidade.”* Para estudantes LGB, a sobrecarga não se resume às demandas acadêmicas, mas é intensificada por experiências de exclusão e micro violências. Como aponta HB4: *“Quando a galera percebeu que ele não era hétero e tudo mais, eles começaram a propositalmente excluir ele de parte do trabalho, e quando chegou no dia da apresentação eles estavam tipo assim... meio que por fora de tudo, tipo na tentativa de*

humilhar ele [...]”. Sob a ótica da Análise do Comportamento, o episódio narrado por HB4 ilustra a ocorrência de práticas de punição social e exclusão deliberada. A retirada intencional de um colega das atividades coletivas e sua posterior exposição em situação de despreparo funcionam como contingências aversivas programadas pelo grupo, cujo efeito provável é a supressão de comportamentos de expressão identitária ou de participação ativa daquele estudante. Além disso, esse tipo de dinâmica tende a estabelecer o ambiente acadêmico como um contexto associado a estímulos aversivos, aumentando o risco de retraimento e evasão. Trata-se de um exemplo de como práticas de humilhação social não apenas produzem sofrimento imediato, mas também modelam repertórios de esquiva frente a situações acadêmicas e relacionais futuras.

Diante disso, é possível observar que, além das exigências acadêmicas compartilhadas por todo o corpo discente, estudantes LGB acumulam o ônus de precisar reafirmar constantemente sua legitimidade e competência em um ambiente que, muitas vezes, os marginaliza. Essa sobreposição de estressores institucionais e identitários compromete ainda mais a saúde mental desses sujeitos, revelando a importância de ações estruturadas que reconheçam tais especificidades. Biglan (2015) alerta que ambientes coercitivos, competitivos e orientados por metas inatingíveis são marcadores claros de contextos que favorecem o desenvolvimento de comportamentos indesejados, como ansiedade, depressão, esgotamento e uso de substâncias como forma de regulação emocional. A ausência de monitoramento sobre o impacto emocional das demandas institucionais transforma a produtividade em um critério de valor pessoal, enfraquecendo a autonomia e o cuidado de si como dimensões legítimas da experiência acadêmica.

Por fim, as interações entre pares — que poderiam funcionar como espaços de apoio e pertencimento — também revelam contradições. As relações interpessoais,

muitas vezes atravessadas por estigmas e preconceitos, configuram um cenário ambíguo entre acolhimento e violência simbólica, especialmente marcadas por estigmas ligados à sexualidade e ao gênero. Entre os homens participantes da pesquisa, surgem relatos que apontam para a permanência de práticas de bullying, exclusão e piadas homofóbicas que reforçam uma lógica de associação pejorativa entre dissidência sexual e feminilidade — elemento central na manutenção da masculinidade hegemônica. HB1 expressa essa frustração ao afirmar: *“Achei que o bullying ia terminar quando a gente saísse do ensino médio, mas ainda acontece aqui. Acho que existe. Então eu não acho a UFPA exatamente tão seguro, mesmo dentro do meu curso.”* Já HG2 denuncia o uso recorrente de termos como “viado” e “sapatão” como forma de agressão e desqualificação: *“E rola muita, muita piada de... com as palavras de pessoas, ‘viado’, ou... ou assim, ‘sapatão’, mas num sentido mais... pejorativo, assim, em questão de ofensa. E... E isso a gente vê até direcionado a pessoas que não são da comunidade. Por exemplo, as pessoas que apelidam uma pessoa a ser homossexual como se fosse para rebaixar. Entende?”*

Esses relatos evidenciam que a homofobia no ambiente universitário não se expressa apenas em ações direcionadas diretamente a pessoas assumidamente LGB, mas também como um mecanismo de disciplina da masculinidade, no qual qualquer sinal de sensibilidade, afeto ou desvio das normas de gênero é imediatamente punido com insultos ou exclusão. Essa dinâmica reforça a lógica de que ser associado à homossexualidade é, por si só, algo ruim, que te torna inferior — o que perpetua um ambiente hostil tanto para sujeitos dissidentes quanto para aqueles que não performam a masculinidade de forma rígida. A naturalização de comentários, piadas e risos como forma de agressão simbólica reforça o ciclo de silenciamento da diversidade sexual e de gênero no espaço universitário. Feola e Santos (2023) apontam que essas manifestações, muitas vezes

banalizadas como “brincadeiras”, configuram formas naturalizadas de LGBTfobia simbólica, que geram impactos profundos na experiência subjetiva e institucional dos estudantes dissidentes.

Esses comportamentos discriminatórios têm implicações significativas na saúde mental de homens gays, como apontam Martins e Pretto (2023), que destacam a existência de sofrimento psicológico profundo, marcado por sentimentos de inadequação, hipervigilância e isolamento, produzidos pela constante estigmatização da dissidência sexual na universidade. À luz do conceito de Ambiente Nutridor (Biglan, 2015), essas práticas representam contingências aversivas que comprometem o senso de pertencimento, a segurança psicológica e a liberdade de expressão identitária no espaço acadêmico, intensificando o sofrimento psíquico e interferindo diretamente na permanência e desempenho acadêmico, como alerta Santos e Lima (2022) em sua revisão sobre saúde mental e preconceito homofóbico. Assim, enfrentar essas formas sutis e recorrentes de violência é fundamental para a construção de um ambiente verdadeiramente acolhedor e equitativo, no qual a diversidade seja não apenas tolerada, mas valorizada como parte essencial da vida universitária.

As experiências das mulheres LGB na universidade revelam uma camada adicional de vulnerabilidade nas relações interpessoais, marcada por preconceitos, estigmas e violências que operam na intersecção entre gênero e dissidência sexual. Souza et al. (2021) evidenciam que mulheres lésbicas e bissexuais são duplamente vitimizadas, pois enfrentam simultaneamente as violências de gênero e as relacionadas à orientação sexual. Essas experiências não apenas impactam a saúde mental e emocional, como também são constantemente invisibilizadas por estruturas que negligenciam a especificidade dessas vivências. ML1 exemplifica esse desconforto ao afirmar: “*Eu*

performo feminilidade, né? Então os caras acham que eu gosto de homem e tal, e aí é bem desconfortável.” Já MB1 expressa a frustração diante da invisibilização de sua identidade: *“Eu acho que não ter visibilidade... eu sinto uma invisibilidade muito grande [...] parece que é uma questão de escolha... homem ou mulher.”* Essas vivências evidenciam como a performance de gênero das mulheres é constantemente interpretada à luz de uma expectativa heterossexual quase que compulsória, o que não apenas invalida suas experiências, mas as expõe a situações de constrangimento, importunação e assédio. Como aponta MB1: *“Eu percebo que quando você carrega características mais fortes que te discriminam dentro desse ambiente, acho que existe sim um temor um pouco maior, tanto pelos olhares, pelo desconforto, mas também de ter alguma situação de alguém chegar e ser um pouco mais agressivo com você.”* Nesse sentido, a universidade, como uma engrenagem da própria sociedade, se mostra como um espaço que ainda reproduz estruturas sociais marcadas pela misoginia e pelo estigma da dissidência, mas, por outro lado, um potente aliado a ser potencializado a partir de transformações estruturais.

Por outro lado, também foram identificadas falas que reconhecem a potência das amizades e dos vínculos com outros estudantes LGB como fonte de suporte, identificação e resistência. Esses espaços, mesmo que autônomos, cumprem um papel de proteção subjetiva frente à negligência institucional. Corroborando com essa perspectiva, MB5 revela que *“Acho que tem uma boa parcela de pessoas LGBT. Fico até feliz porque eu consigo conversar e tal. Consegui me sentir um pouco mais confortável. Na sala tem bastante gente. Foi até a partir disso que eu consegui me assumir. Eu me assumi quando entrei aqui.”*. Além disso, MB3 aparenta estar satisfeita com as amizades que fez na universidade quando diz que *“Tem aquela história de amigos da faculdade são para a*

vida toda, e realmente eu sinto que alguns serão. [...] Eu me sinto muito mais entendida e acolhida por pessoas da comunidade. Principalmente com mulheres que se envolvem com mulheres”. Essa rede de apoio, como também aponta Martins e Pretto (2023), tem efeito direto na sensação de segurança e pertencimento de estudantes gays em espaços institucionalmente hostis. Estar entre pares que compartilham experiências de exclusão cria um espaço de resistência e de validação das subjetividades dissidentes. À luz da terceira dimensão do Ambiente Nutridor, proposta por Biglan (2015), tais interações podem ser compreendidas como formas espontâneas de monitoramento e regulação das influências adversas presentes no ambiente universitário. Isto é, os laços construídos entre pares atuam como mecanismos de proteção que suavizam os efeitos das violências simbólicas, do isolamento e da pressão por desempenho, oferecendo repertórios de enfrentamento mais saudáveis e coletivos. Assim, fortalecer esses vínculos não apenas contribui para a permanência e o bem-estar dos estudantes ao longo do percurso acadêmico, como também revela a potência das redes de solidariedade como formas de resistência e transformação.

Biglan (2015) defende que ambientes nutridores devem limitar ativamente comportamentos problemáticos e, ao mesmo tempo, reforçar positivamente relações que promovam pertencimento e empatia. Isso exige que a universidade não apenas tolere os grupos de afinidade, mas os reconheça como práticas legítimas de enfrentamento e integre suas pautas às estratégias institucionais de acolhimento e prevenção. A partir da análise das quatro vertentes aqui apresentadas nessa seção, compreende-se que a fragilidade do monitoramento institucional e de limites claros frente a práticas cotidianas compromete a construção de um ambiente universitário verdadeiramente nutridor. Ambientes que deixam de agir diante de situações adversas ou não publicizam essas

ações ao alunado acabam por produzir um tipo de sofrimento que é silencioso, pulverizado e persistente. Como afirma Biglan (2015), ambientes saudáveis não se constroem apenas pela presença de comportamentos positivos, mas pela contenção ativa daqueles que comprometem a saúde, o pertencimento e a dignidade dos seus membros. Para além de protocolos formais, é preciso desenvolver no cotidiano dos cenários institucionais uma cultura que compreenda o cuidado como valor preventivo e coletivo, e o bem-estar como prioridade política.

As discussões apresentadas nesta seção evidenciam que, embora a universidade tenha avançado em diversas frentes no sentido de construir um ambiente mais acolhedor e seguro, ainda existem desafios importantes quando se trata de limitar influências adversas que afetam o bem-estar dos estudantes, em especial daqueles que vivenciam marcadores sociais de vulnerabilidade. Questões como o assédio, o preconceito velado, a sobrecarga acadêmica e as micro violências nas relações interpessoais continuam a atravessar o cotidiano universitário, revelando a necessidade de ações mais sistemáticas e articuladas. Ainda assim, é possível reconhecer que o próprio espaço acadêmico tem se mostrado também como lugar de construção de vínculos protetivos e de mobilização coletiva. A próxima seção, portanto, se volta para compreender como a universidade pode fortalecer a promoção de valores e práticas que favoreçam a expressão plena das identidades e o florescimento das potencialidades dos estudantes, ampliando o compromisso institucional com a diversidade e com o cuidado mútuo.

Seção IV - Promoção da busca consciente, flexível e pragmática dos valores sociais e da flexibilidade psicológica

Para muitos estudantes LGB entrevistados, estar na UFPA significou não apenas um avanço acadêmico, mas a possibilidade de existir com mais autenticidade,

reassignificar dores passadas e cultivar escolhas alinhadas a seus valores mais profundos.

A seguir, temos uma tabela que traz um resumo sobre os principais achados.

Tabela 5

Resumo sobre a categorização das entrevistas de acordo com a dimensão “Promoção da busca consciente, flexível e pragmática dos valores sociais e da flexibilidade psicológica”.

Categoria da Fala	Nº	Exemplo	Participante
Questões gerais¹	16	"É mais no sentido de conquista mesmo. A questão do lugar onde eu moro, o bairro, rua, né, porque eu moro numa periferia, né. Então, é no sentido de conquista, porque eu tinha um sonho de estudar numa faculdade pública."	HG1
Diversidade sexual²	57	"Ah, [minha sexualidade] é potencializada. É assim, nesse sentido assim, acho que aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar, isso. Acho que esse é um termo que dá para colocar."	HB4
Interseccionalidades³	17	"Ninguém vai duvidar se a sexualidade do homem gay é fluida, né? Tipo, não, ele é gay, ele nunca... Agora da lésbica, não, né? Uma hora tu vai ser bi, né? Agora do homem gay ninguém vai falar isso."	ML1

Legenda: ¹ **Questões gerais** – Variáveis que influenciam direta e indiretamente a experiência universitária de todo alunado; ² **Diversidade sexual** – Variáveis específicas que influenciam direta e indiretamente a experiência de pessoas não-heterossexuais na universidade; ³ **Interseccionalidades** – Variáveis socioculturais de outra natureza que qualificam a experiência universitária dos alunos.

A noção de flexibilidade psicológica, central nesta dimensão, é amplamente discutida no campo da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), desenvolvida por Hayes et al., (1999). Trata-se da capacidade de agir de forma coerente com os valores pessoais, mesmo diante de experiências dolorosas. Pessoas psicologicamente flexíveis são capazes de reconhecer suas experiências internas sem tentar evitá-las ou controlá-las, estando abertos ao que está presente e comprometidos com a ação. Essa habilidade é considerada um dos pilares do bem-estar emocional e da resiliência, especialmente em contextos nos quais o sofrimento não pode ser eliminado, mas pode ser acolhido com significado. Como ressalta Biglan (2015, p. 101): “Ambientes que nutrem o bem-estar ajudam as pessoas a perseguirem seus valores de forma flexível, mesmo quando enfrentam dor emocional ou circunstâncias difíceis⁶ [tradução livre]”.

Biglan (2015) incorpora essa compreensão ao propor que ambientes nutritivos fomentem não apenas comportamentos adaptativos, mas também o desenvolvimento de repertórios que permitam aos indivíduos seguir em direção ao que valorizam mesmo sob pressão. Isso é especialmente relevante quando falamos sobre vivências de pessoas LGB na universidade, muitas vezes atravessadas por histórias de rejeição, silenciamento ou insegurança. Assim, promover a flexibilidade psicológica é promover a possibilidade de uma vida que não seja guiada pela tentativa de evitar o sofrimento, mas pela busca consciente de uma existência com sentido.

Um dos aspectos mais marcantes nos relatos desta dimensão é a compreensão da universidade como um espaço onde a vida deixa de ser marcada exclusivamente pela sobrevivência e passa a ser orientada pela possibilidade de existência plena. Muitos participantes relataram que foi somente após a entrada na UFPA que puderam iniciar um

⁶ Trecho original: Environments that nurture well-being help people pursue their values flexibly, even when faced with emotional pain or difficult circumstances.

processo ativo de autoconhecimento e de afirmação da identidade sexual. Em meio a esse processo, surgem valores como liberdade, pertencimento, reconhecimento e autoestima. MB3, por exemplo, afirma: *"Mas foi muito importante eu conseguir me expressar a minha sexualidade, conseguir... conseguir ficar com pessoas, mas tipo, poder falar abertamente, sabe? Poder viver sem precisar me esconder, sem precisar fingir que eu não sou"*. Esse tipo de relato revela como o ambiente universitário pode possibilitar rupturas com antigos silenciamentos, funcionando como um catalisador para o florescimento de identidades que antes permaneciam escondidas. Já ML2 relata que *"Foi um processo de aceitação minha, inicialmente, pra depois sentir aceitação dos outros. Como eu te falei, eu não entrei na UFPA assumida. Então, foi um processo até o momento que eu consegui me assumir pra uma das minhas melhores amigas e descobri que ela era lésbica também"*. Esses valores, quando reforçados de forma consistente no ambiente social, tornam-se guias de ação fundamentais. Biglan (2015) destaca que ambientes nutridores sustentam o agir orientado por valores na medida em que oferecem oportunidades repetidas de escolha, reconhecimento e validação pública desses compromissos pessoais. No contexto universitário, essas oportunidades se traduzem em espaços onde a diversidade é legitimada e os sujeitos são incentivados a refletir e agir conforme aquilo que consideram significativo.

Essa experiência marca um ponto de virada: ao entrar em contato com outras trajetórias e com discursos que validam sua existência, os estudantes passam a questionar referências anteriores e construir novos modos de compreender a si mesmos e suas relações com o mundo. Biglan (2015) defende que ambientes que permitem o reconhecimento e o cultivo dos valores pessoais contribuem diretamente para o bem-estar subjetivo. Quando os estudantes relatam que começaram a se sentir pertencentes, visíveis

e autorizados a existir, eles estão descrevendo a experiência concreta da quarta dimensão em ação.

Apesar dos avanços mencionados, os relatos desta dimensão também apontam para um pertencimento que nem sempre é pleno ou incondicional. Diversos estudantes relataram a necessidade de adaptar sua expressão de gênero, linguagem corporal, vestuário ou modos de se relacionar a depender do grupo social ou do espaço que estão inseridos. Essa gestão da própria expressão surge como um recurso de proteção diante de possíveis julgamentos ou rejeições, mas também revela o custo subjetivo da vigilância constante. ML1 relata que *"Agora mudei completamente, me feminilizei mil por cento, tipo, sim, quando eu vou pra evento, né, da faculdade, eu também mudo completamente, tipo, me sinto super desconfortável, né"*.

Esse tipo de ajuste, ainda que adaptativo em muitos contextos, representa uma tensão contínua entre a autenticidade e a necessidade de proteção frente às normatividades presentes no ambiente universitário. Como destaca Biglan (2015), ambientes nutridores reduzem a necessidade desse tipo de camuflagem, pois oferecem segurança suficiente para que as pessoas expressem seus valores com liberdade. Nesse sentido, Santos (2017), ao investigar a permanência de estudantes LGBT no ensino superior, aponta que 72,2% dos participantes preferem não demonstrar sua orientação sexual no ambiente universitário, revelando que a ocultação da identidade segue sendo uma estratégia recorrente de proteção. Esse cenário não acontece sem motivos, pelo contrário, dados da Pesquisa Nacional de Saúde de 2019 mostram que pessoas LGB têm mais que o dobro de chances de sofrer qualquer tipo de violência em comparação às heterossexuais, sendo essa prevalência ainda mais acentuada entre as mulheres LGB (Vasconcelos et al., 2023). Esse panorama reforça a ideia de que o pertencimento de

peças dissidentes nesses espaços muitas vezes está condicionado à capacidade de controlar ou modular sua expressão, o que compromete a vivência plena da autenticidade.

Outro ponto importante identificado nos relatos é o papel da passabilidade como mediadora da aceitação. MB1 afirma: *"Acho que para mim é mais fácil por ser mulher cis, por me expressar como uma mulher cis, e tenho passabilidade sobre tudo isso, ser muito feminina. Eu sinto que eu fico imune a uma série de violências, e eu percebo isso quando eu estou com amigas que são desfem⁷, e eu fico com medo por conta dos olhares, e eu fico pensando... se alguém me agredir, alguém vai intervir? Tem segurança? Eu acho que não"*. Essa fala explicita a existência de um pertencimento que conversa com padrões normativos de gênero, mesmo dentro de espaços acolhedores. A aceitação, quando vinculada à performance, deixa de ser uma expressão genuína de inclusão e passa a ser um reforçamento diferencial que continua por marginalizar expressões consideradas desviantes.

A amizade aparece, em muitos relatos, como o principal contexto de acolhimento. HB1 comenta que *"Eu me sinto mais à vontade com os meus amigos. A gente vai, anda pela orla, senta por lá, a gente conversa, a gente se expressa. E quando eu não tô com eles, assim, eu não sinto muito... muita vontade de me expressar"*. A flexibilidade, nesse sentido, torna-se um processo de sobrevivência emocional. Porém, ela também acaba limitando o pleno engajamento com os próprios valores, já que exige negociações constantes sobre quando e como ser visível. Para Biglan (2015), a promoção da flexibilidade psicológica não deve ser confundida com adaptação forçada. O que o autor defende se relaciona com a criação contextos nos quais a autenticidade não precise ser sacrificada para garantir segurança.

⁷ Mulheres que tem uma expressividade de gênero mais próxima à masculina

Em contrapartida às tensões descritas anteriormente, muitos estudantes relataram experiências potentes de acolhimento e pertencimento em grupos de amizade, coletivos estudantis, ligas acadêmicas e demais espaços de convivência na universidade. Esses contextos são descritos como lugares onde a autenticidade é incentivada e os valores individuais podem ser compartilhados e fortalecidos por meio do coletivo. MB4 destaca: *"Na liga acadêmica que eu participo. É um espaço muito confortável, muito acolhedor para se falar de pensamentos, sentimentos"*. E HG3 diz *"Eu acho que ela [orientação sexual] se potencializa dentro da universidade. Porque aqui tem muito debate político. Aqui tem muita interferência de corpos sociais [...] a universidade potencializou muito mais a minha visão de uma pessoa gay dentro da comunidade gay e da própria comunidade LGBT como um todo, em relação a respeito, a limite"*. A importância desses espaços não se limita ao apoio emocional; eles também funcionam como núcleos de formação cidadã, onde os estudantes se engajam em debates políticos, produzem conhecimento e constroem redes de solidariedade. Como aponta Biglan (2015), ambientes nutridores oferecem oportunidades concretas de participação cívica e reforçam o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais.

A experiência de pertencimento entre pares também tem um efeito protetivo sobre a saúde mental, conforme relatado por HB1: *"Tenho um maior apoio na minha atual sexualidade por meus amigos, a gente conversou bastante sobre isso, fui entender também um pouco mais da sexualidade também, eu não entendia tanto como funcionava"*. Isso ilustra o poder dos vínculos sociais como reforçadores positivos na trajetória acadêmica de estudantes LGB. Ambientes que promovem esses laços não apenas reduzem riscos, mas fortalecem repertórios de enfrentamento.

No mais, nos deparamos com relatos que evidenciam um processo profundo de ressignificação de narrativas herdadas, especialmente aquelas associadas à religião, à família e aos valores conservadores aprendidos ao longo da vida. A universidade é descrita como o lugar onde, pela primeira vez, foi possível questionar verdades absolutas, reconstruir crenças e iniciar um caminho mais autêntico em direção a si mesmo. HB3 relata: *"Já tive uma época que eu era mais reprimido, principalmente porque eu tive uma criação bem conservadora, cristã [...] Ai passei um tempo que eu, mesmo não sendo cristão, eu ainda tinha muito dessa cultura dentro de mim mesmo, dentro da minha cabeça. E aí eu me auto-reprimia"*. Esse tipo de ruptura exige coragem e, muitas vezes, provoca sofrimento, mas também representa o surgimento de uma nova forma de se relacionar com a própria história. Biglan (2015) defende que ambientes nutritivos devem ser capazes de acolher as dores que emergem do enfrentamento de marcas culturais, oferecendo suporte e sentido para esse processo.

A universidade, ao promover o contato com diferentes discursos e experiências, funciona como um espaço de desconstrução e reconstrução simbólica. MB4 sintetiza esse movimento ao dizer: *"Então pra mim foi um espaço de potencializar e se permitir viver, na verdade. Porque antes não existia isso, antes era tipo assim, tudo para a sobrevivência"*. Para Biglan (2015), essa é precisamente a função da flexibilidade psicológica: permitir que as experiências internas sejam reconhecidas, mas não se tornem barreiras intransponíveis para a ação comprometida com os valores escolhidos.

Ao longo desta seção, tornou-se evidente que a promoção da busca consciente por valores e da flexibilidade psicológica não ocorre de maneira homogênea entre os estudantes LGB, tampouco de forma desvinculada das estruturas institucionais que permeiam a universidade. Os dados analisados revelam que, apesar das contradições e

limites ainda impostos por normatividades silenciosas, a experiência universitária pode ser vivida como uma oportunidade concreta de reconstrução identitária e fortalecimento subjetivo. Essa trajetória pode ser fortalecida por ações institucionais que integrem práticas de escuta qualificada, espaços de acolhimento contínuo, currículos que contemplem a diversidade como eixo estruturante e serviços psicológicos com enfoque afirmativo. Tais iniciativas não apenas sinalizam compromisso institucional, como também oferecem reforçadores concretos para a manutenção de repertórios compatíveis com os valores pessoais dos estudantes.

Considerações finais

Esta dissertação partiu do interesse em compreender como estudantes universitários lésbicas, gays e bissexuais vivenciam sua trajetória no ensino superior, tomando como referencial analítico o conceito de Ambiente Nutridor, desenvolvido por Anthony Biglan (2015). A partir da escuta de dezesseis estudantes da Universidade Federal do Pará, buscou-se analisar os elementos que favorecem ou comprometem a permanência e o florescimento subjetivo desses sujeitos.

Ao longo das quatro seções analíticas, observou-se que a experiência universitária de pessoas LGB é marcada por um conjunto de contradições. A universidade emerge, simultaneamente, como espaço de acolhimento e de silenciamento, de descoberta e de tensão, de expansão identitária e de vigilância constante. Se, por um lado, o ambiente universitário se destaca por oferecer oportunidades de reconstrução subjetiva, reconhecimento entre pares e distanciamento de cenários familiares opressores, por outro, as estruturas institucionais seguem atravessadas por lógicas normativas que tornam o pertencimento algo circunstancial e não um direito garantido.

É preciso reconhecer que todas as dimensões analisadas nesta dissertação apresentam fragilidades estruturais importantes. No entanto, também se destacam evidências significativas de um Ambiente Nutridor na experiência universitária de pessoas LGB, sinalizando que, apesar dos desafios persistentes, há iniciativas e contextos que favorecem a inclusão, o acolhimento e o florescimento identitário nesse espaço. A universidade se configura, sim, como espaço de reconstrução subjetiva, fortalecimento identitário e convivência democrática, mas tais potencialidades convivem com limitações institucionais que influenciam a integralidade do cuidado. Nas dimensões analisadas — minimização de condições tóxicas, promoção do comportamento pró-social, limitação de

influências adversas e promoção de valores e flexibilidade —, identificaram-se iniciativas e contextos que operam em direção à inclusão. Entretanto, essas ações se mostram pontuais, dependentes do engajamento individual de certos atores institucionais, e não como resultado de políticas estruturadas e contínuas.

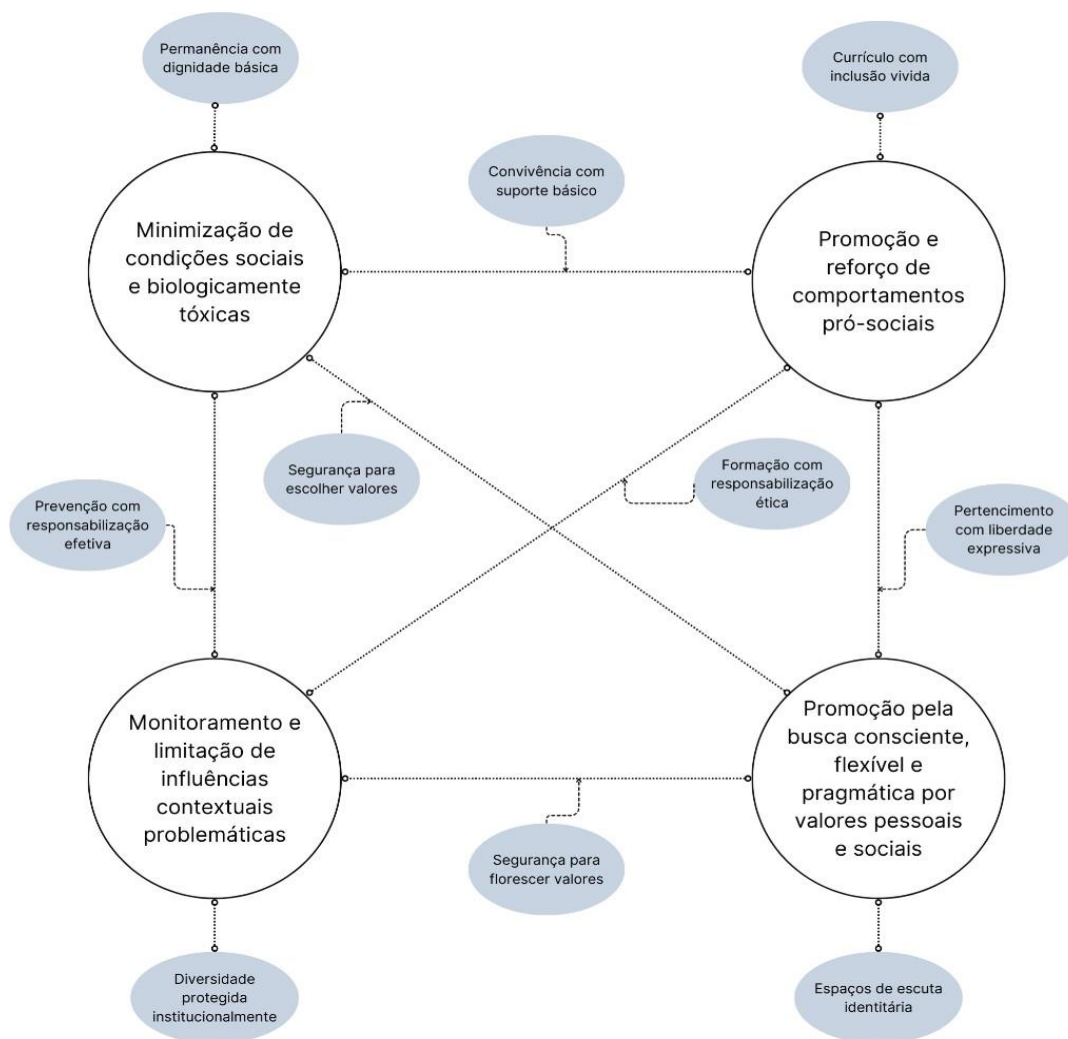
Fica evidente que as quatro dimensões do Ambiente Nutridor (Biglan, 2015), embora apresentadas separadamente, se cruzam o tempo todo na vivência concreta dos estudantes LGB. A realidade institucional não se distribui em caixinhas isoladas — ela é atravessada por práticas, silêncios e suportes que impactam simultaneamente diferentes aspectos da experiência universitária. A convivência saudável, por exemplo, não é só uma questão de segurança (Dimensão I) ou de reforço a comportamentos pró-sociais (Dimensão II); é um ponto de convergência que mobiliza ambas as dimensões e ainda alcança a proteção frente a riscos e na afirmação identitária.

Os dados mostram que quando a universidade investe de forma consistente em uma dimensão, os efeitos transbordam para as outras. Fortalecer grupos de apoio entre pares, por exemplo, não apenas estimula interações empáticas e acolhedoras, mas também reduz a exposição a influências nocivas e abre espaço para que os estudantes elaborem seus valores e se expressem com mais liberdade. Da mesma forma, ambientes físicos seguros e estruturados contribuem não só para o bem-estar imediato, mas também para o enraizamento identitário e o senso de pertencimento, pilares da quarta dimensão.

A Figura 1 sintetiza esse entrelaçamento, mostrando que uma política institucional bem pensada não atua em um ponto apenas, mas sim no conjunto. Ela transforma e constrói um espaço universitário mais ético, mais justo e mais comprometido com a pluralidade de quem o habita.

Figura 1

Conexões entre as quatro dimensões do Ambiente Nutridor e proposições integradas para o contexto universitário



Nota. Ilustração elaborada pelo autor com base nas quatro dimensões do conceito de Ambiente Nutridor (Biglan, 2015). O diagrama destaca as interações entre as dimensões e apresenta proposições institucionais alinhadas à promoção de contextos mais saudáveis, inclusivos e protetivos para estudantes LGB no ensino superior.

Ao observar os dados da pesquisa, nota-se que a dimensão com indicadores mais positivos é a que diz respeito à promoção da busca consciente, flexível e pragmática dos

valores sociais e da flexibilidade psicológica, evidenciada por relatos sobre o reconhecimento entre pares, o florescimento identitário e a construção de espaços simbólicos de pertencimento. Por outro lado, as maiores fragilidades se concentram na terceira dimensão, ligada ao monitoramento e à limitação de influências adversas. Nela, observam-se lacunas importantes relacionadas à atuação institucional frente à LGBTfobia, à precariedade de canais acessíveis de denúncia, à dificuldade de uma comunicação institucional clara e acessível diante de episódios de discriminação, e à escassez de ações educativas sistemáticas sobre diversidade sexual e de gênero, voltadas a todos os atores institucionais ainda impactam o cotidiano de estudantes LGB, comprometendo seu íntegro bem-estar e permanência qualificada no ensino superior. Esse panorama aponta para a urgência de ações institucionais que articulem as políticas de permanência já existentes com diretrizes claras voltadas à população LGB, garantindo previsibilidade e consistência nas iniciativas inclusivas. Mais do que criar novos programas, é necessário revisar os dispositivos atuais com base em marcadores sociais como sexualidade, classe e raça, de modo a corrigir desigualdades históricas e transformar a universidade em um espaço onde o pertencimento seja garantido como direito, e não como conquista circunstancial.

A análise evidenciou que estudantes LGB enfrentam não apenas os desafios comuns do percurso acadêmico, mas também camadas adicionais de sofrimento ligadas à sua condição de minoria. A rejeição familiar, o medo de exposição, a camuflagem da identidade e os atravessamentos interseccionais tornam a permanência um processo de resistência. Os estressores específicos não apenas intensificam a vulnerabilidade emocional, mas produzem desigualdades concretas no acesso ao bem-estar, à autonomia e ao desempenho acadêmico.

A universidade, em sua função formadora, não pode se limitar a evitar violências. É preciso que promova intencionalmente condições de acolhimento, validação e escuta. O conceito de Ambiente Nutridor permite compreender que o florescimento humano depende da existência de contextos que sustentem, de forma consistente, escolhas alinhadas a valores pessoais e coletivos. Isso exige que os reforçadores positivos não estejam restritos a determinadas circunstâncias, mas atravessando o tecido institucional como um todo. Ao final da análise, foram identificadas quatro direções prioritárias para que o contexto universitário se aproxime de um ambiente verdadeiramente nutridor.

A primeira delas é a inserção sistemática de debates e formações sobre diversidade sexual e de gênero na estrutura curricular da universidade. A escuta dos participantes revelou que o silenciamento institucional sobre essas temáticas reforça a marginalização de sujeitos dissidentes e contribui para a reprodução de preconceitos. Para reverter esse cenário, recomenda-se que todos os cursos de graduação incluam disciplinas, oficinas ou componentes formativos que abordem questões de gênero, sexualidade e direitos humanos. Além disso, é fundamental a implementação de ações institucionais que envolvam a comunidade universitária como um todo, como semanas temáticas, ciclos de debates e atividades interdisciplinares que tenham como objetivo sensibilizar, formar e mobilizar os sujeitos para o enfrentamento à discriminação. Essas medidas podem contribuir significativamente para a construção de um ambiente mais plural e menos violento.

A segunda direção refere-se à formação sistemática e continuada de professores e técnicos sobre temas relacionados à diversidade sexual, aos direitos humanos e à construção de ambientes mais inclusivos. A ausência de formação nesse sentido compromete a capacidade dos profissionais de atuarem de maneira ética, acolhedora e

politicamente comprometida com a equidade. Por isso, recomenda-se a institucionalização de programas de capacitação que abordem conceitos como heteronormatividade, interseccionalidade, violências simbólicas, legislação antidiscriminatória e acolhimento emocional. Esses programas devem ser obrigatórios, ocorrer em momentos estratégicos (como o ingresso na carreira ou a progressão funcional) e contar com a participação de especialistas, coletivos estudantis e setores institucionais comprometidos com a diversidade. Além disso, é importante que tais formações não sejam tratadas como ações isoladas ou paliativas, mas como parte da política institucional de cuidado e desenvolvimento profissional. Dessa forma, amplia-se a probabilidade de que o acolhimento deixe de ser um gesto individual e se torne uma prática partilhada e sustentada pela universidade como um todo, como uma construção cultural.

A terceira direção refere-se à necessidade de fortalecer comportamentos pró-sociais por meio de uma estratégia pulverizada, descentralizada e sustentada. Ambientes em que a empatia, o apoio mútuo e o reconhecimento são disseminados em diferentes contextos institucionais tendem a promover um senso de pertencimento mais robusto e duradouro. Para isso, é fundamental que a universidade incentive cada faculdade a desenvolver suas próprias estratégias de acolhimento, criando espaços de troca, escuta e fortalecimento entre estudantes, professores e técnicos. Essa descentralização pode tornar o acesso mais próximo e efetivo, rompendo com a lógica de que o acolhimento está restrito a setores especializados.

Nesse sentido, recomenda-se a institucionalização de práticas como o aconselhamento entre pares (Cavalcante & Menezes, 2023), em que estudantes mais experientes possam acompanhar e apoiar colegas em seus processos de adaptação,

pertencimento e enfrentamento das dificuldades. Além disso, é importante promover eventos de convivência segura, rodas de conversa e formações locais sobre temas afetivos, sociais e institucionais. Tais iniciativas funcionam como reforçadores naturais de comportamentos empáticos, solidários e cidadãos, tornando o ambiente universitário mais humanizado. Por fim, é recomendável que as políticas de permanência estudantil considerem critérios interseccionais e promovam também a continuidade de projetos que envolvam estudantes, servidores e docentes de forma colaborativa e horizontal.

A quarta direção prioritária é o monitoramento e limitação de influências institucionais nocivas. Isso implica que a universidade desenvolva mecanismos de fiscalização acessíveis e visíveis. Mais do que criar canais de escuta, é fundamental que a comunidade acadêmica tenha acesso às informações sobre os encaminhamentos institucionais em casos de violência ou discriminação. A transparência nesses processos pode favorecer uma cultura de confiança e de segurança para a denúncia, bem como análises quantitativas e qualitativas sobre os índices institucionais de modo a subsidiar decisões sobre políticas institucionais a serem aperfeiçoadas ou implementadas.

Recomenda-se, ainda, a criação de espaços específicos para acolhimento, orientação e encaminhamento de demandas relacionadas à diversidade sexual, bem como campanhas institucionais que convoquem toda a comunidade a ser parte ativa na construção de um ambiente mais seguro. Falar publicamente sobre a importância de ser aliado é uma estratégia de prevenção e de responsabilização coletiva. Garantir que espaços como os Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual disponham de recursos, autonomia e presença política também é essencial. Pertencer à universidade deve ser um direito estruturado, sustentado por um sistema de proteção social acessível, comprometido e transparente.

Este trabalho teve como objetivo contribuir com a construção de uma universidade mais sensível, responsável e comprometida com o florescimento de todos os sujeitos que a compõem. Reconhece-se, contudo, que há limitações: trata-se de uma amostra localizada, com foco específico em orientações sexuais dissidentes. Será fundamental que pesquisas futuras explorem outras identidades de gênero, contextos regionais distintos e possibilidades de intervenção. Ainda assim, acredita-se que os dados aqui reunidos contribuem para tensionar as práticas vigentes e ampliar as possibilidades de uma educação superior mais plural, equitativa e humana. Afinal, mais do que acesso, os sujeitos LGB têm direito à permanência com dignidade, ao pertencimento com sentido e ao florescimento com liberdade.

Referências

- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. (2019). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Edifício Denasa- Brasília/DF.
- Araújo, M., Lopes, X., Azevedo, C., Dantas, D., & Souza, J. (2021). Qualidade do sono e sonolência diurna em estudantes universitários: Prevalência e associação com determinantes sociais. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 45(2).
<https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.2-20200182>
- Ariño, D. O., & Bardagi, M. P. (2018). Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. *Psicologia em Pesquisa*, 12(3), 44–52.
<https://doi.org/10.24879/2018001200300544>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- _____ (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- _____ (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- _____ (2023). *Metodologia do ensino superior: presencial, a distância e híbrido*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Biglan, A. (2015). *The nurture effect: How the science of human behavior can improve our lives and our world*. New Harbinger Publications.
- Calixto, A., Menezes, A., & Goulart, P. (2019). Psicologia Escolar como Ferramenta de Democratização da Educação: Um Relato de Experiência. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(1), 168–183. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i1.3014>
- Cardoso, M. R., & Ferro, L. F. (2012). Saúde e população LGBT: Demandas e especificidades em questão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(3), 552–563.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000300003>

- Cavalcante, A.V.C. de M. (2025). Ambiente Nutridor e Educação de Refugiados: Análise da Experiência na Educação Superior. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém/PA, 126 p.
- Catania, A. C. (1999). Aprendizagem e cognição (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Cavalcante, A. V. C. de M., & Menezes, A. B. de C. (2023). Peer counseling no ensino superior: revisão integrativa de uma metodologia de intervenção em saúde mental. *Unifunec científica multidisciplinar*, 12(14), 1–16.
<https://doi.org/10.24980/ucm.v12i14.5985>
- Cavalcante, A.V.C. de M. (2025). Ambiente Nutridor e Educação de Refugiados: Análise da Experiência na Educação Superior. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém-PA, 126 p.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). Código de ética profissional do psicólogo (Resolução CFP nº 10/2005). https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf
- Conselho Federal de Psicologia. (2023). Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas – CREPOP. <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-psicologos-e-psicologues-em-politicas-publicas-para-populacao-lgbtqia/>
- Cutrim, V., Barth, C. A., Menezes, A. B., Costa, T. D., & Ramos, C. C. (2025a). A relação entre diversidade sexual e saúde mental no ensino superior. *Caderno Pedagógico*, 22(4), e14252. <https://doi.org/10.54033/cadpedv22n4-193>

- Cutrim, V., Silva, A. M. P. S., Rodrigues, G. N., Menezes, A. B. (2025b). Diversidade sexual e de gênero no Ensino Superior: Reflexões e caminhos a partir da psicologia escolar. In: Sexualidades em atualização/organizadores Oswaldo M. Rodrigues Jr., Carla Zeglio. - 1 ed. - São Paulo: Diálogos editorial, 2025. 306 p.
- Feola, L. A., & Santos, A. E. C. dos. (2023). Pessoas LGBTQ+ e suas vivências educacionais no ensino superior: Reconhecendo violências. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 14(1), 1–20.
- Ferenc, A. V. F., & Saraiva, A. C. L. C. (2010). Os professores universitários, sua formação pedagógica e suas necessidades formativas. In A. V. F. Ferenc & A. C. L. C. Saraiva (Orgs.), Os professores universitários e as necessidades formativas: Livro 3 (pp. 573–587). ENDIPE.
<https://www.researchgate.net/publication/340679949>
- Ferri, J., Silva, H. D. F. N., Mendonça, A. B. D., Fernando, R. J. S., Silva, A. D., & Guarise, M. (2024). Uma análise de conteúdo sobre o emprego de abordagens de saturação em pesquisas qualitativas. In Proceedings do 13º Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa. Galoá. <https://proceedings.science/ciaiq-2024/trabalhos/uma-analise-de-conteudo-sobre-o-emprego-de-abordagens-de-saturacao-em-pesquisas?lang=pt-br>
- Fernandes Filho, R., & Oltramari, J. C. (2021). Psicologia escolar e população lgbti+ no ensino superior: um relato de experiência. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, v. 25, 1–4. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021236981>
- Fernandes, T. F., Monteiro, B. M. de M., Silva, J. B. M., Oliveira, K. M. de, Viana, N. A. O., Gama, C. A. P. da, & Guimarães, D. A. (2017). Uso de substâncias psicoativas entre universitários brasileiros: Perfil epidemiológico, contextos de

- uso e limitações metodológicas dos estudos. *Cadernos Saúde Coletiva*, 25(4), 498–507. <https://doi.org/10.1590/1414-462X201700040181>
- Ferreira, L. P., & Silva, R. B. (2023). Atividade física regular tem grande impacto nas doenças mentais. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/radio-usp/atividade-fisica-regular-tem-grande-impacto-nas-doencas-mentais>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed.). Artmed.
- Flores, E. P. (2017). Análise do comportamento: Contribuições para a psicologia escolar. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 115–127.
- Freire, P. (1987). *Cuidado, Escola!* editora brasiliense.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- George, S., Duran, N., & Norris, K. (2014). A systematic review of barriers and facilitators to minority research participation among African Americans, Latinos, Asian Americans, and Pacific Islanders. *American Journal of Public Health*, 104(2), e16–e31. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2013.301706>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, A. C. C., & Nardi, H. C. (2024). Currículo, gênero e diversidade sexual em Institutos Federais: O papel dos NUGEDS. *Psicologia & Sociedade*, 36, e231604. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v36231604>
- Hayes, S. C., Strosahl, K. D., & Wilson, K. G. (1999). *Acceptance and commitment therapy: An experiential approach to behavior change*. Guilford Press.
- Holanda, M. J. R. B. (2022). A língua e o Estado como armas de massacre do povo negro: O preconceito linguístico e a política da morte, intensificada no contexto pandêmico de Covid-19, como fatores de depreciação d@ negr@ em suas

- vivências. In S. R. Pinto (Org.), *Gestão da morte e modos de produção de memória na pandemia do novo coronavírus* (pp. 125–129). CRV.
- Machado, J. R. F. (2023). Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo. *Devir Educação*, 7(1), e–697.
- Marinho-Araújo, C. M. (2010). Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. Em Aberto, 83(23), 15-35.
- Marinho-Araújo, C. M. (2014). Intervenção institucional: ampliação crítica e política da atuação em Psicologia Escolar. *Psicologia escolar: desafios e bastidores na educação pública*. Alínea, Campinas, p. 153-175, 2014.
- Marinho-Araújo, C. M. (2016). Inovações em psicologia escolar: o contexto da educação superior. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 199–211.
<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200006>
- Marinho-Araújo, C. M.; Almeida, S. F. C. de. (2014). *Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. Editora Alínea: Campinas, SP. 4ª Edição, 2014.
- Martins, R. R., & Pretto, Z. (2023). Efeitos da homofobia na saúde mental de jovens que se experienciam como homens homossexuais. *Periódicus*, 19(1), 378–404.
<https://doi.org/10.9771/peri.v19i1.51208>
- Menezes, A. B., Borba, A. (2023). Construir uma sociedade saudável para a comunidade LGBTQIA+ é possível? Reflexões analítico-comportamentais. In: *Análise do Comportamento: Dimensões políticas - Alexandre Dittrich, Bruno Angelo Strapasson, Dielo Zilio (org.)*. Instituto Par: São Paulo/SP.
- Mendes, L. S., & Rocha, M. T. (2023). Os restaurantes universitários como estratégia de permanência estudantil: Revisão da produção científica. *Revista Ibero-Americana*

de Estudos em Educação, 18(2), 45–62.

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17484/17318>

- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Mozzato, A. R. & Grzybovski, D. (2011). Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, jul./ago.
- Parente, J. S. et al. (2015). Álcool, drogas e violência: implicações para a saúde de minorias sexuais. *Reprodução & Climatério*. Volume 30, Issue 3, September–December 2015, Pages 108-114.
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. dos S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(1), 67–76. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>
- Prado, V. M. do, & Altmann, H. (2023). Problematizações sobre acesso e permanência de estudantes LGBTQIA+ na universidade pública: Apontamentos sobre produções acadêmicas. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 39(1). <https://doi.org/10.21573/vol39n12023.118646>
- Sahão, F. T., & Kienen, N. (2021). Adaptação e saúde mental do estudante universitário: Revisão sistemática da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, e224238. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021224238>

- Salvador, M. A. T., & Sordi, M. R. L. (2024). A formação docente para o ensino superior: Impasses e perspectivas para a contínua aprendizagem. *Educar em Revista*, 40, e91566.
- Santos, M. E. dos, & Lima, F. C. de. (2022). Impactos do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+: Breves apontamentos. *Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades*, 13(3), 84–92.
<https://doi.org/10.21727/rm.v13i3.3373>
- Santos, A. S., Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2015). Características das relações dos universitários e seus pares: Implicações na adaptação acadêmica. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 150–163. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v17n1p150-163>
- Santos, I. M., & Freitas, A. L. A. (2020). Políticas institucionais de inclusão no ensino superior. In S. L. Ribeiro, M. J. O. Duboc, & L. R. Souza (Orgs.), *Políticas e práticas da educação inclusiva* (pp. 107–127). UEFS Editora.
<https://doi.org/10.7476/9786589524922.0006>
- Santos, J. B. dos. (2017). Estudantes LGBT no âmbito universitário: Da permanência à resistência. Universidade Federal da Paraíba. Trabalho apresentado no CONEDU – Congresso Nacional de Educação.
- Schulz, C. T., Stamates, A. L., Ehlke, S. J., & Kelley, M. L. (2023). Dimensions of binegativity differentially predict drinking to cope motivations and alcohol use severity among bisexual women. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 31(2), 305–311. <https://doi.org/10.1037/pha0000590>

- Silva, A. F., & Oliveira, R. P. (2023). A importância do restaurante universitário na permanência estudantil: Um estudo de caso no campus da UFC Sobral. *SciELO Preprints*. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/10208>
- Silva, C. C. (2020). Educação, sexualidade e formação de professores: Um estudo sobre a formação de professores em relação à sexualidade e identidade de gênero. *Revista Humanidades e Inovação*, 7(12), 242–255.
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5920>
- Silva, M. L., Leonidio, A. C. R., & Freitas, C. M. S. M. de. (2015). Prática de atividade física e o estresse: Uma revisão bibliométrica. *Revista da Educação Física/UEM*, 26(2), 331–339. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i2.23846>
- Silva, S. M. P., Araujo, A. C. G. D., & Andrade, C. B. (2024). “Isso custou a minha saúde”: O assédio sexual no ensino superior a partir da análise da página #MeuProfessorAbusador. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 28, e240182. <https://doi.org/10.1590/interface.240182>
- Silva, S. P. (2019). O suporte social familiar e de pares e a saúde mental de minorias sexuais [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais].
Repositório Institucional da UFMG.
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38600>
- Sousa, J. R. & Santos, S. C. M. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, jul.-dez.2020.ISSN 2237-9444.
- Souza, C., Oliveira-Cardoso, É., Oliveira, W., Nascimento, L., Araújo, J., Leite, A. C., Neris, R., Risk, E., Braga, I., & Santos, M. (2021). Violência contra mulheres

- lésbicas/bissexuais e vulnerabilidade em saúde: Revisão da literatura. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 22(2), 437–453. <https://doi.org/10.15309/21psd220210>
- Superintendência de Assistência Estudantil. (2019). Alunos da UFPA com baixa renda familiar chegam a 80%. Universidade Federal do Pará. <https://saest.ufpa.br/portal/index.php/component/content/article?id=2312>
- Terra, R. B. M. R. B., Carraro, G. S., & Ferreira, M. P. R. (2019). As políticas públicas de inclusão ao ensino superior: Uma análise do contexto brasileiro nos últimos 20 anos. *Sequência*, 83, 142–159. <https://doi.org/10.5007/2177-7055.2019v41n83p142>
- Toti, T. G., Bastos, F. A., & Rodrigues, P. F. (2018). Fatores associados à ansiedade e depressão em estudantes universitários do curso de educação física. *Revista Saúde Física & Mental*, 6(2).
- Universidade Federal do Pará, Superintendência de Assistência Estudantil. (2017). Tempo de atendimento e pesquisa de satisfação nos Restaurantes Universitários do Campus Belém. Universidade Federal do Pará.
- Universidade Federal do Pará. (2024). *UFPA em números 2024: Ano-base 2023*. Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional.
- Vasconcelos, N. M., Alves, F. T. A., Andrade, G. N., Pinto, I. V., Soares Filho, A. M., Pereira, C. A., & Malta, D. C. (2023). Violência contra pessoas LGB+ no Brasil: Análise da Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 26(Suppl 1), e230005.supl.1.1. <https://doi.org/10.1590/1980-549720230005.supl.1.1>

- Ventimiglia, R., Menezes, A. B. (2020). *LGBTfobia na escola : possibilidades para o enfrentamento da violência / Rafael Ventimiglia, Aline Beckmann Menezes. - 1. ed.-Curitiba : Appris, 2020.*
- Vieira Junior, J. I. (2019). *Vivência LGBT na UFERSA [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal Rural do Semi-Árido]. Repositório Institucional UFERSA. <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/4657>*
- Wilchek-Aviad, Y., & Oren, L. (2023). Linking minority stress to substance abuse in LGB adults: The mediating effect of sexual harassment. *Current Psychology*, 42(27), 26535–26544. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03636-4>

Anexos

Anexo 1 – Aspectos do ambiente nutridor (Biglan, 2015) e adaptação desses aspectos para a realidade do Ensino Superior (Castro, 2025).

Aspecto Ambiental	Definição	Adaptação
Minimização de Eventos Tóxicos	Ambientes com risco reduzido de eventos biológicos e psicologicamente tóxicos.	Análise de qualidade do sono, segurança e qualidade alimentar, prática de atividades físicas, consumo de álcool e outras drogas, situação socioeconômica e qualidade da adaptação cultural.
Promoção, Ensino e Reforço de Pró-Socialidade	Ambientes altamente reforçadores, com ênfase nas consequências para os comportamentos cooperativos (cuja função envolve o benefício de outro indivíduo ou do grupo)	Análise do conceito definido com ênfase em relações reforçadoras entre pares, docente/discente e discente/instituição.
Limitação de Oportunidades para Comportamentos Problemáticos	Ambientes com sistema de monitoramento e supervisão eficazes.	Análise do nível de rastreamento e intervenção institucional para comportamentos problemáticos.
Promoção de Flexibilidade Psicológica	Ambientes com apoio para o desenvolvimento de flexibilidade psicológica no que tange a disposição de espaços simbólicos para o compartilhamento de pensamentos e sentimentos sem julgamento e resistência.	Análise do conceito definido nas relações entre pares, docente/discente e outros atores institucionais/discente.

Apêndices

Apêndice 1 – cartaz de divulgação da pesquisa



  PPGTPC

Chamada de pesquisa

AMBIENTE NUTRIDOR E DIVERSIDADE SEXUAL: VIVÊNCIAS DE
LÉSBICAS, GAYS E BISSEXUAIS NO ENSINO SUPERIOR

Se você é uma **pessoa cisgênero, maior de 18 anos e se identifica enquanto uma pessoa lésbica, gay ou bissexual**, te convido a participar da minha pesquisa de mestrado. Topa realizar uma **entrevista** (on-line ou presencial) para conversarmos um pouco sobre seu percurso no Ensino Superior?

Entra em contato comigo!

WhatsApp: (98) 9 9242-8550
Instagram: @viniciuscutrim.psi
E-mail: vnsctn@gmail.com

Pesquisador responsável:
Vinícius Cutrim Ferreira (CRP 22/05121)

Orientadora:
Dra. Aline Beckmann de Castro Menezes

APONTA A CÂMERA
AQUI!



Apêndice 2 – roteiro de entrevista semiestruturado

Roteiro de entrevista semiestruturada

Ambiente nutridor e diversidade sexual: Vivências de lésbicas, gays e bissexuais no ensino superior

Conceito geral: Ambiente nutridor

Oi! Você já parou para pensar na influência que os ambientes nos quais convivemos tem em nossa saúde mental? Eles são importantes no desenvolvimento de certos comportamentos que podem ser saudáveis ou não. Pensando nisso, um pesquisador chamado Anthony Biglan chegou a uma conclusão importante. Segundo ele, todos os problemas humanos e sociais vivenciados hoje foram ocasionados por um fracasso da sociedade em garantir ambientes saudáveis que promovam um verdadeiro bem-estar aos seus membros, mesmo com todo avanço científico que já tivemos.

Para a Análise do Comportamento, uma abordagem relevante na ciência psicológica que se dedica a compreensão do comportamento humano individual e coletivo, o conceito de ambiente nutridor se refere ao entendimento de que ambientes acolhedores fazem toda a diferença quando o assunto é prevenção de problemas comportamentais humanos e para o desenvolvimento de pessoas que são atenciosas e produtivas, e sabemos como isso é importante socialmente, né?

Para que um ambiente seja realmente nutridor, ele precisa cumprir com algumas tarefas, sendo elas a) promover e reforçar o comportamento pró-social; b) minimizar condições sociais e biologicamente tóxicas; c) monitorar e estabelecer limites sobre influências e oportunidades para o desenvolvimento de comportamentos problemáticos e; d) promover a busca consciente, flexível e pragmática dos valores sociais e da flexibilidade psicológica. Quando for possível perceber pelo menos 3 delas, já podemos o considerar como um ambiente nutridor, de acordo com a defesa do autor.

Deu para entender? Você está com alguma dúvida? Esse conceito é norteador para a conversa que vamos ter, fique à vontade para relatar qualquer questionamento que tiver. Com isso, nossa entrevista será constituída por 5 momentos, inicialmente temos uma etapa de caracterização sociodemográfica e, em seguida, iremos conversar sobre sua percepção e suas vivências relacionadas a cada um dos tópicos explicados acima. tudo bem?

Etapa 1 - Caracterização

Idade (em anos):

identidade de gênero:

orientação sexual:

Você é assumido socialmente quanto à sua orientação sexual?:

quando entrou na UFPA:

curso:

período em que está cursando atualmente:

autodeclaração de cor:

Etapa 2 - relação com o AN

Dimensão 1: Minimização de eventos tóxicos

Conceito norteador: Análise de qualidade do sono, segurança e qualidade alimentar, prática de atividades físicas, consumo de álcool e outras drogas, situação socioeconômica e qualidade da adaptação cultural

Pergunta norteadora: Como você relaciona esse conceito com seu percurso na Universidade? isso te atravessa de alguma forma?

Tópicos de sondagem:

- hábitos de sono
- alimentação
- atividade física
- política de permanência
- lazer
- Utilização de substâncias
- Condição socioeconômica
- Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico

Dimensão 2: Promoção, Ensino e Reforço de Pró-Socialidade

Conceito norteador: Análise do conceito definido com ênfase em relações reforçadoras entre pares, docente/discente e discente/instituição.

Pergunta norteadora: Como você associa esse conceito às suas vivências na universidade? Como isso chega em você?

Tópicos de sondagem

- Relação com os amigos
- Colegas de turma
- Professores
- Servidores
- Coordenadores

Dimensão 3: Limitação de Oportunidades para Comportamentos Problemáticos

Conceito norteador: Análise do nível de rastreamento e intervenção institucional para comportamentos problemáticos

Pergunta norteadora: O que você entende sobre esse conceito? Como compreende a UFPA enquanto um local seguro?

Tópicos de sondagem

- Segurança
- Violência

Dimensão 4: Promoção de Flexibilidade Psicológica

Conceito norteador: Análise do conceito definido nas relações entre pares, docente/discente e outros atores institucionais/discentes.

Pergunta norteadora: Como você se percebe a partir desse conceito? Como a Universidade tem influência nessa relação?

Tópicos de sondagem

- Autoafirmação e performance
- UFPA x Curso de graduação
- Aceitação e autoaceitação

Sensação de pertencimento

Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO
COMPORTAMENTO

Ambiente Nutridor e Diversidade Sexual: Vivências de Lésbicas, Gays e Bissexuais no Ensino Superior

Pesquisador responsável: Vinícius Cutrim Ferreira

Professora orientadora: Dra. Aline Beckmann

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Leia com atenção as informações a seguir.

Título da Pesquisa: AMBIENTE NUTRIDOR E DIVERSIDADE SEXUAL:
VIVÊNCIAS DE LÉSBICAS, GAYS E BISSEXUAIS NO ENSINO
SUPERIOR

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que objetiva avaliar a Universidade Federal do Pará enquanto um Ambiente Nutridor para pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais. Essa investigação está sendo conduzida pelo psicólogo mestrando Vinícius Cutrim Ferreira (CRP 22/05121), sob orientação da professora doutora Aline Beckmann de Castro Menezes, docente do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará. Em caso de aceite, você, juntamente com o pesquisador, assinará duas vias desse termo, uma via ficará com você e outra com o pesquisador responsável.

Estima-se que sua participação nessa etapa gire em torno de 60 minutos. Sempre que você desejar serão fornecidas informações sobre o estudo. A

qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando da pesquisa e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que para isto sofra qualquer penalidade ou prejuízo.

Sua participação nesse estudo envolverá uma entrevista semiestruturada que pode acontecer na modalidade presencial ou on-line. Informamos que essa pesquisa oferece riscos mínimos, além disso considera-se o risco do desconforto ao responder à entrevista, devido aos tópicos que serão trabalhados. Caso aconteça, será orientado sobre os serviços de acolhimento disponíveis da Universidade Federal do Pará e dispositivos públicos de saúde que ofertam suporte psicológico.

Será garantido o sigilo quanto a sua identificação e das informações obtidas pela sua participação, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Se interessar, você poderá solicitar os resultados da pesquisa quando forem publicados. Quanto aos benefícios da pesquisa, você poderá ser beneficiado diretamente e/ou indiretamente, pois os resultados do estudo poderão contribuir para uma maior compreensão do cenário acadêmico acerca do percurso de LGB's no ensino superior e, assim, proporcionar o desenvolvimento de estratégias que o potencialize.

Caso queira ou precise, você pode encontrar o pesquisador ou sua orientadora presencialmente no Prédio I do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento da UFPA, sala 21 – segundo andar ou através dos seguintes e-mails: vnsctn@gmail.com (Vinícius Cutrim Ferreira – Pesquisador responsável)

ou alinebcm@gmail.com (Dra. Aline Beckmann – Professora orientadora). Você poderá buscar quaisquer informações adicionais ou apresentar possíveis queixas relacionadas ao projeto (caso as tenha) junto ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFPA que funciona no Núcleo de Medicina Tropical (CEP NMT/UFPA). Avenida Generalíssimo Deodoro, nº 92, 1º Andar, Umarizal, CEP: 66055-240, Belém-Pará. Tel.: 3201-0961. E-mail: cepnmt@ufpa.br.

Eu declaro que compreendi em que consiste o projeto e minha participação nele, bem como os riscos e benefícios da minha participação, além de ter ciência que posso suspender minha participação a qualquer momento. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFPA que funciona no Núcleo de Medicina Tropical. Assim, concordo em participar dessa pesquisa.

Participante:.....

E-mail: Local e Data:

Assinatura do Participante

Vinicius Cutrim Ferreira

Psicólogo (CRP 22/05121) e Mestrando em Teoria e Pesquisa do

Comportamento

Contato: Rua Augusto Corrêa, nº 01, Campus Universitário do Guamá, Setor Básico, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento (NTPC/UFPA), Prédio 1, sala 24, 2º andar, Guamá, CEP: 66075-110, Belém-Pará. Fone: (98) 98211-0447. E-mail: vnsctn@gmail.com

Apêndice 4 – Tabelas de categorização das dimensões

Nº	Dimensão localizada	Tt Citação	⊖	Categoria	Nº da Citação	Tt Comentários
Dimensão localizada: Primeira dimensão						
1	Primeira dimensão	acaba que a maioria das demandas que eu tenho na universidade ficam muito para a parte do noturno, e isso dificulta eu conseguir ter mais horas de sono, e sentir menos sono depois. então eu acho que é mais por isso, acaba que tem muita coisa		Questões Gerais	010101	Comentários
1	Primeira dimensão	tem dias que que tenho 20 minutos para almoçar... ou menos se eu tiver que ir para o RU. e aí os lanches também durante as aulas, eu acabo tendo bastante fome nesse sentido, eu tenho uns 10 minutos. eu sinto que por causa da ufpa eu adquiri o hábito de comer muito mais rápido.		Questões Gerais	010102	Comentários
1	Primeira dimensão	Não bebia antes, comecei a beber depois que entrei na UFPA. a bebida entra só como socialização mesmo, em algum momento eu comecei a beber saindo. eu procuro não beber quando eu to cansada ou algo assim, acho isso importante.		Questões Gerais	010103	Comentários
1	Primeira dimensão	Percebo muita ansiedade... começou a virar uma questão... é muita coisa, muita demanda, e aí eu não consigo aguentar. eu sinto que essas coisas me deixam muito ansiosas. talvez o suporte de medicamentos seria uma boa.		Questões Gerais	010104	Comentários
3	Primeira dimensão	mas depois que começou aquela rotina de estudo massivo, estágio, atividades extracurriculares, meio: que meu sono foi se desregulando conforme o tempo		Questões Gerais	030101	Comentários
3	Primeira dimensão	às vezes os professores não têm empatia pelo aluno, não se propõe a ouvir o aluno, as demandas do aluno, enfim, vão passando atividade, atrás de atividade, com prazo curto pra entrega, e aí tem que parar de fazer tais coisas pra poder cumprir o prazo de entrega da atividade, que às vezes na mesma semana, ou dias antes, enfim.		Questões Gerais	030102	Comentários
3	Primeira dimensão	depois que eu parei de frequentar a universidade todo dia, que agora como eu estou no TCC, eu não tenho bebido tanto.		Questões Gerais	030103	Comentários
4	Primeira dimensão	Eu tenho um acordo de limites de horário e melhorar o ambiente quando eu estou dormindo. Questão de luz, questão de usar o celular também, diminuindo esse uso antes de dormir. Tentar ler mais coisas físicas.		Questões Gerais	040101	existe um esforço ativo para tentar deixar o sono o menos pior possível
4	Primeira dimensão	Eu acho que a cobrança que roda em torno de ser universitário, de existir numa universidade, é a cobrança que a gente tem que se fazer em alguns rigores, mas eu acho que é um ambiente de formação.		Questões Gerais	040102	Comentários
4	Primeira dimensão	eu acho os horários, assim, da universidade meio apertados pra conseguir se alimentar direito		Questões Gerais	040103	Comentários
4	Primeira dimensão	Eu acho que eu me alimentei melhor depois que eu entrei na universidade. Principalmente porque a gente nunca come sozinho, né? Então tem sempre aquele grupo que vai sair para comer junto. Juntar no intervalo, no almoço também. Então acho que isso facilitou a alimentação.		Questões Gerais	040104	a melhora na alimentação também relacionada a socialização
4	Primeira dimensão	Hoje eu não consigo manter uma constância na prática da atividade física, justamente por outras obrigações. Então é escolher entre fazer uma atividade física ou dormir mais um pouco		Questões Gerais	040105	Comentários
4	Primeira dimensão	Eu tenho me permitido ter mais momentos de lazer justamente por terem muitas obrigações na faculdade.		Questões Gerais	040106	Comentários
5	Primeira dimensão	Em relação às tarefas da faculdade, quando eu procrastino muito, eu tenho a tendência de virar o dia fazendo tudo. E aí, eu vou para faculdade sem dormir. Mas faz tempo que acontece isso		Questões Gerais	050101	Comentários
5	Primeira dimensão	E lá na UFPA tem a fila do Restaurante universitário, que tipo, demora um milhão de anos, né? Então tipo, querendo ou não, isso deu uma atrapalhada, porque fica muito tempo lá na fila e aí, tipo, ficar morrendo de fome		Questões Gerais	050102	Comentários
5	Primeira dimensão	Aí eu estou fazendo pilates duas vezes na semana, só que eu faltei agora o mês passado todo porque eu tinha que entregar meu relatório da minha pesquisa e eu, tipo, não tinha condição de ir		Questões Gerais	050103	Comentários
5	Primeira dimensão	no meu relatório esse mês passado todo eu não saí de casa. Eu fiquei um mês dentro de casa e esquecia de comer, de escovar o dente, dormia quatro horas por dia e estudava dezesseis horas por dia, direto		Questões Gerais	050104	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tt Citação	Categoria	Nº da Citação	Tt Comentários
5	Primeira dimensão	<i>Aí, é toda essa situação, né? Então, é complicado quando a orientadora não está ajudando o aluno.</i>	Questões Gerais	050105	a relação com os professores parece ser um gatilho para a saúde mental dos alunos. Vale ficar pensando em estratégias para ampliar as possibilidades de cuidado psicológico sem considerar intervenções que se direcionem a raiz do problema? o ambiente nutridor fala justamente sobre ir na raiz, no local que desemborça diferentes topografias mas com a mesma função
5	Primeira dimensão	<i>Era porque eu tinha me assumido e, tipo, tinha sido horrível. E eu tinha uma namorada na época e a gente terminou por causa disso e foi um trauma assim... da mamãe falar que ia mandar a polícia lá na casa dela e ela estudava lá também na UFPA, inclusive ela fazia todas essas coisas comigo</i>	Diversidade sexual	050106	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>Aí acho que quando eu vim para a faculdade, que justamente o fato de eu morar longe, tipo lá pro Tapanã, pra vir pra cá, tipo uma hora e meia de viagem</i>	Questões Gerais	060101	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>conforme eu vou me envolvendo na faculdade, que hoje eu vou projeto de extensão, pesquisas, ligas acadêmicas, aí eu acredito que vai pesando um pouco, sim</i>	Questões Gerais	060102	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>a faculdade exige, né, horário, coisa de... atividades complementares, então a cabeça já fica a mil, pensando se já estou fazendo o suficiente para passar ou não</i>	Questões Gerais	060103	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>É um tópico interessante, porque ela se regulou por causa do restaurante universitário</i>	Questões Gerais	060104	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>Mas outras coisas também que fica a desejar é justamente a fila.</i>	Questões Gerais	060105	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>Eu consigo comer tranquilo, mas eu sei que é pelo fato de ter outras atividades que eu não me envolvo justamente porque eu sei que vai afetar essa minha rotina</i>	Questões Gerais	060106	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>Eu tenho a questão de esperar o ônibus também, o ônibus é muito precário. E por isso que eu digo que é mais uma questão do deslocamento do que as atividades</i>	Questões Gerais	060107	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>teve dias que eu já cheguei a não vir pra cá por não ter dinheiro pra ir no ônibus</i>	Questões Gerais	060108	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>o desempenho acadêmico delas é totalmente desabilitado justamente pela condição financeira</i>	Questões Gerais	060109	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>eu me comparo muito com outras pessoas da minha sala, que são muitas pessoas envolvidas, engajadas, por exemplo, com estágio ou com projetos de bolsas, e o fato de eu não me envolver nessas coisas, justamente por medo da minha rotina se desestruturar, eu acabo eu acabo não tendo essa renda extra.</i>	Questões Gerais	060110	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>Um é não ter aquele preparo para as habilidades, por exemplo, de escrita ou de manuseio tecnológico que a gente precisa ter para fazer trabalho e coisas de quem veio de ensino público não vai ter esse conhecimento, porque a informação é precária em todas as escolas, não tem esse incentivo</i>	Questões Gerais Interseccionalidades	060111	Comentários
6	Primeira dimensão	<i>E outra coisa também é a parte da socialização. Eu tive uma pressão enorme para tentar me encaixar, não só nessa falta de preparo, mas justamente no perfil, o que é ser universitário. Essa pressão da vida adulta, esse... É porque eu não tive, justamente, esse descanso levando o ensino médio</i>	Questões Gerais Interseccionalidades	060112	Comentários
7	Primeira dimensão	<i>Os hábitos alimentares... Eles estão mais regrados. Mudaram. Por conta da universidade.</i>	Questões Gerais	070101	Comentários
7	Primeira dimensão	<i>Como aumentou as demandas de estudo, aí eu acabo focando mais no estudo do que na atividade.</i>	Questões Gerais	070102	Comentários
7	Primeira dimensão	<i>Ela aumentou. Um pouco. Comecei a sair mais. Fiquei maior de idade também. Quando eu saio, eu bebo. Mas não é todo final de semana.</i>	Questões Gerais	070103	Comentários
7	Primeira dimensão	<i>Eu voltei para a terapia por causa da dúvida sobre o curso. Não sento que eu me encaixo nele.</i>	Questões Gerais	070104	Comentários
8	Primeira dimensão	<i>Mas eu parei de ir para a academia por causa da faculdade. Antes eu fazia logo depois das minhas aulas, tipo à noite já.</i>	Questões Gerais	070101	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	☺ Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
9	Primeira dimensão	no semestre normal, com todas as disciplinas, eu não durmo bem.	Questões Gerais	090101	Comentários
9	Primeira dimensão	eu só almoço e janto bem por causa da restaurante universitário. Se não fosse o restaurante universitário, eu só comeria besteira	Questões Gerais	090102	Comentários
9	Primeira dimensão	Sim, a bolsa proAD. Porque querendo ou não, foi por causa dela que eu consegui me manter aqui. Consigo dinheiro para comer melhor. Enfim, me manter aqui em Belém.	Questões Gerais	090103	Comentários
9	Primeira dimensão	Eu faço terapia. Já fui uma vez a psiquiatra, porque eu estava tendo crise de ansiedade em relação a uma demanda, inclusive relacionada a minha sexualidade.	Diversidade sexual	090104	Comentários
10	Primeira dimensão	Eu costumo faltar bastante à faculdade, porque como é à noite, tipo, às vezes eu já estou mais cansado, eu não tenho como ir	Questões Gerais	100101	Comentários
10	Primeira dimensão	tenho final de semana para ficar livre, só que às vezes eu acabo fazendo trabalho, então eu acabo perdendo esse tempo de lazer.	Questões Gerais	100102	Comentários
11	Primeira dimensão	A universidade influencia com questão dos horários, né, das coisas. Eu tenho que acordar mais cedo do que eu precisava antes na minha antiga rotina.	Questões Gerais	110101	Comentários
12	Primeira dimensão	a adaptação para o sono em si foi muito dificultosa. Eu tenho que acordar cinco horas basicamente e todo o processo de me arrumar e ir para a UFPA e ter que chegar cedo nas aulas	Questões Gerais	120101	Comentários
12	Primeira dimensão	além de tudo também eu vinha em pé no ônibus, então não dava, por exemplo, para descansar ou dar algum cochilo e na volta a mesma coisa. Então era um processo muito cansativo	Questões Gerais	120102	Comentários
12	Primeira dimensão	às vezes eu acabava esquecendo de lanchar, ou às vezes até mesmo almoçar.	Questões Gerais	120103	Comentários
12	Primeira dimensão	mas a academia não é todo dia, é de fato só quando tem um tempo assim e não chego tão cansada em casa.	Questões Gerais	120104	Comentários
12	Primeira dimensão	Acho que o primeiro ano depois que a gente voltou, acho que foi em 2022, se não me engano, ele foi terrível, terrível. Foi uma completa desorganização, porque eu tinha aula tarde, tinha aula de manhã e pegava quase o dia inteiro, ia até umas 18h. Então, eu ia para casa, só chegava, comia, dormia e de manhã já voltava à rotina.	Questões Gerais	120105	Comentários
12	Primeira dimensão	Às vezes eu passava uma madrugada inteira tentando fazer alguma coisa para não acumular, só que acabava acumulando. Então, foi um período assim muito sofrido, pra falar a verdade. Tudo virou de cabeça pra baixo... alimentação, sono. Acho que a própria ida para a universidade era muito sofrida também.	Questões Gerais	120106	Comentários
12	Primeira dimensão	Só que, por exemplo, eu venho de uma escola pública e nem todo mundo tem essa base. E você se deparar com uma realidade completamente diferente quando você chega dentro de uma sala, principalmente de uma sala de psicologia, no matutino, que querendo ou não ainda é muito elitista, assim, isso eu percebo na sala, então é uma diferença muito gritante.	Questões Gerais Interseccionalidades	120107	Comentários
12	Primeira dimensão	E você perceber que você precisa ir atrás disso porque é uma forma de tu conseguir permanecer no curso. Isso também é permanência, ter o mínimo ainda para que a gente consiga permanecer dentro do curso para continuar e para avançar dentro dele.	Questões Gerais	120108	Comentários
12	Primeira dimensão	Chegar em casa e tava muito cansada "ah, eu quero uma bebida porque eu não aguento mais", e aí tomar, sei lá, duas garrafinhas de cerveja e pronto. Mas aí, chegava no final de semana a mesma coisa.	Questões Gerais	120109	Comentários
12	Primeira dimensão	quando eu entrei na UFPA foi o momento que eu tinha acabado de me assumir para a minha família. Então ainda estava, estava muito difícil. Então eu saí de casa, aí eu vim para a UFPA e Como eu obtive essa resposta muito negativa dentro da minha família, basicamente da minha mãe até naquele momento, eu vim já com um receio muito grande de não vou ser essa pessoa na universidade.	Diversidade sexual	120110	Comentários
12	Primeira dimensão	essa não aceitação dentro de casa, eu também me sentia muito retraída dentro da universidade em ser quem eu era. Então era um sofrimento muito grande porque eu sentia que eu estava em dois ambientes e que ninguém iria me aceitar.	Diversidade sexual	120111	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tt Citação	☺ Categoria	Nº da Citação	Tt Comentários
13	Primeira dimensão	a qualidade do sono, são muitas preocupações dentro da universidade... É a preocupação com o curso, entrega de trabalhos, e aí tem o nosso envolvimento para além da sala de aula com a universidade, que acaba carregando outras demandas, como grupos de pesquisa, extensão, o próprio movimento estudantil também. Então, essas relações acabam afetando diretamente a questão da qualidade do nosso sono	Questões Gerais	130101	Comentários
13	Primeira dimensão	Acorda cedo, ainda mais pra pessoas como eu, que vem de lugares distantes da universidade	Questões Gerais	130102	Comentários
13	Primeira dimensão	eu acho que a universidade consegue garantir, assim, uma alimentação boa através do restaurante universitário. Precisa melhorar? Precisa melhorar um pouco.	Questões Gerais	130103	Comentários
13	Primeira dimensão	E aí o cigarro ele passou a ser parte do meu convívio social. Então qualquer problema, qualquer estresse, eu tava ali com o cigarro na mão.	Questões Gerais	130104	Comentários
14	Primeira dimensão	Eu voltei a ter uma qualidade de sono pela questão do horário, que eu antigamente tinha que acordar às 5 horas da manhã hoje eu tenho que acordar às 7 horas da manhã porque é bem próximo.	Questões Gerais	140101	Comentários
14	Primeira dimensão	na verdade acho pela questão do almoço, no restaurante universitário e tudo mais, Eu posso dizer que é uma alimentação padrão... Tipo, não fora do comum, né?	Questões Gerais	140102	Comentários
14	Primeira dimensão	Então, aumentou, mas eu também creio porque eu cheguei na maioria a partir do momento que eu entrei na universidade, eu tive um pouco mais de independência nesse sentido, aquela independência de autonomia, de fazer as coisas por conta própria, sem precisar do aval dos pais	Questões Gerais	140103	Comentários
15	Primeira dimensão	Durmo menos do que deveria. Por causa da locomoção da casa, na verdade. moro bem longe	Questões Gerais	150101	Comentários
15	Primeira dimensão	eu almoço e normalmente janto na UFPA	Questões Gerais	150102	Comentários
16	Primeira dimensão	Eu faço justamente um dia na semana, porque é só um dia que eu tenho disponibilidade para fazer isso, porque durante a semana é realmente bem difícil por conta da universidade	Questões Gerais	160101	Comentários
16	Primeira dimensão	Então, durante a semana não existe lazer, né? Porque, como eu te falei, né? Eu chego da UFPA e aí já tenho que fazer as minhas tarefas domésticas e depois começo a trabalhar.	Questões Gerais	160102	Comentários
16	Primeira dimensão	O cigarro, sim. Eu uso como válvula de escape, inclusive entre o intervalo das aulas. É o período que eu faço mais uso.	Questões Gerais	160103	Comentários
16	Primeira dimensão	tenho a bolsa de iniciação científica que eu faço de manhã, e aí eu tenho o trabalho de noite para poder ter uma renda que a gente consiga pagar todas as contas e ter, tipo, um pouco para guardar, um pouco para aproveitar também, né?	Questões Gerais	160104	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	↻	Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
Dimensão localizada: Segunda dimensão						
1	Segunda dimensão	<i>eu sinto que às vezes é mais fácil eu vincular com mulheres, mesmo elas sendo ou héteros ou cisgêneros, apesar de saber que elas nem sempre entendem as demandas que a gente sente... para mim, é mais difícil me relacionar com homens heteros. é sempre uma pressão, um medo.</i>		Interseccionalidades	010201	Comentários
1	Segunda dimensão	<i>eu acho que não ter visibilidade... eu sinto uma invisibilidade muito grande, apesar de levar numa boa as brincadeiras, sempre tem aquela ideia de que a gente é confuso... parece que é uma questão de escolha... homem ou mulher. e eu sinto que é muito disso, e de que é muito fácil se expor tendo um relacionamento heteronormativo, que aí ninguém vai ficar te questionando, porque já vão supor que você é hetero ou algo assim.</i>		Diversidade sexual	010202	Comentários
1	Segunda dimensão	<i>dentro da minha casa eu sou invisível. a gente não lida, não se é falado sobre. meus pais sabem, mas fingem que não.</i>		Diversidade sexual	010203	Comentários
1	Segunda dimensão	<i>Eu acho que apesar desse sentimento de invisibilidade, eu me sinto bem, me sinto tranquila. porque eu acho que eu me cerco de bastante gente que é da mesma comunidade. tenho muitos amigos lgbs, a maior parte eu acho. tenho outras amigas bissexuais, e lésbicas também.</i>		Diversidade sexual	010204	Comentários
1	Segunda dimensão	<i>a gente percebe o tanto de professor que está na universidade... cis e que vivem num relacionamento hétero. eu nao acho que isso seja uma pura coincidência. e as vezes eu me pego pensando essas coisas</i>		Diversidade sexual	010205	Comentários
2	Segunda dimensão	<i>Porque eu sei decisivamente que gosto de homens. Ai eu estava tendo uma relação maravilhosa com uma menina, eu adorava essa menina, mas eu falava uma coisa que ela sabia muito. Eu não gosto de mulheres, eu gosto de gente</i>		Diversidade sexual	020201	Comentários
2	Segunda dimensão	<i>As pessoas têm uma absoluta certeza sobre a tua situação na tua vida e elas sabem. Mesmo que eu diga tudo, elas sabem. E eu achava desagradável as pessoas verem, com certeza, sobre a minha orientação sexual, porque nem eu tenho certeza sobre a minha própria.</i>		Diversidade sexual	020202	Comentários
2	Segunda dimensão	<i>Quanto a instituição, eu acho que aqui, eu posso estar sendo egoísta, mas eu acho que aqui é um lugar, um ambiente muito seguro pra você ser LGBT. Porque, teoricamente, aqui é o lugar da diversidade, da inclusão também. Aqui deveria ser um espaço, um espaço aberto pra receber todo tipo de gente</i>		Diversidade sexual	020203	Comentários
2	Segunda dimensão	<i>Ah, eu tinha um professor que era um preconceituoso. Falava umas coisas muito horríveis na sala de aula. Ele foi embora, graças a Deus.</i>		Questões Gerais	020204	Comentários
3	Segunda dimensão	<i>A questão da empatia com o aluno mesmo, né? uma parte do corpo docente não tem empatia pelo aluno. E mais pela questão do senso de justiça, né? Por parte do discente que precisa faltar aula devido a motivos de saúde, porque tem filho, ou por questão de trabalho. Enfim, como é um turno vespertino, é uma coisa complicada para quem trabalha, né?</i>		Questões Gerais	030201	Comentários
3	Segunda dimensão	<i>conforme os anos passaram, eu me senti muito forte com os sete amigos meus, que é o meu grupo da faculdade. E aí, eu gosto muito deles, né? Sou muito confidente com eles.</i>		Questões Gerais	030202	Comentários
3	Segunda dimensão	<i>Os professores, eu só me dou bem com o meu orientador de TCC e com a professora de História da faculdade. O resto, eu tenho meio que um ranço.</i>		Questões Gerais	030203	Comentários
3	Segunda dimensão	<i>Não, eu sou uma pessoa que reluta muito quando precisa de ajuda, porque eu gosto de fazer as coisas sozinho.</i>		Diversidade sexual	030204	Comentários
3	Segunda dimensão	<i>Ultimamente, a questão dos alunos LGBTs da minha faculdade aumentou conforme os anos passados, de 2018 pra cá. Ai eu percebi que já entrou, tem uma grande maioria já de alunos LGBTs no curso.</i>		Diversidade sexual	030205	Comentários
4	Segunda dimensão	<i>atualmente eu sinto muito satisfeita com as pessoas que eu conheci aqui. Tem aquela história de amigos da faculdade são para a vida toda, e realmente eu sinto que alguns serão</i>		Questões Gerais	040201	Comentários
4	Segunda dimensão	<i>Eu tenho muitas dificuldades para te ajudar. Muitas dificuldades mesmo. Não só daqui da universidade, mas da minha vida, da minha trajetória mesmo.</i>		Diversidade sexual	040202	Comentários
4	Segunda dimensão	<i>Mas eu fiquei orgulhosa que eu consegui fazer isso. Só que para mim ainda é uma força escolher coisas por mim</i>		Diversidade sexual	040203	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
4	Segunda dimensão	Acho que me permitir a ser ajudada... Foi um pouco desconfortável no início. Não é que eu queira passar uma imagem de super e ver que não acontece nada, mas meio que eu me senti incomodando as pessoas, sabe?	Diversidade sexual	040204	Comentários
4	Segunda dimensão	eu acho que entre os grupos que se formam durante a trajetória, é mais fácil as pessoas se ajudarem.	Questões Gerais	040205	Comentários
4	Segunda dimensão	Eu me sinto muito mais entendida e acolhida por pessoas da comunidade. Principalmente com mulheres que se envolvem com mulheres.	Diversidade sexual Interseccionalidades	040206	Comentários
4	Segunda dimensão	Eu tenho certeza de que eu tenho preconceitos comigo mesma. E que, certas vezes, eu me pego pensando coisas que eu sei que não sou eu.	Diversidade sexual	040207	Comentários
4	Segunda dimensão	De homofobia? Eu acho que, no máximo, foram comentários de pessoas héteros sobre... Negando a minha bissexualidade, mesmo. Ou seja, eu me envolver com mais mulheres, eu ser lésbica.	Interseccionalidades	040208	Comentários
4	Segunda dimensão	Eu acho que se não for, sei lá, uma aula preparada ou isso, por exemplo, em gestalt a gente teve pessoas que atendem, pessoas da comunidade falando sobre como é o atendimento	Diversidade sexual	040209	Comentários
5	Segunda dimensão	Em relação à nossa própria faculdade, desde o início sempre teve um descaso muito grande, tipo, inclusive, eu fiz parte do centro acadêmico no ano passado e, tipo, foi traumatizante pra mim	Questões Gerais	050201	Comentários
5	Segunda dimensão	tem esses problemas de turno, amanhã e o noturno, quase ninguém se conhece... noturno super excluído e, tipo, enfim, tem esses problemas, assim, esses distanciamentos entre todos os pares mesmo dentro do curso, que obviamente só faz a gente se sentir cada vez mais sozinho, né?	Questões Gerais	050202	Comentários
5	Segunda dimensão	Tem alguns horríveis, tem alguns muito horríveis, assim, que a gente fica se perguntando: "meu Deus, como é que ele é professor de ciências sociais?"	Questões Gerais	050203	Comentários
5	Segunda dimensão	Muitos professores racistas, assim, muitos professores que, tipo, assediavam as alunas ou as orientandas, que mandam mensagens	Interseccionalidades	050204	Comentários
5	Segunda dimensão	Professores que se recusam a falar o nome social dos alunos, sabe? Tipo, muitos problemas em relação a isso... e são protegidos, né? Obviamente.	Diversidade sexual	050205	Comentários
5	Segunda dimensão	eu performo feminilidade, né? Então os caras acham que eu sou gosto de homem e tal, e aí é bem desconfortável	Interseccionalidades	050206	Comentários
5		E, nossa, tem muito caso de assédio, de violência psicológica também. Eu conheço um colega meu que o orientador dele faz isso, assedia ele e tal, e ele tem várias denúncias, tem uma carta de mais de cem páginas de denúncias.	Interseccionalidades Questões Gerais	050207	Comentários
5	Segunda dimensão	eu falei para minha amiga que eu tava super apaixonada pela minha namorada. E a minha amiga disse: "meu Deus, tu é a primeira sapatão que eu ouço que, tipo, fala isso", sabe? Como se, todo mundo fosse um monstro e eu fosse a primeira pessoa que realmente gostasse de uma mulher de verdade.	Interseccionalidades	050208	Comentários
5	Segunda dimensão	tu se ajuda dentro do teu grupo. Mas fora, não. Muito difícil, muito complicado.	Questões Gerais	050209	Comentários
5	Segunda dimensão	num geral, o curso vai fazer um seminário, vai fazer... mas é Difícil, só dentro dos próprios grupos de pesquisa mesmo. Ou, tipo, ato político, sei lá	Diversidade sexual	050210	Comentários
6	Segunda dimensão	Quando eu saio daqui eu não tenho nenhum contato com ninguém. Porque eu não estou dentro das panelinhas, sabe? Para se dizer. Então, eles têm seus ciclos fechados e eu não estou dentro desses ciclos. E eu entendo que é uma questão de escolher também. Porque eu não me sinto confortável, sabe? Porque é uma questão de identidade	Diversidade sexual	060201	Comentários
6	Segunda dimensão	Tirando a faculdade da minha vida, não sobra nada, a não ser o lazer, porque ocupa basicamente toda a minha rotina.	Questões Gerais	060202	Comentários
6	Segunda dimensão	Então eu acredito que a minha relação com o pessoal aqui da faculdade é justamente essa, é aqui dentro, quando necessário alguma coisa, quando tiver alguma atividade aqui, para deixar aquilo mais leve	Questões Gerais	060203	Comentários
6	Segunda dimensão	As pessoas LGBTQs, elas estão em maior quantidade das pessoas que eu conheço, principalmente da UFPa	Diversidade sexual	060204	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	↻	Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
6	Segunda dimensão	Todos os professores têm aquela visão desconstruída já em relação à comunidade. Porque acredito que seja mais por causa da minha área que ela precisa ter essa visão mais humanizada.		Diversidade sexual	060205	Comentários
7	Segunda dimensão	Eu já ouvi de um professor e de colegas, algumas falas problemáticas.		Diversidade sexual	070201	Comentários
8	Segunda dimensão	Dá para contar nos dedos os professores que realmente apoiam, que realmente se importam com o aluno, quer apoiar a produção do aluno, dá conselhos de vida.		Questões Gerais	070201	Comentários
8	Segunda dimensão	Mas é muito legal a gente saber que pelo menos ainda tem professor que faz parte da comunidade LGBT.		Diversidade sexual	070202	Comentários
9	Segunda dimensão	Acho que tem uma boa parcela de pessoas LGBT. Fico até feliz porque eu consigo conversar e tal. Consegui me sentir um pouco mais confortável. Na sala tem bastante gente. Foi até a partir disso que eu consegui me assumir. Eu me assumi quando entrei aqui.		Diversidade sexual	090201	Comentários
9	Segunda dimensão	eu ainda não assumi a minha família ainda. Porque, tipo, tem uma diferença do mundo daqui e do mundo lá de fora.		Diversidade sexual	090202	Comentários
9	Segunda dimensão	Principalmente comparando com o lado do profissional. Aqui no básico já é um pouco mais tranquilo		Diversidade sexual	090203	Comentários
10	Segunda dimensão	o curso de produção multimídia, o pessoal é muito mais aberto ao diálogo. Na engenharia civil tem alguns professores que eles são abertos ao diálogo, mas tem muita gente que, principalmente professores mais antigos, que eles são muito fechados naquilo que eles já estão acostumados		Diversidade sexual	100201	comparação entre os dois cursos, inclusive são de setores diferentes
10	Segunda dimensão	a maioria do pessoal, quando a gente entrou, era no armário, vamos dizer assim, né?		Diversidade sexual	100202	Comentários
12	Segunda dimensão	hoje em dia eu tenho um grupo que digo com muita tranquilidade que são pessoas que eu tenho certeza que vão estar comigo para além da UFPA quando acabar		Questões Gerais Diversidade sexual	120201	Comentários
12	Segunda dimensão	acho que isso também foi algo muito positivo para que a gente se estabelecesse muito enquanto grupo, para criar um ambiente de amizade, de intimidade, onde a gente se sente muito tranquilo de expor uma coisa para o outro, mas sem ser relacionado também a UFPA		Questões Gerais	120202	Comentários
12	Segunda dimensão	quando eu, quando nesse processo de me assumir, eu consegui me assumir, quando eu percebi, quando eu ouvi de uma das pessoas do grupo se assumindo também. Eu fiquei, puxa, estava tendo aquele reconhecimento. E isso acabou se tornando algo tão automático e fui perdendo também um pouco desse preconceito comigo também, sabe? De me impor, de querer ou não estar nesses espaços e falar quem eu sou de forma muito tranquila, sem ter medo de algum momento, por exemplo, aparecer alguém e dizer algo contrário a isso.		Diversidade sexual	120203	Comentários
12	Segunda dimensão	Na nossa grade não tem nada relacionado. Se teve algum professor que trouxe a temática para dentro da sala de aula, eu não lembro. Mas, de uma forma geral, dificilmente teve algum assunto relacionado. Dificilmente mesmo.		Diversidade sexual	120204	Comentários
12	Segunda dimensão	you acolher alguém que está saindo lá do interior e chega atrasado na sala porque mora longe ou que não consegue fazer o trabalho porque não tem internet na sua casa e, mesmo assim, ainda perceber que alguns colegas viram isso como uma falta de responsabilidade		Questões Gerais	120205	Comentários
13	Segunda dimensão	hoje a licenciatura em dança está um pouco despolitizada. Não tem tantos atravessamentos. É sala de aula, acabou sala de aula, cada um do seu lado.		Questões Gerais	130201	Comentários
14	Segunda dimensão	Eu... Pelo que eu vejo, na minha grade curricular, com relação à diversidade sexual, não tem disciplina nenhuma.		Diversidade sexual	140201	Comentários
15	Segunda dimensão	Atualmente eu ando mais com quem é da comunidade LGBT do que com quem não é.		Diversidade sexual	150201	Comentários
15	Segunda dimensão	Eu acho que está mais para um lado de ser cooperativa. Tem alguns grupos ali de uma galera que é só na dela, mas a maioria sempre que pode está disponível para ajudar.		Questões Gerais	150202	Comentários
16	Segunda dimensão	Os professores que são da comunidade falam abertamente sobre isso também. E os que não são também promovem debates sobre isso e parecem ser bem compreensíveis. Em relação aos professores, eu nunca me lembro de nenhum problema envolvendo LGBTfobia		Diversidade sexual	160201	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	↻	Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
Dimensão localizada: Terceira dimensão						
1	Terceira dimensão	Já aconteceram algumas situações com algumas amigas, acho que a gente quebra um pouco o encanto que a gente tem pela UFPA, por que a gente também é atingido por esses problemas...		Interseccionalidades	010301	Comentários
1	Terceira dimensão	eu acho que a sobrecarga, eu acho que os componentes extracurriculares são os que mais sobrecarregam. a gente tem muita cobrança para produzir no sentido acadêmico, só que quando a gente entra na universidade isso ta mais relacionado com as atividades extracurriculares, só que às vezes é tomado como o aspecto principal.		Questões Gerais	010302	Comentários
2	Terceira dimensão	Na verdade, teve aquelas falas sobre a certeza dos outros acerca das minhas orientações.		Diversidade sexual	020301	Comentários
2	Terceira dimensão	Eu acho que aqui é um lugar muito seguro para você ser você. O setor básico, principalmente, acho que o profissional é um pouco mais complicado. Mas aqui tem bastante representatividade.		Diversidade sexual	020302	Comentários
2	Terceira dimensão	Tem muitos gays se abraçando, se beijando e tudo mais.		Interseccionalidades	020303	Mesmo sendo um ambiente mais inclusivo, é possível perceber um olhar de que homens gays "se expressam" muito mais do que mulheres não-heterossexuais
2	Terceira dimensão	Se tiver lá, deve ter lá, porque eu também acho que as meninas são mais discretas em relação aos gays		Interseccionalidades	020304	Comentários
2	Terceira dimensão	Violência contra homossexuais, não. Até porque eu acho que os adultos homossexuais do meu curso, eles são bem carregados de argumentos, eles falam muito bem.		Interseccionalidades	020305	Comentários
2	Terceira dimensão	Acho que o fato da faculdade ser localizada muito longe, e ter poucas regiões de ônibus que venham lá, dificulta muito a permanência saudável aqui. Porque além de ter o teu desgaste de assistir a aula, fazer seus negócios, ele tem o desgaste absurdo com o deslocamento		Questões Gerais	020306	Comentários
2	Terceira dimensão	A fila do restaurante universitário é uma coisa que deve cair na cabeça de muita gente. Porque é um cenário estressante. É muito quente. O calor estressa. Você está cansado. Você está estressado. O cansaço estressa. Você acabou de receber muita informação mental, se você estuda de manhã. Se você estuda de noite, você provavelmente vai chegar atrasado no sinal. Então essas políticas de ferramentas para permanência e apoio universitário, não oferecem tanto quanto a demanda precisa		Questões Gerais	020307	Comentários
2	Terceira dimensão	Eu nunca ouvi falar de casos de agressão contra homossexuais aqui, universitários ou da comunidade. Eu acho que a universidade, pelo menos pra mim, é o lugar mais seguro pra você mostrar que você é homossexual ou bissexual. Até porque tem uma segurança aqui.		Diversidade sexual	020308	Comentários
3	Terceira dimensão	Só comentários, mas eu não dei trela, eu não liquei.		Diversidade sexual	030301	Comentários
3	Terceira dimensão	Assim, preconceituosa não, mas misógina. Já ouvi, né? Enfim. Fala misóginas, xenofóbicas.		Interseccionalidades	030302	Comentários
4	Terceira dimensão	Um local seguro... Pelo menos eu acho que aqui eu me sinto mais à vontade de, por exemplo, andar de mãos dadas com uma pessoa que está ficando, uma menina, ou falando mais sobre mulheres, relacionando com mulheres		Diversidade sexual	040301	Comentários
4	Terceira dimensão	Eu acho que sim. Eu acho que fora essa questão da cobrança de produtividade, cobrança de... cobranças nossas mesmo, da gente com as nossas expectativas e tudo mais. Eu acho que algumas pessoas não... Sei lá, eu sinto que pessoas também se adoecem aqui dentro, adoecem outras pessoas, sabe? Pessoas que não... Não, não tenho o mínimo de empatia, posso dizer assim. Empatia pela vida do outro.		Questões Gerais	040302	Comentários
4	Terceira dimensão	Eu me cobro muito para não fracassar. Eu me cobro muito nesse sentido de dar conta de todas as demandas. Então, eu acho que é nesse sentido.		Questões Gerais	040303	Comentários
4	Terceira dimensão	E no que esteja a minha sexualidade, eu acho que eu me cobro muito. Talvez até de performar. Porque, enfim, eu tenho uma família mais velha. E aí, todos os dias eu me sinto atacada. Então, só de permanecer, sabe? Todo dia eu tenho que me reafirmar. E às vezes eu... É cansativo, mas... Eu me cobro.		Diversidade sexual	040304	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	↻	Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
5	Terceira dimensão	<i>O nosso centro académico é um centro académico extremamente problemático. É o pior centro académico de todos. Tipo, de ter gente traficando lá dentro do centro académico</i>		Questões Gerais	050301	Comentários
5	Terceira dimensão	<i>a conquista da universidade é como se fosse a primeira coisa que é tua, tua de verdade</i>		Questões Gerais	050302	Comentários
5	Terceira dimensão	<i>Também tem muitas pessoas que, tipo, se assumem ou se descobrem só na universidade. Então é super normal, sabe? Tipo, a coisa que mais tem lá é essa galera</i>		Diversidade sexual	050303	Comentários
5	Terceira dimensão	<i>essa relação de docente e de orientador, assim, adoece muito, principalmente nos cursos de bacharel</i>		Questões Gerais	050304	Comentários
5	Terceira dimensão	<i>A faculdade é um período mais libertador, assim, porque algumas pessoas escolhem o que elas querem, então elas se divertem mais, tipo, elas têm maior liberdade.</i>		Questões Gerais	050305	Comentários
6	Terceira dimensão	<i>Não, acho que pelo fato de a UFPA ser muito aberta, assim, eu digo segurança física. Tem aquele medo de que... é um dos motivos que eu prefiro não jantar aqui, porque a UFPA de noite é bem noturno, né? É muito difícil ficar aqui, geralmente por medo mesmo</i>		Questões Gerais	060301	Comentários
6	Terceira dimensão	<i>Mas a UFPA, eu consigo dizer que ela segura, não pela questão física, mas pela questão mais de eu sei que tem pessoas aqui que eu posso contar.</i>		Diversidade sexual	060302	Comentários
6	Terceira dimensão	<i>mesmo que eu me sinta seguro, mas eu sei que, mesmo dentro desses grupos, a gente também corre riscos, sabe? Mas é mais pelo fato de ela ser aberta pelos riscos de segurança, de assalto, essas coisas.</i>		Questões Gerais	060303	Comentários
6	Terceira dimensão	<i>E rola muita, muita piada de... com as palavras de pessoas, "viado", ou... ou assim, "sapatão", mas num sentido mais... pejorativo, assim, em questão de ofensa. E... E isso a gente vê até direcionado a pessoas que não são da comunidade. Por exemplo, as pessoas que apelidam uma pessoa a ser homossexual como se fosse para rebaixar. Entende?</i>		Diversidade sexual	060304	Comentários
6		<i>Eu já conheci pessoas que não são da comunidade, mas que no fato estão de um jeito que não são heteronormativos. elas são apelidadas e totalmente rebaixadas, independente das suas qualidades</i>		Diversidade sexual Interseccionalidades	060305	Comentários
6	Terceira dimensão	<i>os professores acham que é uma questão de escolha, ele escolheu isso, então ele vai sofrer com tais coisas. Mas eles olham justamente não com esse viés de essa, condição dele faz com que ele tenha esse risco, mas sim que essa escolha que ele escolheu faz com que ele escolheu, faz com que ele, como eu posso dizer, como eu posso dizer uma palavra assim, que ele escolheu isso, então ele está ciente do que ele vai passar, entende?</i>		Diversidade sexual	060306	Comentários
7	Terceira dimensão	<i>Não acho que seja um local muito seguro. Pelos relatos de violência que eu já ouvi. Pela própria infraestrutura da universidade. Muitos professores, dentro da sala de aula mesmo, são violentos e não acontece nada com eles.</i>		Questões Gerais	070301	Comentários
7	Terceira dimensão	<i>Mas vários colegas já relataram de alguns professores específicos que eu ainda não tive contato com eles. Eles estão ativos. E todo ano tem reclamação, mas ninguém retira eles.</i>		Diversidade sexual	070302	Comentários
7	Terceira dimensão	<i>pela perspectiva do curso noturno, é como se fosse cada um por si, os professores faltam e é muito. As aulas que têm, às vezes não são... não ajudam o aluno, acaba que a gente fica desmotivado</i>		Questões Gerais	070303	Comentários
8	Terceira dimensão	<i>achando que o bullying ia terminar quando a gente saísse do ensino médio, mas ainda acontece aqui. Acho que existe. Então eu não acho a UFPA exatamente tão seguro, mesmo dentro do meu curso.</i>		Diversidade sexual	070301	Comentários
8	Terceira dimensão	<i>Era mais tipo, é tipo, assédio sexual, importunação sexual, mais das vezes. É... Racismo eu ouvi algumas vezes e transfobia. Dentro do meu curso, ainda peguei, no segundo ano do meu curso, infelizmente a gente teve um professor que ele era racista, foi racista comigo e com outras pessoas de outro ano do curso.</i>		Interseccionalidades	070302	Comentários
8	Terceira dimensão	<i>são tantas coisas pra eu fazer que às vezes eu me paraliso e não consigo ver nem por onde eu começo</i>		Questões Gerais	070303	Comentários
9	Terceira dimensão	<i>em relação a segurança pública, de certa forma, não tanto</i>		Questões Gerais	090301	Comentários
9	Terceira dimensão	<i>Para nós mulheres, às vezes, eu tenho medo de ser, tipo, um homem ficando seguindo.</i>		Interseccionalidades	090302	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	↻ Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
9	Terceira dimensão	aqui eu sinto que a gente é um pouco mais acolhido, tipo assim, na rua eu não vejo um casal efetivo, enfim, duas mulheres segurando a mão, aqui eu consigo ver isso	Diversidade sexual	090303	Comentários
10	Terceira dimensão	hoje eu acho que é um ambiente mais acolhedor do que o resto da sociedade. Eu acho que tu acabas ficando mais à vontade para ser uma pessoa LGBT na universidade do que em outros lugares.	Diversidade sexual	100301	Comentários
10	Terceira dimensão	Mas também é porque eu estava afastado da faculdade e eu sempre fiz noturno. Então, tipo, como a gente não tem muita vivência do... para mim, eu não tive muita vivência da... estar presente na faculdade	Questões Gerais	100302	Comentários
11	Terceira dimensão	No quesito amplo, eu acho que mais ou menos, porque a gente teve uma situação aí, pouco antes da greve, que estava tendo bastantes assaltos.	Questões Gerais	110301	Comentários
11	Terceira dimensão	E sobre essa questão LGBT, eu acho que sim, eu vejo bastante gente que parece ser, gente que inclusive anda com aqueles bótons, sabe? Com pulseira. Todo esse tipo de indicativo que é da comunidade, Então eu sinto que eles estão bem abertos a isso, no geral.	Diversidade sexual	110302	Comentários
12	Terceira dimensão	Vou falar a partir de alguns recortes, né, por ser uma mulher. A gente está dentro de um espaço em que denúncias e casos de assédio sexual não só entre alunos, mas de professores com alunos são bem recorrentes, assim como em qualquer outro espaço fora da universidade, isso também é real.	Interseccionalidades	120301	Comentários
12	Terceira dimensão	Quando a gente entra, a gente se depara, na verdade, com vários preconceitos, várias agressões, assédios. E isso deixa a gente um pouco temeroso. Principalmente, por exemplo, em momentos de lazer, como o vadião da vida, ou qualquer outro local. Em que já ocorreu que uma colega, por exemplo, sofreu assédio sexual.	Diversidade sexual Interseccionalidades	120302	Comentários
12	Terceira dimensão	E aí tem o processo de você perceber aquilo como violência e começar a ter medo do espaço em que você está e você se sentir muito insegura porque a maioria das pessoas acabam, assim como em todo o resto da sociedade, desacreditando bastante na tua palavra	Interseccionalidades	120303	Comentários
12	Terceira dimensão	não acredito que a UFPA seja um local seguro. pensando nesses casos, pensando, na verdade, em todos os outros casos de denúncias que já teve, de agressões, e ainda assim parece algo que não se acaba, sabe? Apesar de perceber pequenas intervenções, mas ainda assim não o suficiente.	Questões Gerais	120304	Comentários
12	Terceira dimensão	compreendo também que existe muita piada em forma de violência mesmo, principalmente para grupos mais específicos, por exemplo, homens gays, que são muito mais afeminados, e acho que percebi isso quando, por exemplo, com um amigo, E a gente tá andando e a gente percebe os olhares pra eles, sabe? Não é necessariamente verbalizar, mas acho que só o olhar em si já é muito desconfortável.	Diversidade sexual Interseccionalidades	120305	Comentários
12	Terceira dimensão	eu percebo que quando você carrega características mais fortes que te discriminam dentro desse ambiente, acho que existe sim um temor um pouco maior, tanto pelos olhares, pelo desconforto, mas também de ter alguma situação de alguém chegar e ser um pouco mais agressivo com você.	Diversidade sexual Interseccionalidades	120306	Comentários
12	Terceira dimensão	Acho que existe... é sempre aquele discurso de que eu não conheço ou não tenho tanto conhecimento sobre o assunto, então por isso eu falei aquilo. Então é sempre um discurso carregado de desconhecimento. Mas ainda assim um discurso muito preconceituoso, que às vezes quando a gente tenta intervir, tentando informar mesmo a pessoa sobre aquilo, ainda assim ela se mostra muito retraída em receber aquela informação.	Diversidade sexual	120307	Comentários
13		Não totalmente. Acho que a gente passa por muitas coisas que dentro da universidade que poderia ser evitada. E aí vai para além da LGBTQIAPN+fobia. Então, não é um ambiente cem por cento seguro	Questões Gerais Diversidade sexual	130301	Comentários
13	Terceira dimensão	Muitas pessoas sofrem dentro da universidade e chegam a cometer suicídio, ou tentam cometer suicídio dentro da própria universidade	Questões Gerais	130302	Comentários
13	Terceira dimensão	Eu nunca sofri violência dentro da universidade. Mas já... receber relatos de outras pessoas, seja de transfobia, racismo, assédio	Interseccionalidades	130303	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
13	Terceira dimensão	eu acho que por essa falta de cuidado com a própria saúde mental dos discentes, especificamente dos discentes, muitas coisas se acarretam e fazem com que as nossas relações interpessoais não sejam tranquilas.	Questões Gerais	130304	Comentários
14	Terceira dimensão	Eu acho que a UFPA é uma casa para muitas pessoas.	Interseccionalidades	140301	Comentários
14	Terceira dimensão	Eu vejo como um local muito seguro pra mim, né? Porque eu também sou homem, então... Eu não sou uma mulher, né? Porque muitas mulheres não se sentem seguras, e eu super entendo.	Diversidade sexual Interseccionalidades	140302	Comentários
14	Terceira dimensão	enquanto pessoa LGBT, enquanto pessoa parda dentro da universidade, nunca tive problema nenhum, nunca enfrentei nenhum tipo de preconceito.	Interseccionalidades Diversidade sexual	140303	Comentários
14	Terceira dimensão	a questão da segurança, claro que já... Nesse ano mesmo, já ouvi relatos. de questão de assalto, de furto	Questões Gerais	140304	Comentários
14	Terceira dimensão	E aí, nesse sentido, a professora começou a falar de GLBT. Que não é um termo incorreto, mas é um termo antigo. É uma sigla antiga. E a gente tentou corrigir, mas ela se mostrou muito... Negou entender.	Diversidade sexual	140305	Comentários
14	Terceira dimensão	Eu acho que ainda na UFPA acontece muito assédio, assédio moral dos professores com os alunos.	Questões Gerais	140306	Comentários
14	Terceira dimensão	Porque o universitário é muito ferrado, perdão pelo termo, ainda mais quando você é de um grupo minoritário, quando você é quilombola, indígena. Já vi muitos relatos de professores sendo xenofóbicos, sendo racistas e tudo mais	Interseccionalidades	140307	Comentários
15	Terceira dimensão	Ah, eu acho a UFPA um lugar seguro	Questões Gerais	150301	grande contradição dessa fala com as duas seguintes. Todas tratam sobre a sensação de segurança na UFPA
15	Terceira dimensão	quando a galera percebeu que ele não era hétero e tudo mais, eles começaram a propositalmente excluir ele de parte do trabalho, e quando chegou no dia da apresentação eles estavam tipo assim... meio que por fora de tudo, tipo na tentativa de humilhar ele pra ele parecer como se fosse a única pessoa que não sabia o que tava acontecendo e no final deu certo, o professor acabou sendo bem crítico e isso afetou a reputação dele na disciplina e na turma também, acho que a longo prazo	Diversidade sexual	150302	Comentários
15	Terceira dimensão	vejo um outro carro e ele tipo assim parou do meu lado e aí o cara que tava lá dentro tipo assim colocou a mão pra fora e ficou me chamando pra ir lá enfim, falar com ele, sei lá e eu só tipo assim, ah, vou fugir que não vai acontecer e aí tipo, foi aquele momento muito para e olha tipo, se não tem ninguém perto de mim, o que eu faço agora?	Questões Gerais	150303	Comentários
15	Terceira dimensão	De professor... Eu confesso que é raro, mas é mais no sentido de ignorância do que, tipo assim, de maldade, sabe? Apesar de que é meio questionável, né? De ficar nesse lugar... "Ah, eu nem sei, só..." Ou então, por exemplo, com a sigla LGBT... uma professora, inclusive eu acabei de subir na aula dela, ela fala "GLBT e letras".	Diversidade sexual	150304	Comentários
15	Terceira dimensão	Eu baseio muito na minha experiência, então lógico que sim. Aqui é um espaço onde é bem mais confortável, pelo menos para mim. Não sei, diferente de outros espaços, principalmente falando daqueles onde a gente só sobrevive, né? Então, para mim, continua sendo muito legal.	Diversidade sexual	150305	Comentários
16		Olha, para mim, na minha experiência, eu me sinto segura, assim, eu nunca tive... Eu tenho uma companheira e tal e ela também é da UFPA, então a gente sempre tá junta e eu nunca tive problema aqui dentro da UFPA por isso.	Diversidade sexual Interseccionalidades	160301	Comentários
16	Terceira dimensão	Por questão de fazer parte da comunidade, não. Só por outras razões, no caso de racismo, seria mais nesse sentido ou questões de gênero também... Tipo, assédio é algo bem mais comum que eu ouço.	Interseccionalidades	160302	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tt Citação	↻	Categoria	Nº da Citação	Tt Comentários
Dimensão localizada: Quarta dimensão						
1	Quarta dimensão	<i>dá um pouco de medo, as vezes, porque dá um medo da invalidação, de 'ah mas eu nunca te vi com uma mulher', ou de sempre também ter uma comparação muito grande com a questão da panssexualidade, é uma discussão né... mas eu me canso de ter que ficar explicando, mesmo para pessoas que são da comunidade</i>		Interseccionalidades	010401	Comentários
1	Quarta dimensão	<i>nunca passei por nenhuma situação de nao aceitação ate agora. entao tendo a pensar que sim. foi difícil me aceitar, eu tinha uns 15 anos de idade... eu ja tinha uns amigos da comunidade, entao por um lado eu nao tinha o apoio da minha familia, eu tinha muito apoio desses outros grupos. por muitos momentos, eu não conseguia falar em voz alta que eu sou bissexual</i>		Diversidade sexual	010402	Comentários
1	Quarta dimensão	<i>os lugares que eu frequento, me sinto bem aceita. acho que eu tento me cercar de pessoas mais próximas que sejam da comunidade, isso é um pouco mais fácil, e aqui é mais fácil também achar essas pessoas.</i>		Diversidade sexual	010403	Comentários
1	Quarta dimensão	<i>percebo muitas produções sobre o assunto que são feitas por pessoas que não sao da comunidade, poucas são, e até mesmo essa sensação de que nossos professores não sao da comunidade... que a comunidade nao consegue chegar a docencia, ela nao consegue ser vista na academia. as vezes tenho essa sensação de que a pesquisa é para a gente, mas sempre com muito esforço.</i>		Diversidade sexual	010404	Comentários
1	Quarta dimensão	<i>acho que para mim é mais facil por ser mulher cis, por me expressar como uma mulher cis, e tenho passabilidade sobre tudo isso, ser muito feminina. eu sinto que eu fico imune a uma série de violencias, e eu percebo isso quando eu estou com amigas que são desferm, e eu fico com medo por conta dos olhares, e eu fico pensando... se alguem me agredir, alguem vai intervir? Tem segurança? eu acho que não</i>		Interseccionalidades	010405	Comentários
2	Quarta dimensão	<i>Acho que eu pertenço. Eu pertenço ao meu curso. Ele é muito meu.</i>		Diversidade sexual	020401	Comentários
2	Quarta dimensão	<i>Voltado para o público LGBT, mas principalmente para pessoas trans. Acho que deveria ter um serviço de ginecologia para as pessoas trans</i>		Interseccionalidades	020402	Comentários
2	Quarta dimensão	<i>Os professores deveriam ter aulas para inclusão. E eles não tem.</i>		Questões Gerais	020403	Comentários
3	Quarta dimensão	<i>Assim, mais ou menos. Porque eu me sinto mais à vontade com os meus amigos. A gente vai, anda pela orla, senta por lá, a gente conversa, a gente se expressa. E quando eu não tô com eles, assim, eu não sinto muito... muita vontade de me expressar</i>		Diversidade sexual	030401	Comentários
3	Quarta dimensão	<i>Eu sinto que meio que, para eu me encaixar em outro círculo, eu preciso ser meio que nos padrões estabelecidos por esse círculo. Eu me sinto obrigada a me adaptar.</i>		Diversidade sexual	030402	Comentários
3	Quarta dimensão	<i>É mais no sentido de conquista mesmo. A questão do lugar onde eu moro, o bairro. rua, né, porque eu moro numa periferia, né. Então, é no sentido de conquista, porque eu tinha um sonho de estudar numa faculdade pública</i>		Questões Gerais	030403	Comentários
3	Quarta dimensão	<i>Sim. eu não sinto medo, de expressar, de falar, até porque eu sei muito bem os círculos que eu frequento na universidade, né, eu sei quem vai concordar, quem não vai concordar</i>		Diversidade sexual	030404	Mesmo que o senso de coletivo seja algo muito bom, sinto que muitos alunos ficam nesse constante estado de alerta sobre quais sao os locais que eles estão
3	Quarta dimensão	<i>Em relação a amigos e a universidade, eu consigo sentir o acolhimento, mas a questão do curso, assim, eu não sinto, porque muitas das vezes a gente tinha que confrontar certas decisões da direção e coordenação</i>		Diversidade sexual	030405	Comentários
3	Quarta dimensão	<i>Para mim, eu tenho certeza que deve melhorar na universidade a questão da administração da instituição em relação a casos de LGBTfobia, misoginia, que a maioria das vezes, das notas que eu vejo pelas redes sociais são relacionadas a docentes desrespeitando os alunos</i>		Diversidade sexual Interseccionalidades	030406	Comentários
3	Quarta dimensão	<i>algum programa de assistência à comunidade LGBT da universidade, mas se não houver, isso seria uma ótima sugestão para a instituição</i>		Diversidade sexual	030407	Comentários
4	Quarta dimensão	<i>A universidade para mim foi um sonho, um grande objetivo da minha vida, que foi fazer parte daqui.</i>		Questões Gerais	040401	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tt Citação	⊖	Categoria	Nº da Citação	Tt Comentários
4	Quarta dimensão	Mas foi importante muito eu conseguir me expressar a minha sexualidade, conseguir... conseguir ficar com pessoas, mas tipo, poder falar abertamente, sabe? Poder viver sem precisar me esconder, sem precisar fingir que eu não sou.		Diversidade sexual	040402	Comentários
4	Quarta dimensão	Eu acredito que os grupos que eu realmente me sinto pertencente me tratam muito bem, me acolhem nesse sentido da minha sexualidade. A autoaceitação foi um processo muito difícil pra mim. Tipo, eu negava, negava, negava, negava, e até chegava um momento que eu não devo chegar a negar porque tava muito na cara.		Diversidade sexual	040403	Comentários
4	Quarta dimensão	só o de sempre, questões, por exemplo, ser lésbica ou ser bissexual, questões que ficam me rodeando sobre o quanto que a heterossexualidade impactou na minha vida, inclusive nos meus afetos, então eu fico pensando sobre isso.		Interseccionalidades	040404	Comentários
4	Quarta dimensão	Eu me sinto muito parte daqui. Eu não consigo imaginar minha rotina não vindo para cá atualmente		Questões Gerais	040405	Comentários
4	Quarta dimensão	Acho que talvez mais espaços para vivência mesmo, não só para estudar, sabe? Por mais que a gente esteja aqui para estudar, mas a maioria das pessoas passam o dia inteiro.		Questões Gerais	040406	Comentários
5	Quarta dimensão	Olha, porque fala de LGBT é uma coisa, agora falar de lésbica é outra coisa		Interseccionalidades	050401	Comentários
5	Quarta dimensão	porque ninguém sabe de nada, né? Tipo, é uma coisa, assim, muito diferente, é uma vida que é completamente descolada de todo o resto da comunidade, né?		Interseccionalidades	050402	ser lésbica
5	Quarta dimensão	é uma experiência muito diferente, porque a gente não centraliza os homens, entendeu, é muito diferente do universo das outras pessoas		Interseccionalidades	050403	Comentários
5	Quarta dimensão	se eu me sinto confortável lá na universidade? não. Só se eu estiver com outras pessoas que têm a mesma vivência que eu, né? Senão, ninguém vai entender. As pessoas não... Eu não me sinto... Mesmo com os meus amigos e tal, eu não me sinto segura em falar algumas coisas, entendeu?		Interseccionalidades	050404	Comentários
5	Quarta dimensão	ninguém vai duvidar se a sexualidade do homem gay é fluida, né? Tipo, não, ele é gay, ele nunca... Agora da lésbica, não, né? Uma hora tu vai ser bi, né? Agora do homem gay ninguém vai falar isso		Interseccionalidades	050405	Comentários
5	Quarta dimensão	eu percebo a universidade, tipo, muito aberta em relação realmente a LGBT e tal. Mas em relação a lésbicas, assim, ninguém fala.		Interseccionalidades	050406	Comentários
5	Quarta dimensão	aquela visão que a gente tem da lésbica do Brasil, que é a lésbica caminhoneira, aquelas, tipo, mulheres assim, tipo, cabelo curto, que não performa nenhuma feminidade		Diversidade sexual	050407	Comentários
5	Quarta dimensão	um amigo nosso perguntou porque a minha namorada não tava vindo almoçar aqui em casa. E tal. E aí, tipo, a gente se olhou assim e a gente falou, tipo: "amigo, não é assim que funciona, sabe? Tipo, não é normal"		Diversidade sexual	050408	Comentários
5	Quarta dimensão	Porque dormir junto, eu e a minha namorada, é tipo, evento raro, né? Quando a minha mãe viaja, essas coisas.		Diversidade sexual	050409	Comentários
5	Quarta dimensão	Óbvio que dá o medo, né, quando tu vai falar, mas é que eu tendo a transitar, tipo, entre grupos, tipo, sempre LGBTs. Então, mesmo que, tipo, seja... tipo, vão fazer algum comentário, mas, tipo, não vão me matar, entendeu?		Diversidade sexual	050410	a sensação de bem estar muito associada a propria questão da sobrevivencia
5	Quarta dimensão	grupo de pesquisa, aí já é outra coisa, porque é um outro ciclo social que eu não posso já, então eu tenho que mudar completamente o jeito de me vestir. Tipo, eu mudei completamente o jeito de me vestir depois que eu arranjei uma bolsa e depois que eu entrei num grupo de pesquisa, eu mudei completamente.		Interseccionalidades	050411	Comentários
5	Quarta dimensão	agora mudei completamente, me feminilizei mil por cento, tipo, sim, quando eu vou pra evento, né, da faculdade, eu também mudo completamente, tipo, me sinto super desconfortável, né		Interseccionalidades Diversidade sexual	050412	Comentários
5	Quarta dimensão	Eu acho que... apoio psicológico e tal, eu tenho alguns amigos que fazem e tal, mas é uma oferta muito mínima, assim, né, de realmente tu manter um acompanhamento, assim, sabe?		Questões Gerais	050413	Comentários
5	Quarta dimensão	A maioria dos meus amigos, principalmente lá na sala, que a maioria dos meus amigos são pretos, então tipo, a vida deles é, tipo, já completamente diferente do que a minha.		Interseccionalidades	050414	Comentários

Nº	Dimensão localizada	T _r Citação	⊖	Categoria	Nº da Citação	T _r Comentários
5	Quarta dimensão	Mais centros de acolhimento, assim, próprios, sabe? De tipo, de cada... de cada orientação sexual, sabe? Tipo, não LGBT, mas tipo, cada... tipo, cada pessoa, assim, sabe? E com profissionais também qualificados, ou tipo, sabe? Pra cada coisa, assim		Diversidade sexual	050415	Comentários
5	Quarta dimensão	Mas um dos requisitos para tu ser um professor é tu ter noção, assim, das coisas, tipo... Enfim, não é real, né? Não é realidade		Questões Gerais	050416	Comentários
6	Quarta dimensão	eu sei que é um ambiente de conforto, justamente porque a gente sabe que existe um filtro. Aquele filtro de que coisas boas passam e coisas ruins ficam fora.		Diversidade sexual	060401	Comentários
6	Quarta dimensão	Então, é mais uma questão de idealização pessoal. Assim, eu pertencço para um lugar. Eu fiz para pertencer. Eu fiz, mereci, para estar aqui. E quando eu percebi isso, gerou uma satisfação melhor estar aqui, sabe?		Questões Gerais	060402	Comentários
6	Quarta dimensão	Aqui na UFPA é incrível no sentido de... de se ver uma outra pessoa, porque a gente sabe que não está sozinho. Aqui na UFPA é muito bom isso, porque a gente vê de tudo aqui.		Diversidade sexual	060403	Comentários
6	Quarta dimensão	Mas eu sei que aqui dentro eu consigo me sentir pertencente por saber que tem outras pessoas iguais a mim, sabe?		Diversidade sexual	060404	Comentários
6	Quarta dimensão	Quando eu assumi, eu percebi que eu sou isso, eu tirei aquela máscara e foi só aqui na faculdade que eu tive essa oportunidade		Diversidade sexual	060405	Comentários
6	Quarta dimensão	Eu entender o que eu sou e o que eu gosto. Justamente pelo fato de ter outras pessoas que são iguais e ver que eu não preciso ter aquele medo de responder.		Diversidade sexual	060406	Comentários
6	Quarta dimensão	a punição nesses casos, principalmente ajuda na denúncia, porque eu sei que já teve casos de denúncias que não foram para a frente. Rolou tudo, teve provas, mas não foi para a frente por causa do agressor ser rico, ou ter um status social grande.		Questões Gerais	060407	Comentários
6	Quarta dimensão	Essa conscientização não só em projetos de pesquisa ou em palestras, mas na base, ou assim, na grande pluralidade de todos os cursos.		Questões Gerais	060408	Comentários
7	Quarta dimensão	na liga acadêmica que eu participo. É um espaço muito confortável, muito acolhedor para se falar de pensamentos, sentimentos. A gente na sala de aula, dependendo do professor, não.		Diversidade sexual	070401	Comentários
7	Quarta dimensão	No início é mais... Assim... Distante, porque eu não me sentia... parte daqui, assim. Eu estava acostumada com outro ambiente. Mas agora eu acho que é só mais uma das coisas. É lidar.		Diversidade sexual	070402	Comentários
7	Quarta dimensão	Eu não me sinto pertencente por causa do curso que eu faço. Assim... Tem que mudar, tem que adaptar quem você é, principalmente do direito. Ao padrão que eles precisam.		Diversidade sexual	070403	Comentários
7	Quarta dimensão	Acho que ela precisa começar punindo as pessoas, professores, servidores, que cometem violência contra a gente.		Diversidade sexual	070404	Comentários
7	Quarta dimensão	fazer com que os professores tenham mais acesso ou estudem sobre a população LGBT para não ficar falando merdas em sala de aula		Diversidade sexual	070405	Comentários
8	Quarta dimensão	Na beira do rio a gente se esquece, conversa pouco, consegue, tipo, falar do nosso problema, do problema do curso também.		Questões Gerais	070401	Comentários
8	Quarta dimensão	Então em relação a não ser hétero aqui, na faculdade, eu até me sinto normal.		Diversidade sexual	070402	Comentários
8	Quarta dimensão	maior apoio na minha atual sexualidade por meus amigos, a gente conversou bastante sobre isso, fui entender também um pouco mais da sexualidade também, eu não entendia tanto como funcionava, como que era uma pessoa não binária que se sentia sobre a própria sexualidade, como que era o gênero fluido, foi só chegando aqui e sobre as outras pessoas também no geral.		Diversidade sexual	070403	Comentários
8	Quarta dimensão	Ainda acontece assédio, ainda acontece homofobia, transfobia. Infelizmente não vai ter tudo, mas aqui deveria melhor.		Interseccionalidades	070404	Comentários
9	Quarta dimensão	Na universidade eu consigo ser eu mesmo, entendeu? Embora eu ainda tenha coisas comigo, mas na universidade eu consigo ser eu mesmo. Agora fora, não.		Diversidade sexual	090401	Comentários
10	Quarta dimensão	Não teve nenhum momento assim em que eu me senti desrespeitado ou... É... Pelo menos num tempo recente, não acolhido. Pelo menos pela parte dos amigos e professores, tranquilo.		Diversidade sexual Interseccionalidades	100401	Comentários
10	Quarta dimensão	Porque, interessante ou não, é bom quando estamos com o nosso pessoal e tal		Diversidade sexual	100402	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tr Citação	⊖	Categoria	Nº da Citação	Tr Comentários
11	Quarta dimensão	não foi a primeira vez, mas eu já tinha visto alguns casais gays andando lá pela Universidade, todos de mãos juntas e tal		Diversidade sexual	110401	Comentários
11	Quarta dimensão	Não especificamente na minha área, mas eu acredito que deve ter alguns outros setores que conversam mais sobre isso, principalmente ali no campo básico, que é onde o pessoal de humanas mais fica. aí eles devem ser mais abertos a esse tipo de debate, deve ter palestras sobre		Diversidade sexual	110402	Comentários
11	Quarta dimensão	Já tive uma época que eu era mais reprimido, principalmente porque eu tive uma criação bem conservadora, cristã		Diversidade sexual	110403	Comentários
11	Quarta dimensão	Aí eu passei um tempo que eu mesmo não sendo cristão, eu ainda tinha muito dessa cultura dentro de mim mesmo, dentro da minha cabeça. E aí eu me autor reprimia. Só que aí eu fui fazendo terapia, fui vivendo outras coisas e eu consegui me libertar disso		Diversidade sexual Interseccionalidades	110404	Comentários
11	Quarta dimensão	apesar de eu ser desse jeito, como eu já falei, mas eu sinto que é um lugar bem acolhedor ali.		Diversidade sexual	110405	Comentários
12	Quarta dimensão	Foi um processo de aceitação minha, inicialmente, pra depois sentir aceitação dos outros. Como eu te falei, eu não entrei na UFPA assumida. Então, foi um processo até o momento que eu consegui me assumir pra uma das minhas melhores amigas e descobri que ela era lésbica também		Diversidade sexual	120401	Comentários
12	Quarta dimensão	isso também foi um processo para que eu me sentisse... Eu me senti desconfortável com as outras pessoas, porque eu tive algumas vivências anteriores no ensino médio, por exemplo, de alguma amiga minha descobrir e acabar se afastando de mim. Então, eu trouxe um pouco dessa realidade para a UFPA.		Diversidade sexual	120402	Comentários
12	Quarta dimensão	Nossa, mas você só gosta de mulher. Como assim? Você não gosta de homem? Sim, gente, eu só gosto de mulher. Eu sinto atração por mulher, eu só desejo mulher.		Diversidade sexual Interseccionalidades	120403	Comentários
12	Quarta dimensão	E parece sempre esse teor de dúvida, sabe, pra algumas pessoas que te assumem como mulher lésbica. Que é sempre esse questionamento, nossa, mas tu só gosta de mulher. E a todo momento parece que vão te colocar em dúvida, em questão, o que parece que é muito difícil das pessoas acreditarem		Diversidade sexual Interseccionalidades	120404	Comentários
12	Quarta dimensão	Mas a partir do momento que eu comecei a, de fato, me impor e perceber também o acolhimento das pessoas à minha volta, foi muito mais tranquilo que esse sentimento de pertencimento fosse se fortalecendo, sabe? Sem o ou com a presença desses grupos		Diversidade sexual	120405	Comentários
12	Quarta dimensão	Acho que nesse processo de permanência, acho que uma coisa que eu gostaria muito de ver dentro do curso mesmo de psicologia, falando da grade curricular, são essas pequenas discussões que estão ao nosso redor acontecendo, que fazem parte da nossa vivência, que fazem parte do que nós somos		Interseccionalidades	120406	Comentários
13	Quarta dimensão	Se gosto ou não gosto, é aquela história de que quem estava do meu lado, meu pai, minha mãe, minha madrinha, me aplaudiram tanto no decorrer da minha vida que eu não aprendi a ouvir as críticas.		Diversidade sexual	130401	Comentários
13	Quarta dimensão	Então, eu acho que ela se potencializa dentro da universidade. Porque aqui tem muito debate político. Aqui tem muita interferência de corpos sociais		Diversidade sexual Interseccionalidades	130402	Comentários
13	Quarta dimensão	já passo do momento de 13 anos de idade, quando eu levo um milhão de sentimentos dos meus pais para dentro de mim, que eles não aceitam da melhor forma possível, mas que a gente vai trabalhando com o decorrer do tempo		Diversidade sexual	130403	Comentários
13	Quarta dimensão	a universidade potencializou muito mais a minha visão de uma pessoa gay dentro da comunidade gay e da própria comunidade LGBT como um todo, em relação a respeito, a limite, a as próprias nomenclaturas, o respeito das abordagens com os outros corpos. Então, a universidade ela potencializa muito o debate social e político para dentro da comunidade.		Diversidade sexual	130404	Comentários
13	Quarta dimensão	Eu tenho muitas relações afetivas com a UFPA. Eu me sinto em casa aqui. Eu me sinto em casa. Tanto que às vezes dá até preguiça de ir embora pra casa, assim.		Diversidade sexual	130405	Comentários
13	Quarta dimensão	acho que a universidade tem total capacidade de oferecer os seus serviços para o meio acadêmico, que já oferece, claro, mas ainda é pouco. Nem todo mundo tem acesso a atendimento médico, seja psicológico, ou outros, enfim, várias áreas da saúde		Questões Gerais	130406	Comentários

Nº	Dimensão localizada	Tt Citação	☺	Categoria	Nº da Citação	Tt Comentários
14	Quarta dimensão	<i>Eu acho que quando eu entrei no UFPA... fica muito aquela questão, né? De "ah, vai entrar na UFPA, vai começar a ver coisas erradas e ir pra outro lado da vida" tipo, com a minha família, a minha madrinha, quando eu falei que ia entrar pra UFPA, ela ficou terrorizada.</i>		Diversidade sexual	140401	Comentários
14	Quarta dimensão	<i>Foi um processo bem fácil para mim. Eu não tive um processo... porque muitas pessoas ficam muito ansiosas, tem essa questão da depressão, não entendem que é algo natural, mas eu tive um processo bom, foi simples, não foi nada complexo para mim.</i>		Diversidade sexual	140402	Comentários
14	Quarta dimensão	<i>eu sinto um, tenho um pertencimento assim pela Universidade Federal do Pará. Acho que, nesse sentido, eu acho que é, tipo Como eu falei, né? Isso é uma casa, assim uma casa de formação educacional, política e tudo mais, e aí eu acho que eu tenho muito pertencimento pela UFPA, de verdade.</i>		Diversidade sexual	140403	Comentários
15		<i>A questão de segurança, principalmente. Acho que eu, na minha individualidade, tenho uma situação de segurança que é muito diferente de outras pessoas que também são da comunidade, fora outros atravessamentos, então... Para mim acaba sendo tranquilo.</i>		Diversidade sexual Interseccionalidades	150401	Comentários
15	Quarta dimensão	<i>Ah, potencializada. É assim, nesse sentido assim, acho que aqui foi o primeiro espaço onde eu pude respirar, isso. Acho que esse é um termo que dá para colocar.</i>		Diversidade sexual	150402	Comentários
15	Quarta dimensão	<i>Então pra mim foi um espaço de potencializar e se permitir viver, na verdade. Porque antes não existia isso, antes era tipo assim, tudo para a sobrevivência.</i>		Diversidade sexual	150403	Comentários
15	Quarta dimensão	<i>Sim, sim, tenho sentimento de pertencimento muito forte, na verdade. Mas eu desenvolvi mais disso quando eu passei no processo pra ganhar bolsa, porque antes eu só tinha aula e ia embora, aí depois disso acho que faz mais de ano já, faz dois anos que eu tô com o bolsista</i>		Questões Gerais Diversidade sexual	150404	Comentários
15	Quarta dimensão	<i>Porque a gente vê que muitos espaços, por exemplo, são debaixo do sol, pra se sentar e pra ficar. Principalmente a orla do lado do profissional, que foi recentemente inaugurada. Foi recentemente inaugurada, mas ela, tipo assim, toda no sol, todos os bancos no sol.</i>		Questões Gerais	150405	Comentários
15	Quarta dimensão	<i>E eu acho que aqui no básico tem até mais espaços como esse, o lado do setor profissional são realmente poucos</i>		Questões Gerais	150406	Comentários
15	Quarta dimensão	<i>A primeira coisa que vem na minha cabeça é levar para a frente a luta da cota trans. Mas acho que como instituição... o espaço de convivência em si como um todo, acho que integralizar na sua burocracia</i>		Interseccionalidades	150407	Comentários
16	Quarta dimensão	<i>Sim. Em questão de ser respeitada pela forma como eu sou, eu me sinto bastante acolhida.</i>		Diversidade sexual	160401	Comentários
16	Quarta dimensão	<i>que bom que eu hoje me encontro num curso que tem muitas pessoas LGBT's Apesar de ter outras pessoas, né? Que não são e não gostam, mas a maioria é da comunidade ou é acolhedora em relação a essa questão.</i>		Diversidade sexual	160402	Comentários
16	Quarta dimensão	<i>Então eu sinto que eu tenho uma vivência, assim, bem saudável como uma mulher lésbica.</i>		Diversidade sexual Interseccionalidades	160403	Comentários
16	Quarta dimensão	<i>Então, eu acho que precisaria ter um incentivo maior para a permanência das pessoas aqui, com certeza.</i>		Questões Gerais	160404	Comentários
16	Quarta dimensão	<i>eu sinto que isso é uma realidade que não é de outros cursos, entendeu? Então, se tivesse isso em outros cursos, talvez se tornasse um ambiente mais acolhedor.</i>		Diversidade sexual	160405	Comentários
16	Quarta dimensão	<i>Cotas trans, com certeza. Mas sim, com certeza, é uma pauta que é urgente, já deveria ser uma realidade há um tempo aqui na UFPA.</i>		Interseccionalidades	160406	Comentários